

SIMONE DILL AZEREDO BOLZE

A RELAÇÃO ENTRE ENGAJAMENTO PATERNO E QUALIDADE
DE RELACIONAMENTO CONJUGAL DE PAIS COM CRIANÇAS
DE 4 A 6 ANOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

FLORIANÓPOLIS
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

B694r Bolze, Simone Dill Azeredo

A relação entre engajamento paterno e qualidade de relacionamento conjugal de pais com crianças de 4 a 6 anos [dissertação] / Simone Dill Azeredo Bolze ; orientadora, Maria Aparecida Crepaldi. - Florianópolis, SC, 2011.

144 p.: tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Responsabilidade paterna. 3. Família.
I. Crepaldi, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

CDU 159.9

Folha de Assinaturas

*Dedico este trabalho a meu
marido, amor da minha vida!
E ao meu filho, razão do meu
viver!
É por vocês que faço tudo isso.*

AGRADECIMENTOS

A conclusão do Mestrado representa a realização de um projeto de vida que há muito tempo eu sonhava em concretizar. Entretanto, isso só foi possível por eu ter tido no meu caminho pessoas que me ajudaram para que eu chegasse aqui. A vocês, meu reconhecimento e gratidão.

À professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pelo incentivo, confiança e compreensão.

Ao professor Dr. Mauro Luís Vieira, por problematizar minhas questões e me ajudar a pensar.

À Denise Duque, por ter despertado em mim o desejo de estudar casais.

Às colegas Samira Macarini e Michelli Rabusque, pelo auxílio para a prova do mestrado e no projeto de qualificação.

À equipe do CNA, especialmente a Dona Laila, por permitir e entender minhas ausências no trabalho.

Às famílias participantes do estudo, obrigada por abrirem as portas de suas casas e de suas vidas para contribuir com minha formação.

Às escolas parceiras do projeto, agradeço pela receptividade e disponibilidade.

Ao grupo de professores canadenses que nos instigaram para a realização da presente pesquisa, principalmente ao professor Marc Bigrès que colaborou com ideias para meu projeto.

À Viviane Vieira, pela ajuda com os cálculos estatísticos.

À amiga Bárbara Steffen Rech, pelas discussões, indicações de autores e ideias que incrementaram meu trabalho.

Às amigas e colegas do mestrado: a Carina, por ser solícita e companheira; a Lauren, por me inspirar com sua escrita profunda e detalhista; a Bia, pelos ensinamentos, por acreditar em mim e por me abrir tantos caminhos dentro do campo da pesquisa; a Natalia, por me ajudar a pensar.

Aos bolsistas de iniciação científica, Mariana, Vitor, Liziará e Marina: sou grata pela disponibilidade, companhia e conversas nas idas e vindas da coleta.

A minha família ampliada: aos meus pais, por terem me ensinado que educação deve ser prioridade. A minha mãe, que cuidou de meu filho para que eu pudesse concluir essa etapa. Aos meus sogros, irmão, cunhados e cunhadas, especialmente a Carla que leu meu projeto

e contribuiu com sugestões.

Ao Maurício, meu marido, companheiro, coorientador que me incentivou, compreendeu e tornou a realização deste sonho possível.

Ao meu filho, Arthur, que cresce lindo e forte em meio à sopa de letrinhas da mamãe. Filho querido, tu és muito mais do que o filho ideal. É para ter tua admiração e para te dar uma vida melhor que a mamãe faz tudo isso.

A Deus, pelos dons que me deste e por me iluminar, guiar, proteger e me dar força. Obrigada por sempre estar presente em minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa visa a caracterizar a relação entre engajamento paterno e qualidade de relacionamento conjugal. Trata-se de um estudo exploratório descritivo e correlacional, do qual participaram 50 famílias biparentais de crianças de 4 a 6 anos provenientes de quatro cidades localizadas no Sul do Brasil. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Engajamento Paterno (QEP), Escalas de Táticas de Resolução de Conflito Conjugal (CTS2) e Questionário Floreal. Os dados da pesquisa foram submetidos ao pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* e analisados de forma descritiva e correlacional. Os resultados mostraram que a maioria dos casais considera ter uma relação conjugal harmônica com uso de estratégia de negociação. Os dados sugerem que, de acordo com a percepção materna, o conflito entre pai e mãe e na presença da criança parece prejudicar, principalmente, duas dimensões do engajamento paterno que são disciplina e cuidados básicos. É possível, também, observar que quanto mais a mãe apresenta atitudes de reciprocidade negativa e personalidade individualista, menos o pai investe na criança. Os resultados indicam que o engajamento paterno está ligado à comportamentos maternos.

Palavras-chave: Pai. Engajamento paterno. Qualidade conjugal.

ABSTRACT

This research aims to characterize the relationship between paternal engagement and quality of marital relationship. It is an exploratory, descriptive and correlational study in which 50 two-parent families with children from 4 to 6 years old participated. They were from four cities located in southern Brazil. The instruments used were: Sociodemographic Questionnaire, *Questionnaire d'Engagement Paternel* (QEP), Revised Conflict Tactics Scales (CTS2) and Floreal Questionnaire. The survey data were submitted to statistical package *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* and analyzed in descriptive and correlational ways. The results showed that most couples considered themselves to have a harmonious marital relationship with the use of negotiation strategy. The data suggest that, according to maternal perception, the conflict between father and mother in the presence of the child seems to affect two dimensions of paternal engagement: discipline and basic care. It is also possible to observe that the more the mother has negative attitudes of reciprocity and individualistic personality, the less the father invests in the child. The results indicate that paternal involvement is particularly linked to maternal behavior.

Keywords: Father. Paternal engagement. Marital quality.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEPSH / UFSC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

CTS2 – Escalas de Táticas de Resolução de Conflito Conjugal/*Revised Conflict Tactics Scales*

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEI - Instituição de Educação Infantil

LABSFAC - Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade

NEPeDI - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil

QEP - Questionário de Engajamento Paterno/*Questionnaire d'Engagement Paternel*

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UM - Universidade de Montreal

UQÀM - Universidade do Quebec em Montreal

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas do procedimento de coleta de dados	62
Figura 2 – Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Resumo das principais características sociodemográficas do pai e da família.....	71
Tabela 2. Correlações de Spearman entre as variáveis sociodemográficas do pai.....	73
Tabela 3. Médias obtidas em cada uma das dimensões do engajamento paterno e QEP geral	74
Tabela 4. Médias do QEP em relação ao sexo da criança focal e diferença entre as médias	75
Tabela 5. Correlações entre as dimensões do engajamento paterno de pais de crianças do sexo masculino e as variáveis sociodemográficas do pai.....	76
Tabela 6. Médias e frequências das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas pelo pai e respostas da mãe a respeito dele	77
Tabela 7. Médias e frequências das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas pela mãe e respostas do pai a respeito dela	79
Tabela 8. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e as táticas de resolução de conflito exercidas pelo pai.....	80
Tabela 9. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e variáveis sociodemográficas	81
Tabela 10. Médias e desvios-padrão de pai e mãe nas dimensões do Floreal	82
Tabela 11. Correlações de Spearman entre as dimensões do Floreal exercidas pelo pai.....	85
Tabela 12. Correlações de Spearman entre as dimensões do Floreal paterno e do CTS2 paterno e materno	86
Tabela 13. Correlações de Spearman do QEP Paterno com dimensões do CTS2 e Floreal	88
Tabela 14. Médias obtidas no QEP geral e em cada uma das dimensões do engajamento paterno e materno	121
Tabela 15. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e a violência exercida pela mãe	121
Tabela 16. Correlações de Spearman entre as dimensões do Floreal materno e do CTS2 paterno e materno	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 OBJETIVOS	26
2.1 Objetivo geral.....	27
2.2 Objetivos específicos	27
HIPÓTESES.....	27
Hipótese geral	27
Hipóteses específicas	27
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
3.1 Perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano.....	28
3.2 O casamento e a formação da conjugalidade	33
3.2.1 A transição para a parentalidade.....	36
3.3 Engajamento paterno	39
3.3.1 A contribuição do engajamento paterno para o desenvolvimento da criança.....	43
3.4 Conflito conjugal	47
3.4.1 Consequências do conflito conjugal com relação aos filhos ...	52
4 MÉTODO	55
4.1 Delineamento	55
4.2 Contextos	55
4.3 Participantes.....	55
4.4 Instrumentos.....	56
4.5 Procedimentos para a coleta de dados	62
4.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados.....	63
4.5.2 Procedimentos para recrutamento e seleção da amostra	64
4.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita.....	65
4.6 Procedimentos para análise de dados	67
4.7 Considerações éticas	69
5 RESULTADOS.....	71
6 DISCUSSÃO	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
8 REFERÊNCIAS.....	102

APÊNDICE A – Autorização Institucional.....	117
APÊNDICE B – Carta-Convite	118
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ..	119
APÊNDICE D – Explicação da Substituição	120
APÊNDICE E – Tabelas dos resultados dos instrumentos aplicados nas mães	121
ANEXO A – Questionário Sociodemográfico	123
ANEXO B – Questionário de Engajamento Paterno	128
ANEXO C – Escalas de Táticas de Resolução de Conflito Conjugal (CTS2).....	132
ANEXO D – Questionário Floreal	141

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema engajamento paterno e sua possível relação com conflito conjugal. Para isso, parte-se do conceito de família, considerado um sistema ativo em constante transformação (Andolfi, 1984), a qual, geralmente, inicia com a formação do subsistema conjugal, quando duas pessoas adultas se unem para compartilhar uma vida a dois. O casal tem tarefas específicas, as quais devem ser implementadas pela complementaridade e acomodação mútua (Minuchin, 1982). Um dos principais desafios desse subsistema é conseguir comprometer-se com o mesmo, diferenciando-se da família de origem e promovendo um realinhamento dos relacionamentos com famílias ampliadas e a inclusão do cônjuge no grupo de amigos (Carter & McGoldrick, 1995b).

Esse subsistema marital passa para outro nível de formação familiar com o nascimento do primeiro filho. Para se transformar no subsistema parental, o casal deve se diferenciar para desempenhar as tarefas de cuidados e de socialização da criança, mas sem perder o apoio mútuo (Minuchin, 1982). Nessa fase desenvolvimental, é importante que o casal ajuste o sistema conjugal para criar espaço para o filho, una-se nas tarefas de educação da criança, financeiras e domésticas, e promova um novo realinhamento com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós (Carter & McGoldrick, 1995b).

Esse estágio tem um significado diferente para o homem e para a mulher. Historicamente, as mulheres foram educadas para ter e criar seus filhos. Os homens, por sua vez, ficaram imbuídos da proteção e de prover o sustento da família (Wagner, 2005). Com as mudanças econômicas, políticas e sociais ocorridas nas últimas décadas, as mulheres ampliaram seus espectros de responsabilidades, entraram efetivamente no mercado de trabalho, passando a não se dedicar exclusivamente à família. Com isso, os homens, enquanto pais, tiveram tanto de assumir um papel mais ativo na educação dos filhos quanto se engajar em diferentes tipos de interação com a criança (Bornstein et al., 1996).

Esse engajamento paterno na vida dos filhos começou a ser alvo de interesse de pesquisadores, a partir da década de 1970 (Lamb, 2000). Os estudos sobre essa temática mostram que o pai tem se envolvido de diferentes formas nos cuidados com os filhos e que isso repercute positivamente no desenvolvimento das crianças (Paquette,

2004b; Dubeau, Devault, & Paquette, 2009). Atualmente, observam-se pais que trocam fraldas, dão banho, brincam, levam os filhos à escola e ao pediatra, desempenhando diversas tarefas que até bem pouco tempo eram atribuídas somente às mães. Além disso, estudos indicam que o pai tem um papel específico na socialização e no controle da agressividade na fase da primeira infância (0 a 6 anos) (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Paquette, 2004b; Silva & Piccinini, 2007).

Essa função específica do pai é discutida pela *teoria da relação de ativação*, a qual se refere à figura ativa do pai enquanto seu filho explora o mundo externo (Paquette, Eugène, Dubeau, & Gagnon, 2009). A *relação de ativação* pai-filho favorece a criança na abertura ao mundo, a qual se caracteriza por uma dimensão do comportamento paterno que inclui dois principais papéis: a estimulação da autonomia e o autocontrole. Essa relação ocorre especialmente quando o pai se envolve em jogos físicos com seu filho (Paquette, 2004b). Os jogos de luta ou de batalha, por exemplo, podem facilitar a aprendizagem da regulação da emoção agressiva, disciplina, obediência e estabelecimento de competências e confiança em situações competitivas. Dessa forma, a criança desenvolve habilidades sociais e sente-se mais segura para relacionar-se com o ambiente externo (Paquette, et al., 2009).

Enquanto o pai exerce esse papel de ativar a autonomia e controle na assunção de riscos para que seu filho explore ambientes físicos e sociais, a mãe, por sua vez, estabelece uma relação de apego com a criança e a influencia na resolução de dificuldades emocionais, transmitindo-lhe calma e conforto. Essas diferenças entre os comportamentos paterno e o materno promovem uma multiplicidade de contextos de aprendizagem que são consideradas de maior riqueza para a crianças do que a homogeneização das práticas parentais. Assim, pais e mães influenciam a adaptação da criança ao seu meio ambiente de forma complementar (Paquette, 2004a; Paquette, et al., 2009).

Partindo do pressuposto de que a criança se beneficia das diferentes interações promovidas por pai e mãe, casais com filhos pequenos precisam se organizar e fazer uma série de combinações para bem criá-los. Entretanto, estudos que investigam essa fase de transição do sistema marital para o parental indicam que os cônjuges têm dificuldades de se ajustar a todas as mudanças advindas da parentalidade. As pesquisas apontam que a adição de uma criança à díade marital pode interromper a intimidade e comunicação e, por tal razão, resultar na deterioração da qualidade e satisfação conjugal (Belsky, Spanier, & Rovine, 1983; Bigras & Paquette, 2000; Doss,

Rhoades, Stanley, & Markman, 2009). Consequentemente, o ajustamento conjugal, os padrões de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelo casal influenciam o desenvolvimento de formas de cuidado dos filhos e a qualidade das relações entre os genitores e suas crianças (Braz, Dessen, & Silva, 2005).

Desse modo, outro aspecto que tem preocupado pesquisadores das áreas de família e desenvolvimento humano é o conflito conjugal e suas consequências para os filhos. Os estudos demonstram que crianças que vivenciam conflito entre os pais apresentam maior probabilidade de desenvolver distúrbios cognitivos e relacionais (Zimet & Jacob, 2001; El-Sheikh, Keller, & Erath, 2007). Além disso, problemas de saúde, depressão, baixo desempenho acadêmico e competência social são considerados possíveis decorrências do conflito para a criança (Gottman, 1998). As pesquisas também evidenciam que o fato de a criança ser submetida ao estresse familiar, em virtude de conflitos constantes entre os pais, pode possibilitar que ela desenvolva, na adolescência, comportamento agressivo, transtornos de conduta e abuso de substâncias (Cummings, Goeke-Morey, & Papp, 2004; Benetti, 2006).

O conflito conjugal é considerado um fenômeno complexo, pois pode se manifestar de várias formas e ter múltiplas causas (Boas, Dessen, & Melchiori, 2010). Em geral, os casais têm desavenças por motivos pessoais, ambientais e transgeracionais ou pela inter-relação desses fatores. Ademais, as fases de transição do ciclo vital são consideradas propícias para o desencadeamento de discórdias maritais, pois demandam novos ajustes e adaptações (Carter & McGoldrick, 1995a). O conflito conjugal pode se caracterizar por diferentes níveis de intensidade, frequência, conteúdo e resolução, além de ser manifestado de forma aberta ou velada (Benetti, 2006). Entretanto, há casais cujos conflitos são permanentes e que utilizam práticas destrutivas para a resolução dos mesmos, inclusive com uso de violência. Quando isso ocorre, o conflito pode causar prejuízo para a saúde dos cônjuges, bem como para o desempenho de atividades laborais, cognitivas e sociais (Fincham, 2003; Epstein, Baucom, & LaTaillade, 2006).

Apesar da importância da temática, uma pesquisa realizada nas bases de dados Index Psi (Conselho Federal de Psicologia/PUC-Campinas), PEPsic (Periódicos eletrônicos em Psicologia), Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) indica que a temática

conflito conjugal é pouco estudada no Brasil. A partir de uma busca nas plataformas de pesquisa¹ referidas, utilizando-se os descritores *conflito* e/ou *discórdia conjugal* e/ou *marital*, foram encontrados 67 artigos científicos escritos em língua portuguesa sobre o assunto. Entretanto, a análise dos resumos de cada um desses trabalhos mostrou que a maioria deles trata de temas específicos associados ao conflito conjugal como violência doméstica, separação e divórcio, dificuldades sexuais, entre outros. Dessa forma, a temática do conflito conjugal de forma mais ampla, na qual se investigam tipos de conflitos, causas e possíveis consequências, foi encontrada em apenas 13 estudos. O mesmo processo foi feito nos sítios de pesquisa internacionais *PsycInfo*, *Scopus* e *Springer*, nos quais foram encontrados diversos artigos sobre o tema. Entretanto, nenhum dos estudos relacionava o conflito conjugal com o engajamento paterno.

No que se refere ao engajamento paterno, a busca nas mesmas bases de dados mostrou que esse termo não é utilizado em artigos científicos brasileiros. Entretanto, percebe-se que alguns pesquisadores utilizam a expressão *envolvimento* ao invés de *engajamento*, e essas expressões são consideradas sinônimas. Contudo, a maioria das publicações científicas do Brasil, de uma forma geral, apresenta pesquisas realizadas com pais, isto é, pai e mãe, ou apenas com a mãe, mesmo quando essas investigam comportamentos paternos. Portanto, há uma carência de estudos nacionais que se proponham a pesquisar a díade pai-filho e a influência do papel paterno sobre o desenvolvimento das crianças (Cia, Williams, & Aiello, 2005).

Entre os estudos que contemplam a temática que é objeto da presente investigação, encontrou-se que o pai tem se engajado cada vez mais nos cuidados com os filhos e que isso tem um resultado positivo para o desenvolvimento infantil (Cabrera, et al., 2000; Silva & Piccinini, 2007). Da mesma forma, pesquisas apontam para o fato de que o conflito conjugal prejudica o funcionamento familiar e as relações entre pais e filhos, bem como das crianças com seus pares (Braz, et al., 2005). Partindo dessas duas constatações, o presente estudo visa investigar a relação entre o engajamento paterno e o conflito conjugal, tendo como embasamento teórico a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Compreende-se que o presente trabalho pode se concretizar como de relevância social e científica, pois seus resultados poderão contribuir na elaboração de estratégias de promoção do desenvolvimento

¹ Pesquisa realizada em 28/03/10.

da saúde psicossocial da família.

Nesse sentido, com esta pesquisa objetiva-se compreender a inter-relação entre dois subsistemas familiares, o conjugal (marido-esposa) e o parental (especialmente pai-filho), em situações em que há conflito entre o casal, buscando responder à seguinte pergunta:

Qual a relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar a relação entre engajamento paterno e táticas de resolução de conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as dimensões predominantes no engajamento paterno. São consideradas dimensões: suporte emocional, abertura ao mundo, cuidados de base, jogos físicos, evocações, disciplina e tarefas de casa.
- Descrever o relacionamento conjugal e as táticas de resolução de conflito entre casais.
- Identificar a frequência de conflitos interparentais na presença dos filhos.
- Verificar se há relação entre variáveis sociodemográficas (sexo da criança, idade, renda, escolaridade e jornada de trabalho do pai) com engajamento paterno e conflito conjugal.

HIPÓTESES

Hipótese geral

O engajamento paterno com o filho será maior quanto menor for a frequência de conflito conjugal entre os pais.

Hipóteses específicas

- Dentre as sete dimensões que envolvem o engajamento paterno, as mais frequentes serão disciplina, abertura ao mundo e jogos físicos (Paquette, et al., 2009, p.109).
- O engajamento paterno, de forma geral, será maior em relação ao filho do sexo masculino (Turcotte & Gaudet, 2009, p.54).
- O pai será menos engajado com o filho quanto maior for sua escolaridade, renda e carga horária de trabalho (Turcotte & Gaudet, 2009, p. 55).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano

Dentre os estudos nas áreas de família e desenvolvimento psicológico, encontram-se os que se fundamentam na Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano e que se alicerçam na Perspectiva do Desenvolvimento Familiar. Essa última abrange um corpo teórico que abarca diferentes autores que buscam estudar e definir as etapas de transição familiar. Desse modo, a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento é um dos aportes teóricos utilizados para compreensão dos processos que ocorrem no indivíduo e na família, ao longo do tempo.

A teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano foi elaborada por Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner & Ceci, 1994) e considera que o desenvolvimento ocorre em um ambiente de interações entre o ser humano e seu contexto de vida, sendo o desenvolvimento da criança influenciado, principalmente, por seu ambiente próximo, ou seja, sua família. Segundo o autor, as situações mais oportunas para a investigação sobre o desenvolvimento humano são os momentos de transição familiar, dentre as quais se podem salientar o casamento, o nascimento do primeiro filho, a chegada e saída de pessoas na família, o divórcio, o recasamento, etc. (Bronfenbrenner, 1995).

Cabe ressaltar, entretanto, que a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano não possui um aporte teórico para cada uma das fases de transição familiar, mas compreende que cada membro da família está atrelado ao desenvolvimento do grupo familiar como um todo, sendo que a investigação dos períodos de transição familiar apresenta-se como o modo mais adequado de entendimento da organização da família. Dessa forma, o principal foco das pesquisas de Bronfenbrenner está no modo como fatores extrafamiliares influenciam o funcionamento intrafamiliar e o desenvolvimento humano de forma geral (Wendt, 2006).

A teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano tem passado por revisões e ampliações conceituais desde sua proposição, em meados da década de 1970. Primeiramente, o autor definiu o Modelo Ecológico o qual considerava que o desenvolvimento consistia em um processo de interação recíproca entre a pessoa e seu contexto através do tempo. Esse modelo tinha no ambiente seu principal foco

(Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004; Prati, Couto, Moura, Poletto, & Koller, 2008).

Na teoria ecológica, os processos psicológicos eram compreendidos como propriedades de sistemas, nas quais a pessoa é apenas um dos elementos, sendo o foco principal os processos e as interações (Narvaz & Koller, 2004). Com o avanço de seus estudos, Bronfenbrenner passou a criticar sua teoria ecológica, pois entendia que essa dava muita ênfase aos aspectos do contexto e relegava aspectos da pessoa.

Dessa forma, Bronfenbrenner elaborou a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a qual ampliou os conceitos originais e incluiu aspectos da Pessoa, dos Processos e do Tempo. Dentre esses, os Processos receberam posição central na teoria, sendo definidos em termos da relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento. Assim, a Teoria Bioecológica propõe que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (Modelo PPCT) (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

O Processo: é o constructo fundamental da Teoria Bioecológica, tendo destaque a ênfase nos processos proximais – formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente que operam, ao longo do tempo, e são os motores primários do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004). O desenvolvimento humano ocorre quando há o estabelecimento de um padrão de interação estável e recíproco entre pessoas e seus ambientes (Prati, et al., 2008).

Bronfenbrenner (1999) salientou a importância da presença simultânea de cinco aspectos para que se estabeleça um processo proximal: (a) a pessoa deve estar engajada em uma atividade; (b) essa atividade deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo; (c) as atividades devem ser suficientemente longas e progressivamente mais complexas; (d) deve haver reciprocidade nas relações interpessoais; e (e) os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999).

Os processos proximais podem ocorrer quando a pessoa desenvolve atividades sozinha ou quando esta interage com outra(s) pessoa(s), formando sistemas diádicos (entre duas pessoas), triádicos (entre três pessoas) ou poliádicos (composto por quatro ou mais

pessoas). Uma díade serve como um bloco construtor básico do microsistema e pode assumir três formas funcionais diferentes:

- *Uma díade observacional*: ocorre quando uma pessoa está prestando cuidadosa atenção à atividade de outra.

- *Uma díade de atividade conjunta*: é aquela em que dois participantes se percebem como fazendo alguma coisa juntos.

- *Uma díade primária*: é aquela que continua a existir fenomenologicamente para ambos os participantes, mesmo quando não estão juntos (Bronfenbrenner, 1996).

Para Bronfenbrenner (1996), essas três formas de díades não são mutuamente exclusivas e podem ocorrer simultaneamente ao longo do desenvolvimento. Para o autor, o poder desenvolvimental das díades ainda envolve a intensidade e grau de reciprocidade, a relação afetiva e o equilíbrio de poder presente nas mesmas.

A *Pessoa*: é o segundo núcleo do modelo bioecológico, envolvendo tanto características determinadas biopsicologicamente quanto aquelas características que foram construídas na interação com o ambiente. Há três domínios de características da Pessoa que atuam no desenvolvimento e que influenciam os processos proximais, denominadas de *força*, *recursos* e *demandas* (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

No domínio da *força*, incluem-se os elementos com mais probabilidade de influenciar o desenvolvimento – as disposições comportamentais ativas – que podem acionar e manter os processos proximais ou retardar e, até mesmo, impedir sua ocorrência. As disposições podem ser geradoras (generativas) ou desorganizadoras (disruptivas). As características geradoras influenciam positivamente a ocorrência dos processos proximais e envolvem as orientações ativas, como curiosidade, tendência para iniciar e engajar-se em atividades individuais ou com outras pessoas, responsividade à iniciativa e autoeficácia. As disposições desorganizadoras abrangem as características disruptivas da pessoa que representam sua dificuldade em manter o controle sobre das emoções e comportamentos, dentre eles, a impulsividade, a explosividade, a desatenção, a agressividade, a apatia, a irresponsabilidade, a insegurança e a timidez (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Recursos, segundo domínio de características da pessoa, envolve experiências, habilidades e conhecimentos necessários que influenciam a capacidade da pessoa para engajar-se nos processos proximais, ao longo de diferentes estágios de desenvolvimento. As

habilidades relacionam-se às capacidades, aos conhecimentos e às experiências que, ao evoluírem ao longo da vida, ampliam os domínios nos quais os processos proximais podem operar construtivamente. Os recursos englobam também as deficiências que representam as condições que limitam o funcionamento integral do organismo, como deficiências física ou mental, os defeitos genéticos, a prematuridade, as doenças crônicas severas e o dano cerebral (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

As *demandas* pessoais constituem o terceiro grupo de características capazes de influenciar o processo de desenvolvimento. Referem-se a aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, favorecendo ou não a ocorrência dos processos proximais e o crescimento psicológico. Como exemplos, podem ser citadas a aparência física (atrativa ou não atrativa) e características de personalidade da pessoa tais como comportamentos ativos ou passivos. As interações das pessoas em desenvolvimento não se restringem apenas às pessoas, mas também aos objetos e símbolos que se situam nos diferentes contextos (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Bronfenbrenner e Morris (1998) também destacam que as características demográficas tais como idade, gênero e etnia, além de interagirem com as características ambientais e os eventos que ocorrem ao longo do tempo, influenciam a direção e a força dos processos proximais e, conseqüentemente, os resultados evolutivos que deles decorrem.

O Contexto: o terceiro componente do modelo bioecológico refere-se aos contextos de vida da pessoa que compreendem a interação de quatro níveis ambientais denominados: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Estes níveis estão articulados na forma de estruturas concêntricas inseridas uma na outra, formando o meio ambiente ecológico (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Narvaz & Koller, 2004).

- *Microssistema:* refere-se a um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento no contato face a face. As interações dentro do microssistema ocorrem com as características físicas, sociais e simbólicas particulares que promovem ou inibem o engajamento em interações progressivamente mais complexas no ambiente imediato. Exemplos incluem atividades com a família, escola, grupo de pares e no local de trabalho. É nesse ambiente imediato do microssistema que os processos proximais operam para produzir e sustentar o desenvolvimento. No entanto, os processos proximais dependem do

conteúdo e estrutura do microsistema (Bronfenbrenner, 1994).

- *Mesosistema*: é composto de conexões e processos que ocorrem entre duas ou mais situações que envolvem a pessoa em desenvolvimento (relações entre o lar e a escola, a escola e o local de trabalho, entre outros). Em outras palavras, o mesossistema é o conjunto dos microsistemas que uma pessoa frequenta e as inter-relações estabelecidas por eles, as quais favorecem quatro tipos de interconexões (Bronfenbrenner, 1994). São elas:

- Participação multiambiente: ocorre quando a pessoa participa de mais de um ambiente que oportuniza a existência de uma rede social quando esse processo acontece de forma sequencial. Assim, a pessoa desenvolvendo que participa de mais de um ambiente é chamada de *vínculo primário* e outras pessoas que participam dos mesmos dois ambientes são chamadas de *vínculos suplementares*. Uma diáde, em qualquer ambiente que envolve uma pessoa de ligação como membro é chamada de *diáde de ligação* (Bronfenbrenner, 1996).

- Ligação indireta: ocorre quando uma mesma pessoa não participa ativamente de dois ambientes, mas uma terceira pessoa serve como um *vínculo intermediário* que promove uma conexão entre os ambientes (Bronfenbrenner, 1996).

- Comunicações interambiente: se referem a mensagens transmitidas de um ambiente para o outro com a intenção de oferecer informações específicas para as pessoas do outro ambiente (Bronfenbrenner, 1996).

- Conhecimento interambiente: se refere a informações ou experiência que existe em um ambiente sobre o outro (Bronfenbrenner, 1996).

- *Exossistema*: envolve as ligações e processos que acontecem em ambientes que a pessoa não frequenta como um participante ativo, mas que também influenciam indiretamente processos do ambiente imediato no qual a pessoa em desenvolvimento vive. Três exossistemas são definidos por Bronfenbrenner como fundamentais ao desenvolvimento da pessoa, dada sua influência nos processos familiares: o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a família está inserida (Bronfenbrenner, 1986). Um exemplo no que concerne a uma criança inclui a relação entre o lar e o local de trabalho dos pais. Para os pais, pode-se citar a relação entre a escola e o grupo de pares da vizinhança (Bronfenbrenner, 1994).

- *Macrossistema*: consiste em um padrão amplo de características de culturas e subculturas dos micro, meso e exossistemas,

com referência particular no sistema de crenças, *corpus* de conhecimento, recursos materiais, costumes, estilos de vida, oportunidades, riscos e opções no curso de vida que fazem parte de cada um desses sistemas. O macrosistema deve ser pensado como uma matriz da sociedade para uma cultura e subcultura particular. Essa formulação aponta para a necessidade de ultrapassar rótulos simplificados de classe e cultura para identificar características psicológicas e sociais mais específicas no nível do macrosistema que, em última análise, afetam condições e processos particulares que ocorrem no microsistema (Bronfenbrenner, 1994).

O Tempo: é o quarto componente do modelo bioecológico e permite examinar a influência sobre o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo de vida. O tempo se constitui num quinto subsistema, o cronossistema que permeia as mudanças e as consistências no transcurso do desenvolvimento, levando em consideração a relação dinâmica entre as mudanças ao longo do tempo no interior da pessoa e, também, no ambiente. Este elemento é analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo (Narvaz & Koller, 2004).

O microtempo refere-se às continuidades e descontinuidades dos episódios de processos proximais que demarcam a estabilidade ou instabilidade no ambiente. O mesotempo é relativo à periodicidade (frequência e regularidade) dos processos proximais através de intervalos de tempo maiores, como dias e semanas. O macrotempo abarca os eventos mutantes na sociedade e no tempo histórico, tanto os relativos à geração da qual faz parte a pessoa em desenvolvimento, quanto os concernentes aos eventos ocorridos através das gerações (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Sendo assim, a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano abrange as continuidades e mudanças que ocorrem nos contextos e nos processos proximais, de acordo com os atributos e características da pessoa e das gerações que a antecederam. Para Bronfenbrenner (1986), a família é o principal *locus* de desenvolvimento humano, e os períodos de transições ecológicas que nela ocorrem são considerados momentos ideais para ocorrência de fenômenos desenvolvimentais e para o estudo dos mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Bronfenbrenner oferece especial atenção ao estudo das famílias e das relações entre pais e filhos (Bronfenbrenner, 1986). Para ele, a família é o coração do nosso sistema social (Bronfenbrenner, 2005). Entretanto, o autor expressa preocupação com relação à família,

especialmente pelas mudanças que ocorreram nas últimas décadas. Segundo ele, as questões econômicas que obrigaram ambos os pais a trabalhar, além do fenômeno de altos índices de divórcio e, conseqüente, monoparentalidade, acabam por prejudicar o desenvolvimento da família, principalmente das crianças.

Bronfenbrenner refere-se à importância da presença do pai e da mãe para o desenvolvimento da criança. Segundo ele, experimentos com crianças em que os pais estão presentes, um servindo de modelo e outro reforçando o comportamento, demonstram que a criança tende a apresentar um melhor desempenho do que quando só um dos pais está presente. Ele também salienta que a *performance* da criança é ainda melhor quando a pessoa que serve como modelo é do mesmo sexo e a que reforça o comportamento, do sexo oposto (Bronfenbrenner, 2005).

Por essa razão, Bronfenbrenner (2005) afirma que a ausência paterna revela efeitos deletérios no desenvolvimento psicológico da criança. Para o autor, tal ausência é especialmente crítica durante os anos pré-escolares, afetando mais os meninos do que as meninas. Além disso, a falta do pai opera direta e indiretamente sobre a criança, pois também influencia o comportamento da mãe. Bronfenbrenner (2005) também constata que um modelo que inclui dois adultos de sexos opostos (pai e mãe) parece servir como um modelo mais efetivo para a socialização da criança.

Dessa forma, seguindo a concepção de Bronfenbrenner, ao se traçar um projeto de pesquisa que envolve o estudo de famílias, deve-se levar em consideração as diversas variáveis que influenciam o ciclo de vida familiar. Para tanto, o modelo PPCT possibilita a visualização do desenvolvimento humano de forma integral e contextualizada através do tempo. Partindo dessa perspectiva, o presente estudo busca compreender as fases desenvolvimentais do casamento e da transição para a parentalidade e, a partir delas, discutir especificamente o engajamento paterno e sua relação com conflito conjugal.

3.2 O casamento e a formação da conjugalidade

O significado atualmente atribuído ao casamento é profundamente diferente do sentido a ele conferido, ao longo de toda a história da humanidade. Tradicionalmente, a união pelo matrimônio estava firmemente inserida na estrutura econômica e cultural da vida em sociedade (Féres-Carneiro & Neto, 2005). A ideia ligada ao casamento era romântica como em *“e viveram felizes para sempre”*. Com a

mudança no papel da mulher nas últimas cinco décadas, especialmente no que tange às conquistas profissionais, liberação sexual e independência financeira, a sociedade está sendo forçada a redefinir o casamento (Carter & McGoldrick, 1995b; McGoldrick, 1995; Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006).

Caillé (1994) discute que o casamento segue uma lógica na qual um e um formam três. Segundo ele, cada um dos cônjuges se distingue pelo sexo, pela sua história de vida e pela cultura da família de origem. A dinâmica do casal se estrutura no confronto de percepções diferentes do mundo, na oposição de visões antagônicas. A vida conjugal pode ser vista como um eterno processo dialético que atinge sínteses transitórias e reformuláveis. Segundo o autor, a síntese é possível se houver a possibilidade de reconquista de um absoluto de casal. O absoluto é uma síntese, plena de significado, das diferenças entre duas pessoas. O absoluto do casal é um modelo único de ser casal, o que define a existência conjugal e estabelece seus limites.

Com relação a esse modelo único de ser casal, Féres-Carneiro (1998) explica que o casal é composto por duas individualidades que formam uma conjugalidade. Segundo ela, cada um dos cônjuges traz consigo uma identidade, uma história pessoal, planos, sonhos, expectativas que, na relação amorosa, se juntam para estabelecer uma história a dois, um projeto de vida em comum, uma identidade conjugal. Segundo a autora, um dos maiores desafios para a constituição e manutenção do casamento é o estabelecimento de um equilíbrio entre os valores individuais de cada cônjuge e a vivência da conjugalidade, daquilo que é a realidade comum do casal, dos desejos e projetos conjugais.

Sendo assim, tornar-se um casal é uma das tarefas mais difíceis do ciclo vital. O casamento requer que duas pessoas renegociem juntas uma série de questões que definiram previamente em termos individuais, ou que foram definidas por suas famílias de origem, tais como quando comer, dormir, conversar, fazer sexo, brigar, trabalhar e relaxar. O casal também precisa definir como utilizar o espaço, o tempo e o dinheiro, além de decidir os rituais e tradições familiares que serão mantidos e outros que serão modificados. Além disso, o casal terá de renegociar os relacionamentos com pais, irmãos, amigos, família ampliada e colegas de trabalho (McGoldrick, 1995).

Dessa forma, o casamento implica em uma reorganização interna de cada um dos cônjuges e uma reorganização para a construção de uma identidade conjugal (Féres-Carneiro, 2003). Além disso, Jesse Bernard (1972 como citado em Papp, 1995, p.148), afirma que, ao

examinar a instituição matrimonial, deveria se considerar separadamente o casamento da mulher e do homem, porque o estado conjugal é diferentemente experimentado pelos parceiros.

Um dos conceitos que está em voga atualmente no que se refere ao casamento é a qualidade conjugal, a qual se refere a aspectos relacionados ao bem-estar emocional do casal (Mosmann, Lomando, & Wagner, 2010). Entretanto há, pelo menos, sete teorias distintas que tentam explicar esse conceito. Essas são a teoria Comportamental, do Apego, da Troca Social, da Crise, do Interacionismo Simbólico, dos Sistemas Familiares e o Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse (Mosmann, et al., 2006).

Cada uma das teorias citadas apresenta uma base conceitual complexa que se assemelha em alguns aspectos e se diferencia em outros. No entanto, de acordo com a revisão de literatura, o *Modelo de Adaptação da Vulnerabilidade ao Estresse* de Karney e Bradbury (1995) parece ser o que integra as demais teorias, ao considerar como determinantes da qualidade conjugal *o contexto, os recursos pessoais e os processos adaptativos* (Karney & Bradbury, 1995; Mosmann, et al., 2006).

Esse conceito evidencia que a qualidade conjugal é multidimensional e vulnerável a todas as variáveis que compõem sua definição. Assim, o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos aparecem como as três principais dimensões que levariam à autopercepção e a um conseqüente nível de qualidade conjugal (Mosmann, et al., 2006).

Essa ideia parece ter semelhança com o modelo PPCT de Bronfenbrenner, pois leva em consideração os processos proximais, ou seja, relacionais de cada um dos cônjuges, além dos atributos de pessoa (personalidade, temperamento) e as características ambientais (contexto). Entretanto, essas variáveis também devem ser consideradas através do tempo, pois o casal vai se modificando conforme as transformações que ocorrem através dos anos que permanecem juntos.

A qualidade conjugal também pode ser comprometida por situações de estresse familiar e pelo fluxo de ansiedade ocasionada por elas. Carter e McGoldrick (1995) consideram que o fluxo de ansiedade de uma família pode vir de *estressores verticais* ou *horizontais*. Os *estressores verticais* envolvem os padrões, mitos, segredos e legados familiares que passam de uma geração para outra e que cada um dos cônjuges traz consigo para a relação. Os *estressores horizontais* abarcam os estresses produzidos na família, conforme essa avança no

tempo, e incluem tanto os estresses desenvolvimentais previsíveis (transições do ciclo de vida) quanto os eventos imprevisíveis (morte precoce, doença crônica, acidente, etc.).

Desse modo, um estresse horizontal pode fazer com que o casal se desorganize na sua forma de funcionar. Caso o estresse aconteça em um casal que já vivencie um estresse vertical, esse pode tornar-se disfuncional ou até romper com o sistema conjugal. Assim, é esperado que o casal, ao longo do relacionamento, enfrente alguns problemas e sinta a necessidade de fazer ajustes e se adaptar às novas demandas que surgem. Contudo, há casais que apresentam dificuldades para fazer tais adaptações.

Por essa razão, McGoldrick (1995), baseada no modelo de família americana, aponta alguns fatores de ajustamento conjugal que são considerados como preditivos para possíveis conflitos entre o casal: a) pessoas que casam após uma perda significativa ou por um desejo de distanciar-se da própria família de origem; b) histórias familiares significativamente diferentes dos cônjuges (religião, educação, classe social, etnicidade, as idades dos parceiros, constelações fraternas, etc.); c) o casal reside ou muito perto ou há uma grande distância da casa da família de origem e/ou depende de alguma das famílias de origem em termos financeiros, físicos ou emocionais; d) o casal casa depois de um conhecimento de menos de seis meses ou de mais de três anos de noivado ou quando os cônjuges são muito jovens (menores de 20 anos); e) o casamento ocorre sem a presença da família e dos amigos ou por uma gravidez inesperada; entre outros.

Além dos fatores citados, achados da literatura demonstram que há uma queda na satisfação conjugal nos primeiros anos de casamento (Bigras & Paquette, 2000; Braz, et al., 2005; Silves & Souza, 2008). Esse decréscimo na satisfação com o relacionamento, geralmente, está associado à chegada do primeiro filho. Portanto, cabe ressaltar que o nascimento de uma criança tem um impacto importante sobre a conjugalidade.

3.2.1 A transição para a parentalidade

A transição para a parentalidade tem sido foco de estudo para os pesquisadores da área de família, principalmente para aqueles que compreendem família como um sistema social integrado de papéis e *status*. O nascimento de um filho ocasiona uma crise na díade marital por envolver uma adição e transformação do sistema: de duas para três pessoas (Belsky, et al., 1983; Bigras & Paquette, 2000; Doss, Rhoades,

Stanley, & Markman, 2009; Doss, Rhoades, Stanley, Markman, & Johnson, 2009).

É geralmente na *fase de aquisição* do ciclo vital que um casal decide ter filhos, seja por um desejo ou por uma gravidez inesperada que é aceita. A transição para a parentalidade interfere na relação conjugal e é vivida de forma diferente pelos cônjuges. A mulher tende a sentir-se sensível e frágil durante a gravidez e logo após o parto. O homem, por outro lado, tende a sentir a vinda do filho como um grande desafio a ser enfrentado (Cerveny & Berthoud, 2002; Toneli, Crepaldi, & Vieira, 2006).

A gravidez da companheira parece trazer mudanças significativas no que se refere à relação conjugal e às prioridades de vida do homem. Sentimentos de medo e insegurança por parte do futuro pai podem estar presentes (Cunningham, 2003). Por sua vez, as pesquisas evidenciam que os homens se engajam na vida do filho desde a gestação, demonstrando carinho e preocupação com o mesmo e com o ambiente que o cerca (Bolli, 2002; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004). Além disso, o homem passa a dar maior atenção à mulher e preocupa-se em estar em união com a mesma. Nessa fase, é comum aparecer também queda da intensidade sexual e mudança da imagem da companheira, fatores que, a princípio, não acarretam prejuízo para a relação conjugal como um todo (Toneli, et al., 2006).

Sentimentos dessa natureza independem da idade do homem, pois um estudo que investigou semelhanças e particularidades nas expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos que esperavam seu primeiro filho apontou que a idade não é necessariamente um fator determinante nas expectativas e sentimentos relacionados à transição para a paternidade. Os resultados apresentaram expectativas positivas quanto ao relacionamento com o bebê e à paternidade. Entretanto, os dois grupos de futuros pais, adolescentes e adultos, indicaram certo receio quanto à capacidade de exercer o papel paterno (Andreani, 2006; Levandowski & Piccinini, 2006).

Outra mudança que pode aparecer com a gravidez da companheira é a síndrome de *couvade* (Cunningham, 2003). Essa síndrome se caracteriza por um conjunto de sintomas físicos e psicológicos experienciados, principalmente, por pais biológicos nos primeiro e terceiro trimestres de gestação de suas companheiras e com término logo após o nascimento do filho. Os sintomas mais comuns são alteração de apetite, preferência por algum alimento, náusea, enjoo, nervosismo e mau humor (Martini, Piccinini, & Gonçalves, 2010). O

pico de incidência dos mesmos costuma ocorrer no terceiro mês de gestação. A síndrome de *couvade* é considerada um fenômeno global em países industrializados. Entretanto, ela não está descrita nos manuais nosológicos (DSM-IV e CID-10), e os homens que a apresentam tendem a ser diagnosticados como portadores de transtorno psicossomático (Brennan, Ayers, Ahmed, & Marshall-Lucette, 2007).

Dessa forma, percebe-se que o homem pode vivenciar a gestação da companheira em termos físicos e emocionais. Portanto, a participação dele na vida do filho desde a gestação contribui para a percepção da gravidez como um período de transição ao exercício da paternidade, permite o sentimento de inclusão e o ajuda a elaborar seu novo papel no ciclo de vida. Nessa fase, valores e prioridades são redimensionados na relação conjugal. Alguns homens referem preocupações com a malformação fetal, com as adversidades do mundo contemporâneo e com o período da adolescência que seu filho irá enfrentar. A questão financeira aparece como principal preocupação no exercício da paternidade, seguida do desejo de envolvimento no desenvolvimento dos filhos (Bornholdt, Wagner, & Staud, 2007).

Com relação à participação do pai na sala de parto, um estudo revelou que apenas 17% dos 35 pais entrevistados manifestaram desejo de assistir ao parto. Este dado parece indicar que o parto ainda é visto como algo essencialmente feminino, onde a participação do pai não encontra lugar (Piccinini, et al., 2004) Segundo os autores, essa ideia pode ser reforçada pela equipe médica e pela organização hospitalar que nem sempre incentiva ou permite a participação do pai no trabalho de parto, especialmente em hospitais da rede pública. Além disso, o próprio pai pode sentir-se despreparado para acompanhar a experiência do parto (Felizardo, Amaro, Evangelista, Matos, & Duarte, 2010).

Em contrapartida, outra pesquisa evidenciou que a parturiente considera a presença de seu companheiro, na sala de parto, uma importante referência emocional e aponta que o apoio oferecido por ele, que, na maioria das vezes, é o pai do bebê, é influenciado por sua disponibilidade e seus conhecimentos acerca da parturição (Motta & Crepaldi, 2005). Sendo assim, para que o pai possa envolver-se com o filho, torna-se importante que o mesmo tenha a oportunidade de vivenciar a gestação e eventos ligados à vida da criança. Na prática, percebe-se que muitas mulheres ainda não incluem seus companheiros no processo gestacional. Eles também não costumam ser convidados a participar dos encontros de pediatria, após o nascimento do bebê. Isso implica que, diferente da mulher, os homens geralmente não têm o acompanhamento profissional para esta etapa do ciclo vital (Felizardo,

et al., 2010). Entretanto, pesquisas apontam que o suporte oferecido ao pai pelos profissionais de saúde e pela sua família é recebido como positivo pelo mesmo, principalmente nos períodos pré e pós-natal (Andreani, 2006; Montigny, Lacharité, & Amyot, 2006).

Essa não inclusão do pai no processo gestacional e nas primeiras tarefas que concernem aos cuidados com a criança pode ser explicada por questões históricas e culturais. A revisão de literatura aponta que, até a década de 1970, a divisão tradicional dos papéis parentais considerava a mãe como responsável pelos cuidados e educação dos filhos. O pai, por sua vez, era visto tanto como um protetor da díade mãe-criança quanto um provedor de recursos necessários a eles (Paquette, et al., 2009). Hoje, em muitas culturas, o pai não é pródigo ou quase não cuida de seus filhos, mas o papel de provedor e de chefe de família ainda parece ser generalizado (Hewlett, 2000). Assim, os papéis do pai são mais variáveis de uma cultura para outra do que os papéis maternos e são considerados secundários e menos importantes para adaptação e sobrevivência das crianças (Paquette, et al., 2009).

Além do exposto, no que se refere, principalmente, aos países ocidentais, as transformações sociais observadas nos últimos 30 anos exigiram a entrada da mulher no mercado de trabalho e afetaram o funcionamento da família, inaugurando, entre outras mudanças, um papel mais ativo do pai (Dubeau, et al., 2009). Essa nova distribuição de papéis parentais abriu o caminho para uma conceituação do que se chama de engajamento paterno.

3.3 Engajamento paterno

Os pais desempenham diferentes papéis em função do contexto cultural no qual estão inseridos, e estes papéis são multidimensionais e complexos. Segundo Lewis e Dessen (1999), o pai tradicional é aquele que centra suas atividades no mundo do trabalho, havendo pouco engajamento no cuidado dos filhos. O pai moderno está envolvido no desenvolvimento dos filhos, mas enfatiza o papel sexual, o desempenho acadêmico e o desenvolvimento moral, e o pai emergente é aquele que compartilha de forma mais igualitária as tarefas de cuidados dos filhos (Braz, et al., 2005).

No decorrer das últimas quatro décadas, constata-se o surgimento de uma preocupação de pesquisadores da área da Psicologia do Desenvolvimento acerca do papel do pai. Há uma heterogeneidade de

denominações para discutir a participação do pai na vida da criança e a contribuição do mesmo para o desenvolvimento infantil. Turcotte e Gaudet (2009) realizaram uma análise das formas e nomenclaturas utilizadas nos estudos sobre o pai e constataram que alguns estudiosos priorizam a intensidade do relacionamento com a criança, quanto tempo o pai gasta com o filho. Outros já são mais interessados na natureza da relação com a criança, o que o pai faz com ela. Outros, ainda, se preocupam em investigar a qualidade das relações pai-criança, a forma como o pai faz. Dentre as definições que têm emergido, destaca-se a da paternidade responsável, o investimento, o envolvimento e o engajamento paterno.

A concepção de paternidade responsável implica em o pai estabelecer a paternidade no sentido de ser presente na vida da criança, dividir o suporte econômico e ser pessoalmente envolvido em colaboração com a mãe (Borisenko, 2007). A ideia de investimento, em contrapartida, está mais associada à biologia evolucionária e compreende as atividades nas quais o pai se engaja para contribuir com a sobrevivência da espécie e garantir seu sucesso reprodutivo (Hewlett, 1992). Com relação ao envolvimento paterno, uma das caracterizações que é considerada bem definida por Turcotte e Gaudet (2009) sugere três dimensões para este conceito: *interação, acessibilidade e responsabilidade* (Lamb, 2000; Lamb, Pleck, Chanov, & Levine, 1985; Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987).

Interação e/ou Engajamento: o primeiro e mais restrito tipo de envolvimento paterno refere-se ao tempo despendido em interação dual com a criança, seja alimentando-a, ajudando-a nas tarefas escolares ou brincando de pegar no jardim. Dessa forma, a interação envolve a experiência do pai no contato direto com o filho, os cuidados e atividades compartilhadas. Cabe ressaltar que esse conceito não se refere ao tempo gasto com tarefas domésticas relacionadas à criança ou quando o pai está numa peça e a criança brincando em outra parte da casa.

Acessibilidade: é uma segunda categoria composta por atividades caracterizadas por graus de interação menos intensos. Nesse sentido, refere-se à presença e disponibilidade do pai para com a criança, sem levar em conta o tipo de interação entre ambos (um exemplo seria quando o pai cozinha, enquanto a criança brinca em outra peça).

Responsabilidade: está associada à participação do pai em tarefas como a escolha do pediatra e agendamento de consultas, contratação de babás, seleção de ambientes de cuidado à criança, combinações de cuidados após a escola, conversas com professores e

monitoramento da criança em diferentes locais e atividades (Lamb, et al., 1985; Lamb, et al., 1987; Cabrera, et al., 2000; Bolli, 2002; Silva & Piccinini, 2007).

Esse entendimento de envolvimento paterno foi adotado por Dubeau et al. (2009) de forma mais específica, sendo denominado *engajamento*. Esses autores definiram o conceito de engajamento paterno como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto a respeito do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. O engajamento se exprime de diferentes formas e se desenvolve passo a passo e a sua maneira, contemplando as seguintes características no pai:

- Pai em interação: presença direta ou indireta do pai para com a criança.
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas.
- Pai afetivo: expressa gestos e palavras que tranquilizam e encorajam.
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança.
- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança.
- Pai evocativo: pensa na criança (Dubeau, et al., 2009, p.75, tradução livre).

De acordo com Turcotte e Gaudet (2009), o nível de engajamento paterno resulta da interação dinâmica de fatores relevantes que envolvem, ao mesmo tempo, características do pai, das crianças, da mãe e do contexto social. A partir de uma perspectiva ecológica, as autoras desenvolveram um esquema que mostra três diferentes domínios que influenciam no engajamento paterno. São eles: as características pessoais do pai, do contexto familiar e do ambiente social.

Com relação às características do pai, devem-se considerar as seguintes variáveis: a relação do pai com seu pai na infância; atitudes e crenças sobre os papéis de gênero; o sentimento de competência paterna e de certas peculiaridades sociodemográficas do pai como idade e *status* social. Observando-se a primeira dessas variáveis, apesar de não haver consenso, resultados da literatura indicam que os homens mais propensos a participar ativamente no cuidado e na relação emocional com a criança são os que tiveram uma relação e imagem mais positiva de seus pais na infância (Cabrera, et al., 2000; Turcotte & Gaudet,

2009). Isso indica que as relações transgeracionais influenciam na transição para a parentalidade (Toneli, et al., 2006).

Em se tratando das questões de gênero, a divisão de tarefas domésticas e o cuidado dispensado aos filhos são os principais aspectos causadores de conflito entre o casal (Carter & McGoldrick, 1995b). Pesquisadores têm examinado o efeito do sistema de crenças sobre a divisão de papéis entre homens e mulheres e concluem que a rigidez de papéis mais tradicionais aumenta a probabilidade de dificuldades no relacionamento marital, enquanto os cônjuges que experienciam um relacionamento mais igualitário estão mais satisfeitos (Braz, et al., 2005; Gottman, 1998). Assim, pais que têm uma atitude liberal em relação às atribuições masculinas e femininas têm influência positiva sobre as várias dimensões do engajamento paterno e, especialmente, sobre a participação na atenção básica da criança (Turcotte & Gaudet, 2009).

Turcotte e Gaudet (2009) também revisaram estudos que revelam que o pai tem mais tendência a participar nos cuidados da criança e envolver-se em atividades de lazer com ela se ele sente que tem as habilidades necessárias para fazer isso. Por isso, as autoras enfatizam o sentido de competência paterna que se dá justamente quando o pai tem a oportunidade de interagir com o filho e, através de experiências bem-sucedidas, adquire confiança em suas habilidades enquanto pai.

No que tange a aspectos sociodemográficos, a idade não parece ser um complicador único para o engajamento. Entretanto, a literatura sobre a paternidade em outros contextos ecológicos (pais adolescentes ou cônjuges de mães adolescentes, pais desfavorecidos ou de minorias étnicas) indica que jovens pais enfrentam obstáculos importantes no exercício do seu papel parental (Turcotte & Gaudet, 2009).

O contexto familiar também é considerado fundamental na determinação de várias dimensões do engajamento paterno, principalmente, no que tange às características das mães, da criança e da relação conjugal. Nesse sentido, crenças e percepções das mães no que diz respeito à função paterna com comportamentos que promovem ou impedem uma maior participação dos pais estão no âmago da questão. Há mulheres que são inseguras e que não acreditam que seus maridos sejam capazes de cuidar adequadamente de seus filhos. No que se refere às características das crianças, há evidências na literatura de que gênero, idade e temperamento influenciam no engajamento paterno. Por fim, resultados de pesquisas mostram que os homens são mais envolvidos em várias áreas da vida dos filhos se a relação com a mãe da criança é

harmoniosa e satisfatória (Turcotte & Gaudet, 2009).

As características do ambiente social se referem às influências de um vasto campo de condições de vida das famílias: o local de trabalho dos pais, serviços disponíveis na comunidade, os laços sociais, a cultura e políticas públicas. Sobre esse aspecto, ressalta-se que quanto mais o pai investe tempo e energia em seu trabalho, menos ele está ativamente engajado na vida de seus filhos (Bronfenbrenner, 1986; Early Child Care Research Network [NICHD], 2000). Consequentemente, pais desempregados se envolvem mais nos cuidados com a criança. Paradoxalmente, pais que perdem empregos tendem a apresentar sintomas de ansiedade e sofrimento psíquico e, por conseguinte, adotam atitudes negativas com os filhos (pouca demonstração de afeto e críticas constantes) (Turcotte & Gaudet, 2009).

Constata-se a multiplicidade de variáveis que envolvem o engajamento paterno. Assim, o pai pode assumir diferentes atribuições dentro do sistema familiar e na interação com seu filho, como: companheiro, provedor de cuidados, cônjuge, modelo, guia moral, professor, provedor financeiro, sendo que em todas essas ele possui uma relativa importância e impacto sobre o desenvolvimento da criança. Dentre essas, o suporte econômico da família constitui um indireto, porém importante meio no qual o pai contribui para a criação e saúde emocional de suas crianças (Prado, Piovanotti, & Vieira, 2007).

Por esse motivo, pais são mais vulneráveis do que mães sob estresse econômico e insegurança financeira, justamente por prejudicar uma dimensão central da função paterna, a de provedor econômico. Entretanto, observa-se que os pais que adotam uma definição multidimensional do papel paterno, que vai além do papel de provedor, são mais propensos a assumir a responsabilidade pela guarda de crianças, para demonstrar afeto e participar na educação dos filhos (Turcotte & Gaudet, 2009). Sendo assim, além do apoio financeiro, o pai pode contribuir de várias maneiras no sentido de promover o desenvolvimento pleno de capacidades e potencialidades de seus filhos.

3.3.1 A contribuição do engajamento paterno para o desenvolvimento da criança

O pai pode influenciar o desenvolvimento infantil de diversas maneiras. Entretanto, ainda hoje o sustento financeiro da família é estabelecido como parte do papel paterno em várias sociedades, mesmo naquelas em que pais e mães trabalham fora. Esse fenômeno é atribuído

à disparidade de salários entre homens e mulheres que faz com que o pai seja o provedor primário da família. Uma segunda influência paterna considerada importante é o suporte emocional que o pai oferece à mãe, o qual tende a aumentar a qualidade da relação mãe-filho e, conseqüentemente, facilitar a adaptação positiva da criança à família (Lamb, 2000).

Estudos recentes têm demonstrado que há diferenças específicas nos tipos de cuidados que cada um dos pais provê aos filhos e, conseqüentemente, nas contribuições dos mesmos para o desenvolvimento infantil. O pai parece oferecer um tipo de cuidado diferente do materno e contribui de forma significativa para a socialização da criança (Paquette, 2004a, 2004b).

O estudo de Bourçois (1997 como citado em Dubeau et al., 2009, p. 105), sobre as modalidades de presença do pai no desenvolvimento social de crianças pré-escolares demonstra que essas se beneficiam de abertura maior aos pais se o pai é ao mesmo tempo engajado e se o engajamento é distinto do da mãe (diferenciado). Dessa forma, a heterogeneidade de interações oferecidas por pai e mãe é considerada benéfica para a criança, pois oportuniza várias possibilidades de aprendizagem (Dubeau, et al., 2009).

Tronto (1997) apresenta as diferenças entre os conceitos “cuidar de” e “cuidar com”. De acordo com a autora, “cuidar de” envolve responder às necessidades particulares, concretas, físicas, espirituais, intelectuais, psíquicas e emocionais. Esse tipo de cuidado é geralmente oferecido por mulheres. Já “cuidar com” significa “preocupar-se com”. É uma atividade moral e que incita responsabilidade nos homens.

Os dois tipos de cuidado parecem ser importantes para o desenvolvimento da criança. Entretanto, o que se percebe na literatura sobre o assunto é que a responsabilidade da mãe ainda se evidencia como maior, sendo que o pai não costuma ser o responsável pelos cuidados diários necessitados pelo filho, mas aparece como coadjuvante (Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Para os casais, o domínio da disciplina de interação pai-criança é percebido como o de maior participação paterna (Toneli, et al., 2006).

Outro estudo que se refere ao papel do pai no que diz respeito à imposição da disciplina investigou a concepção de pais e mães acerca do comportamento paterno real e ideal e apontou que há uma tendência de o pai avaliar sua participação como mais efetiva do que imagina a mãe. Entretanto, a pesquisa constatou que não houve diferença significativa na concepção de mães e pais sobre o que seria o

comportamento paterno ideal. Dentre os pontos de concordância entre os casais participantes do estudo, percebeu-se que os pais possuem percepções semelhantes sobre o ideal e o real para o pai no domínio de interação disciplinar. Isso indica que o pai é considerado importante na imposição de regras, limites e conceitos sobre “o que é certo e o que é errado”. Dessa forma, o pai tem uma função no que se refere ao bom comportamento da criança na esfera social (Prado, et al., 2007).

A explicação para essa responsabilidade maior do pai com relação ao estabelecimento da disciplina para as crianças vem da abordagem ecológica que mostra que as mães são mais empáticas e afetivas e tendem a acalmar a criança em sofrimento. Os pais, por sua vez, obtêm obediência dos filhos mais facilmente devido a sua autoridade persuasiva. Eles tendem a colocar a criança em situações nas quais ela é obrigada a confrontar-se com o ambiente a sua volta enquanto fornecem proteção impondo limites (Paquette, 2004a).

Além disso, o pai parece ter uma função de abertura ao mundo para a criança, sendo que essa abarca dois papéis paternos fundamentais: a estimulação da autonomia e do controle. Essa função consiste em estimular a criança a explorar o ambiente imediato e a se adaptar para que ela possa desenvolver as habilidades de combate, explorar o território para encontrar recursos, capacidades que são necessárias para assegurar, depois de adulto, sua sobrevivência (Paquette, et al., 2009).

A função paterna de abertura ao mundo está no cerne da teoria da ativação que pressupõe o pai ativo em interação com a criança e que a estimula a explorar o mundo externo. A relação de ativação pai-filho adequada facilita a aprendizagem de regulação da emoção agressiva, disciplina, obediência, desenvolvimento de competências e confiança em situações competitivas. Entretanto, quando o pai não realiza esse tipo de estímulo ou o faz de forma precária, a criança pode ser subativada e apresentar tendência a ser excessivamente cautelosa em face de novidades, ter medo de estranhos, inibir emoções e, posteriormente, desenvolver problemas internalizantes. Por outro lado, quando a criança é superativada pelo pai, ela poderá ser mais agressiva e pouco temerária na sua exploração (o que irá resultar em lesões mais acidentais) e desenvolver problemas de externalização (Paquette, et al., 2009).

Sendo assim, o pai parece ter uma função de ativação específica com os filhos na exploração do mundo externo, o que lhe favorece um importante papel na socialização da criança. Os homens,

em geral, têm uma tendência a excitar, surpreender e, momentaneamente, desestabilizar a criança, especialmente o filho do sexo masculino. Eles também tendem a encorajar a criança a correr riscos enquanto garantem segurança, permitindo que ela tenha bravura em situações não familiares (Paquette, 2004b). Desse modo, o pai age como catalisador para a tomada de riscos no sentido de que ele incentiva a criança a tomar iniciativa, a explorar, a se aventurar, a medir um obstáculo, a ser mais ousada na presença de estranhos e a reclamar dos outros (Kromelow, Harding, & Touris, 1990; Paquette, et al., 2009).

Tendo em vista que se atribui aos homens maior tendência à agressão física, os pais são mais indicados que as mães na tarefa de ajudar os filhos a controlar a agressividade, aprendendo a expressá-la de maneira socializada e no momento certo. Um dos jogos importantes que o pai geralmente desenvolve com seus filhos é a “brincadeira de lutinha” (*Rough and Tumble Play*), o qual é considerado um dos mecanismos que oportuniza o decréscimo da agressão física na maioria das crianças, depois dos 2 anos (Paquette, 2004b). Os pais também têm menos tendência do que as mães para resolver problemas no lugar da criança, fazendo com que ela aprenda a reagir a acontecimentos imprevistos. Tal aprendizagem é facilitada por jogos desestabilizadores, criativos e originais (Labrell, 1996; Paquette, et al., 2009).

O pai, também, desempenha o papel de ponte linguística para o mundo exterior, usando formas mais complexas de linguagem com seu filho (fazendo referência a eventos passados, dizendo as palavras mais desconhecidas e, muitas vezes, pedindo esclarecimentos), o que leva a criança a conversar mais e utilizar um vocabulário mais variado com seu pai (Tomasello, Conti-Ramsden, & Ewert, 1990; Rowe, Coker, & Pan, 2004). Sendo assim, enquanto as mães tendem a verbalizar sobre as emoções, os pais estão mais focados na ação (Marcos, 1995; Paquette, et al., 2009).

Apesar do exposto, ainda há pouca informação sobre como as intervenções do pai influenciam no desenvolvimento da criança. Entretanto, um artigo de revisão sistemática de literatura indicou que intervenções específicas de pais como massagem, observação e modelagem de comportamento, cuidado-canguru, participação com a criança em programa pré-escolar, grupos de discussão e programas de treinamento parental melhoram a interação pai-filho e contribuem para uma percepção positiva da criança (Magill-Evans, Harrison, Rempel, & Slater, 2006).

Os dados da literatura indicam que essa percepção positiva da criança e, conseqüentemente, um maior nível de engajamento paterno

depende, sobretudo, de o pai sentir-se satisfeito no seu relacionamento com a mãe. Dessa forma, harmonia conjugal é considerada um importante preditor para o envolvimento do pai (Goldberg & Easterbrooks, 1984; Snarey, 1993). Em um estudo realizado com uma amostra de classe média e altamente educada, Feldman et al. (1983) concluíram que a qualidade do relacionamento conjugal foi consistentemente o mais poderoso preditor de envolvimento paterno (Feldman, Nash, & Aschenbrenner, 1983; Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau, & Bouchard, 2000). Assim, o envolvimento do pai com relação ao filho pode ser prejudicado se houver conflito conjugal. Por essa razão, cabe investigar as razões pelas quais o conflito conjugal ocorre e as consequências desse para o engajamento paterno.

3.4 Conflito conjugal

Etimologicamente conflito deriva do latim *conflictu*, “choque”, “embate”, “peleja”, o qual advém do latim *confligere*, que significa “lutar”. Embate dos que lutam; discussão acompanhada de injúrias e ameaças; desavença; guerra; luta; combate; colisão (Ferreira, 2001).

Diferentes linhas teóricas se propõem a estudar e definir tipologias de conflito. Há diversas acepções para conflitos sociológicos, jurídicos, intrapessoais, intracoletivos, intranacionais e os interpessoais, intercoletivos ou internacionais, entre outros (Müller, 2007). Entretanto, no presente estudo, será focado o conflito de ordem familiar, principalmente entre cônjuges, embasado na teoria do conflito (Straus, 1979).

Straus (1979), citando outros autores (Adam, 1965; Coser, 1956; Dahrendorf, 1959; Scanzoni, 1972; Sirmmel, 1955), discute a teoria do conflito afirmando que esse é inevitável por ser inerente às relações humanas. Segundo o autor, o conflito nos relacionamentos íntimos, principalmente no âmbito familiar, é condição necessária para assegurar o seu funcionamento contínuo. Desse modo, as tentativas de suprimir o conflito podem resultar no colapso de uma família, ou de qualquer outra unidade social, quer através da sua incapacidade de se adaptar às novas condições, ou pelo aumento da hostilidade.

Em seu artigo, Straus (1979) diferencia conflito, conflito de interesses e hostilidade. Para ele, conflito de interesses se refere às divergências que ocorrem entre duas pessoas ou grupo, quando cada sujeito deseja realizar a sua vontade. Já o conflito diz respeito às formas

como os indivíduos lidam ou resolvem o conflito de interesses e pode incluir negociações, ameaças ou uso de força física. A hostilidade, no entanto, envolve o impedimento da ocorrência de conflito ou a evitação do mesmo. Dessa forma, a hostilidade se manifesta através de um conflito de interesses encoberto, do qual todos os indivíduos envolvidos saem frustrados por não conseguirem realizar aquilo que desejam.

Por sua vez, a definição para conflitos conjugais é complexa, pois estes podem envolver desde discordâncias facilmente solucionáveis até ameaças, agressões e comportamentos hostis. Num conflito conjugal não há uma realidade absoluta, mas sim duas realidades subjetivas (Gottman & Silver, 2000). De uma forma geral, os autores da área se baseiam no entendimento de que um casal tem problemas quando está infeliz com o relacionamento. A ideia de infelicidade está associada à insatisfação e à experiência de emoção desagradável. Entretanto, como há vários tipos de emoções experimentadas pelos casais e estas são muito particulares, pesquisadores recomendam que cada casal seja estudado de forma detalhada para que se possam compreender as características específicas de cada problema marital (Epstein, et al., 2006).

Para Gottman e Silver (2000), todo o casamento é a união de dois indivíduos que levam para ele suas opiniões, peculiaridades e valores. Desse modo, há de se prever que os casais, mesmo em relacionamentos considerados felizes, enfrentarão uma profusão de problemas conjugais. Segundo os autores, alguns conflitos causam apenas certo incômodo e irritação, outros, entretanto, podem ser de uma complexidade e intensidade opressivas. Quando isso ocorre, os casais sentem-se mergulhados em desavenças ou podem se afastar um do outro como medida de proteção. A diferença é que casais infelizes parecem envolver-se em longas cadeias de reciprocidade negativa, e, contrariamente, há um clima de concordância criado na interação de casais felizes, incluindo mais positividade durante o conflito, mais de aprovação e menos de discordância e críticas (Madhyastha, Hamaker, & Gottman, 2011).

Gottman (1993) realizou um estudo com o objetivo de investigar os papéis que o engajamento, a evitação e o aumento gradual da intensidade do conflito exerciam na relação conjugal. Participaram da pesquisa 73 casais em duas épocas distintas em um período de quatro anos. O autor classificou dois tipos de casais: os *estáveis* e os *instáveis*. Os casais *estáveis* eram divididos em *engajados* ou *evitativos*. Os casais *engajados* foram subdivididos em *volúveis* ou *consistentes*. Já os casais identificados como *instáveis* eram classificados como *hostis* ou *hostis-*

indiferentes. Entre os casais *estáveis*, os *volúveis* demonstraram altas taxas tanto de afeto positivo quanto negativo. Os casais considerados *consistentes* evidenciaram níveis moderados desses dois tipos de afeto. Já os casais *evitativos* apresentaram baixos níveis de sentimentos positivos e negativos. Por fim, os *casais instáveis* demonstraram um desequilíbrio entre os aspectos positivos e negativos, com predomínio do pessimismo sobre comportamentos satisfatórios, especialmente nos casais *hostis-indiferentes*.

Mais tarde, Gottman e Silver (2000) definiram que todos os conflitos conjugais, desde as discussões rotineiras até a guerra entre os casais se enquadram em duas categorias: os que podem ser *resolvidos* e os que são *permanentes*. Os pesquisadores identificaram que 69% dos conflitos maritais se inserem na categoria de problemas *permanentes*. Em estudo realizado com casais em duas etapas distintas, os autores perceberam que os motivos de conflito ainda eram os mesmos num intervalo de quatro anos. Segundo eles, no âmago dos conflitos que apresentam um impasse estão sonhos não realizados, e as intermináveis discussões simbolizam alguma diferença profunda entre marido e mulher que precisa ser identificada e tratada para que o problema não tome uma dimensão grande demais no relacionamento conjugal.

Considerando esses tipos de casais, percebe-se que a compreensão do conceito de conflito conjugal é consideravelmente ampla e envolve desde abuso verbal e físico até características e comportamentos pessoais. Contudo, observa-se que conflito conjugal tem um papel deletério na saúde mental e física da família (Fincham, 2003). O conflito entre membros de um casal também é considerado um fator de risco para os cônjuges, para o desenvolvimento de formas de psicopatologia como depressão, transtornos de ansiedade e abuso de álcool. Além disso, o estresse marital aumenta a probabilidade de os indivíduos desenvolverem problemas físicos de saúde e também a terem dificuldades de funcionamento no trabalho (Epstein, et al., 2006).

Os problemas conjugais comumente têm múltiplas causas, pois envolvem as interações entre dois indivíduos, bem como as características de cada um dos cônjuges, além dos estressores de vida que ambos enfrentam juntos. Entre as características de relacionamento consideradas preditoras de desenvolvimento de estresse para os casais e possíveis motivos de conflito estão:

- Características demográficas do casal (idade, educação, situação socioeconômica);
- Características de personalidade individual de cada um dos

cônjuges e psicopatologia (neuroticismo², depressão, abuso de substância);

- Grau em que os cônjuges têm interações negativas *versus* engajamento conjunto em atividades positivas e mutuamente divertidas;

- Qualidade da comunicação do casal, principalmente quando este enfrenta desacordos ou conflitos que precisam ser resolvidos;

- Formas como cada cônjuge pensa no outro e na relação de ambos (seus padrões pessoais no que se refere a características de um bom relacionamento e os graus em que esses padrões se encontram);

- Extensão em que o casal tem dificuldades em lidar com estressores do ambiente (problemas financeiros, criança com uma doença crônica) (Epstein, et al., 2006). Cabe ressaltar que a personalidade de cada um dos membros do casal e experiências únicas dentro de suas relações familiares são importantes para compreensão de influências genéticas e ambientais sobre os conflitos globais (Horwitz et al., 2011);

- O ciúme, dependendo de sua intensidade e frequência, pode ser considerado patológico e, assim, ter efeito destrutivo na relação conjugal (Kingham & Gordon, 2004; Almeida, Rodrigues, & Silva, 2008; Carvalho, Bueno, & Kebleris, 2008).

Além dessas características, pesquisadores indicam que a vinda de um filho pode ser motivo de conflito entre o casal (Belsky & Rovine, 1990; Bigras & Paquette, 2000; Braz, et al., 2005). Um dos motivos que casais atribuem ao divórcio é a não concordância sobre como educar os filhos. Além disso, casais com filhos considerados “difíceis” (crianças que demonstram um comportamento que se afasta da norma social) podem apresentar maior conflito conjugal (Silvares & Souza, 2008).

Bigras e Paquette (2000) realizaram uma pesquisa que envolvia três estudos combinados cujos resultados sugerem que há uma interdependência entre os sistemas conjugal e parental. Os resultados do primeiro estudo indicam que a presença da criança afeta negativamente o sistema conjugal, em particular os processos de resolução de problemas interpessoais. Por outro lado, os dois outros estudos apontam que os resultados dependem das influências intrafamiliares e, ao mesmo tempo, do contexto extrafamiliar e das características dos membros da

² O neuroticismo se refere a uma ampla dimensão de características individuais que tendem a experienciar emoções desagradáveis e conflitivas, apresentando, ao mesmo tempo traços cognitivos e comportamentais. Mais do que um estado emocional passageiro, o neuroticismo é um traço ou tendência estável da personalidade (Oliveira, 2002).

família (Bigras & Paquette, 2000).

Um estudo realizado por Belsky e Rovine (1990) mediu o efeito sobre o comportamento paterno e mudanças na relação conjugal, durante os três anos após o nascimento do primeiro filho. Os resultados indicam que a manutenção ou a melhora da qualidade da relação conjugal, ao longo dos anos, está associada ao comportamento paterno positivo (afetuoso, desafiador, com base em encorajamento e aprovação) com a criança de 3 anos, enquanto a deterioração do relacionamento está associada com o comportamento paterno negativo (distante, com base na crítica e desaprovação).

Além desses fatores, há casais que apresentam uma tendência à patologia comunicacional na qual encontram-se as denominadas *escalada simétrica* e *rigidez complementar*. Dessa forma, um casal que está competindo para ver quem manda em casa ou, em uma discussão, cada um trata de manter-se à altura do outro ou de superá-lo, apresenta um comportamento simétrico em escalada. Em contrapartida, um casal em que um dos cônjuges manda e outro obedece está apresentando um comportamento rigidificado (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1973; Osório, 2004;). Esses tipos de problemas comunicacionais podem gerar a destruição do sistema familiar e levar casais a optarem pelo divórcio.

O padrão de interação estabelecido entre os casais e a capacidade dos cônjuges de lidarem com emoções e comportamentos um do outro podem levar a maior incidência de conflito marital. Pesquisadores observam que é comum, em situações de conflito conjugal, um dos cônjuges demonstrar um comportamento mais persistente e outro mais retraído. De acordo com os estudos, esse padrão está associado ao sexo, sendo as mulheres mais propensas a demandar e os homens a retrair (Gottman, 1998; Braz, et al., 2005; Sangrestano, Heavy, & Christensen, 2006).

Além desses fatores descritos, há autores que discutem que nos conflitos conjugais estão implicadas relações de poder relativo dos parceiros diádicos que fazem com que esses relacionamentos não sejam inteiramente simétricos. Nas relações cujo poder é assimétrico, o cônjuge mais poderoso tende a atingir seus objetivos. Em contraste, quando o poder é mais igualitário entre os parceiros, tentativas de controle recíprocas são mais prováveis e as formas de resolução de conflitos são menos previsíveis. Nesse caso, as estratégias de resolução de conflitos podem seguir por duas vias distintas: se ambos os cônjuges são incapazes de coagir ou persuadir o outro, e se nenhum deles está disposto a desistir, eles possivelmente irão deixar de resolver suas

diferenças. Entretanto, se ambos os parceiros estão dispostos a rever suas iniciais posições para que cada pessoa, em parte, atinja o seu objetivo, a resolução pode ser alcançada através de um acordo harmônico. A distinção entre essas duas formas de resoluções de conflito em díades de poder relativamente simétricas pode depender dos modelos familiares de resolver problemas e, especialmente, das estratégias que eles usam para fazê-lo (Recchia, Vickar, & Ross, 2010).

Sendo assim, a forma que os pais utilizam para solucionar seus conflitos conjugais influenciam diretamente na maneira como a criança resolverá seus conflitos com seus pais, irmãos e pares. Desse modo, se os pais usam de táticas de negociação, nas quais prevalecem o respeito mútuo e a assunção de acordos que envolvem cada uma das partes ceder um pouco, a criança, possivelmente, agirá da mesma maneira em situações semelhantes. Todavia, se a criança presencia a ocorrência de intensos conflitos entre os pais que se caracterizam por posturas evitativas ou comportamentos hostis, com uso de agressões verbais e físicas, ela poderá apresentar dificuldades emocionais, físicas e sociais.

3.4.1 Consequências do conflito conjugal com relação aos filhos

Quando um casal está com dificuldades, os filhos podem ser afetados diretamente e apresentar comportamento inadequado. Dentre os problemas mais comuns da família que afetam crianças e pais estão: 1. conflitos conjugais; 2. problemas financeiros na família; e 3. estresse no ambiente familiar (Silvares & Souza, 2008).

As consequências do conflito conjugal são consideradas danosas para o casal e para a família (Fincham, 2003). A revisão de literatura indica a existência de uma forte correlação entre qualidade das relações conjugais e parentais (Grych & Fincham, 2001; Braz, et al., 2005; Ablow, Measelle, Cowan, & Cowan, 2009). Crianças provenientes de lares em que há discórdia usualmente se ressentem e mudam seus padrões de interação, passando a adotar comportamentos diferentes para lidar com as situações de conflito que as atingem. Isso ocorre porque os pais experimentam sentimentos de desconforto, e, em virtude disso, não dispõem de tempo para os filhos, ou porque, em função de suas dificuldades, trocam seus antigos padrões amigáveis de interação com os filhos por um novo padrão de omissão ou de violência (Fincham, 2003; Silvares & Souza, 2008).

Um estudo longitudinal que envolveu multimétodos realizado com 80 pais e mães de crianças com até 3 anos de idade mostrou que os

tipos de relações que essas irão estabelecer com seus pares dependerão da reciprocidade emocional e do apego seguro com os pais. A pesquisa indicou que o conflito conjugal foi significativamente associado com baixos níveis de comportamento positivo nas interações entre pares (Lindsey, Caldera, & Tankersley, 2009). Isso corrobora o estudo de Davies e Cummings (1998). Tais autores afirmaram que, quando há conflito conjugal, os pais tendem a reduzir o afeto e a sensibilidade nas interações com a criança, comprometendo a habilidade da criança de formar o apego e provocando consequências no ajustamento da mesma fora da família (Davies & Cummings, 1998).

Mais tarde, Cummings e colaboradores (2004) realizaram outro estudo que incluiu 103 mães, 95 pais e 108 crianças com idade entre 8 e 16 anos. Os pais, separadamente, completaram um relatório diariamente durante 15 dias. Nesse relatório, cada um dos pais deveria registrar as situações e as características de conflito conjugal em casa, bem como as respostas da criança frente ao conflito. Os achados indicaram que a exposição a táticas de conflito destrutivas e as emoções parentais negativas aumentaram a probabilidade de comportamento agressivo na criança, quando essa é testemunha do conflito conjugal (Cummings, et al., 2004).

Martin & Clements (2002) também realizaram uma pesquisa com 48 crianças de 4 anos de idade da qual participaram o pai, a mãe e a professora da pré-escola. O objetivo do estudo foi compreender a relação entre a agressão conjugal, as respostas da criança ao conflito interparental e o ajustamento. O estudo envolveu entrevista, observação e aplicação de escalas. As autoras concluíram que a criança cujos pais são agressivos tende a demonstrar um comportamento desregulado e, durante a situação de estresse, procura chamar a atenção para si com o objetivo de distrair os pais e interromper o conflito. A pesquisa com as professoras também indicou que a criança que vivencia agressão conjugal apresenta problemas de comportamento na escola, tais como hiperatividade e transtorno de conduta.

Outro estudo que envolveu revisão sistemática de literatura discutiu o custo do conflito conjugal para a saúde física da criança. O artigo evidencia que a existência de conflito no ambiente próximo da criança pode engatilhar uma sucessão de riscos, o que tende a levar a uma saúde precária na infância e ao desenvolvimento de doenças crônicas na vida adulta. O estudo sinaliza que as práticas parentais decorrentes do estresse associado ao conflito marital levam os filhos a déficits nos domínios afetivo, comportamental e cognitivo. Esses

déficits podem aumentar o risco de problemas de saúde através da alteração dos sistemas de respostas ao estresse, incluindo o funcionamento neuroendócrino, cardiovascular e de neurotransmissores (Toxel & Mathews, 2004).

Lindahl e Malik (2011) examinaram a relação de quatro níveis de tipologias de conflitos conjugais com avaliações de ameaça e autculpa de crianças entre 8 e 12 anos. Os pais foram divididos nos seguintes grupos segundo seus estilos de conflito: harmoniosos, desengajados, conflituoso-expressivo e conflituoso-hostil. Os resultados mostraram que não houve diferença na percepção de ameaça e culpa entre as crianças, quando havia um alto nível de coesão familiar³. Esses dados confirmam o que já foi exposto por Davies, Cummings e Winter (2004), os quais sugerem que a discórdia conjugal pode ser percebida como mais benigna pelas crianças, quando ela ocorre no contexto de relações marcadas por coesão e apoio familiar. Por sua vez, as implicações nocivas do conflito conjugal pode ser elevada para as crianças através de processos de família que reflete altos níveis de disputa, caos e afastamento. Assim, testemunhar conflitos conjugais no contexto da coesão, onde as relações familiares são acolhedoras, pode aumentar a confiança das crianças na capacidade dos pais de resolverem os desacordos ou problemas no casamento, reduzindo potencialmente as avaliações de ameaça ou culpa (Davies, Harold, Goeke-Morey, & Cummings, 2002; Lindahl & Malik, 2011).

Em síntese, com base nos estudos acima citados, percebe-se que pais cujos casamentos são conflitantes e que não têm uma relação coesa provêm menos cuidados e atenção, sendo menos eficazes em atividades que envolvem a criação dos filhos. Essas crianças, por conseguinte, estão mais propensas a exibir problemas emocionais e físicos, bem como a desenvolver dificuldades nas relações sociais. Dessa forma, o conflito conjugal tem sido bastante estudado e parece influenciar, negativamente, o desenvolvimento infantil. Entretanto, o engajamento paterno e sua relação com o conflito ainda é uma lacuna. Então, baseando-se nesta ideia de que o conflito conjugal prejudica a saúde física e emocional dos filhos, pretende-se investigar se o conflito entre cônjuges desestimula o engajamento do pai.

A seguir, proceder-se-à descrição do método.

³ Coesão familiar é um laço emocional que membros da família mantêm entre si preservando certo grau de autonomia individual. Assim, uma família coesa é geralmente descrita como afetuosa, unida e harmoniosa em suas interações com os múltiplos subsistemas que a constitui (S. Minuchin, 1974).

4 MÉTODO

O presente estudo insere-se no âmbito de um projeto maior do Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) que está em andamento e é realizado em parceria com um grupo de estudos canadense da Universidade de Quebec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UM). O projeto é intitulado “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos de idade”. Este projeto de dissertação desenvolveu uma parte dessa pesquisa, a qual tem execução prevista para o período de novembro de 2009 a novembro de 2011.

4.1 Delineamento da pesquisa

A pesquisa se caracterizou como um estudo transversal, exploratório-descritivo e correlacional que busca verificar qual a associação existente entre as variáveis (Dancey & Reidy, 2006). O estudo foi quantitativo e composto por escalas e questionários que investigaram conflito conjugal e engajamento paterno. Considerou-se como variável dependente (VD) o engajamento paterno em todas as suas dimensões e, como variável independente (VI), o conflito conjugal.

4.2 Contextos

A coleta de dados aconteceu simultaneamente, entre os meses de junho e agosto de 2010, em quatro cidades de duas regiões de Santa Catarina: Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí. Na região da Grande Florianópolis, uma das cidades pesquisadas caracteriza-se por população superior a 420 mil habitantes, e a outra possui cerca de 210 mil habitantes. No Vale do Itajaí também fizeram parte desta pesquisa instituições de ensino pertencentes a dois municípios; um deles com população de pouco mais de 180 mil habitantes e o outro com população de cerca de 100 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010).

4.3 Participantes

Para o presente estudo, foi utilizada uma amostra de

conveniência composta pelos 50 primeiros pais de família que aceitaram participar do projeto maior supracitado. Os pais, biológicos ou não, deveriam estar vivendo juntos com a mãe ou madrasta da criança por pelo menos seis meses. Foram incluídos na amostra apenas os pais que, quando do nascimento da criança focal⁴, já haviam completado 18 anos. A criança focal, sobre a qual cada pai respondeu aos instrumentos, deveria ter idade entre 4 e 6 anos.

A escolha por essa faixa etária se explica pelo fato de o presente estudo se inserir no projeto maior em parceria com o NEPeDI, UQÂM e UM, cujo objetivo é estabelecer os vínculos entre as diferentes formas de violência familiar e estudar a transmissão das mesmas. Crianças em idade pré-escolar têm um maior risco de serem testemunhas de violência interparental, submetidas a maus-tratos e afetadas por essas circunstâncias (Sedlak & Broadhurst, 1996; Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro, & Semel, 2003). Além disso, objetivou-se delimitar a investigação do engajamento paterno a uma faixa etária específica, pois, após os 3 anos de idade, as crianças demonstram maior abertura para estabelecerem outras relações além da relação com a mãe. Dessa forma, elas passam a interagir mais com a figura paterna, de forma que tanto a interação como a acessibilidade do pai costumam ser mais elevadas quando a criança é mais velha (Lamb, et al., 1985).

Cabe ressaltar que não houve exclusões de famílias em virtude de características sociodemográficas, com o intuito de se ter uma amostra heterogênea, ou seja, com diversidade de renda e escolaridade entre os pais.

4.4 Instrumentos

A coleta de dados incluiu os seguintes instrumentos:

- a) Questionário Sociodemográfico (Anexo A)
- b) Questionário de Engajamento Paterno – QEP (*Questionnaire d'Engagement Paternel*) (Anexo B)
- c) Escalas de Táticas de Resolução de Conflito Conjugal - CTS2 (*Revised Conflict Tactics Scales*) (Anexo C)

⁴ Criança focal: o projeto maior investiga a expressão da agressividade em crianças de 4 a 6 anos. Portanto, o termo *criança focal* é utilizado para definir sobre qual dos filhos os pais responderam aos questionários. No caso de haver mais de um filho na faixa etária de interesse da pesquisa, os pais eram instruídos a responder aos questionários sobre a criança cuja primeira letra do nome aparece primeiro na ordem alfabética.

d) Floreal (Anexo D)

a) Questionário Sociodemográfico

Constitui-se em um questionário que investiga local e tipo de residência, número de pessoas que vivem na casa e idades das mesmas, composição familiar, escolaridade, profissão e renda dos pais. Além disso, há questões que abordam se a família tem babá, quem cuida da criança, quando essa não está na escola e se alguém da família faz uso de medicação contínua.

O Questionário Sociodemográfico foi adaptado para o projeto maior, a partir de estudos já realizados anteriormente por pesquisadores vinculados ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil da UFSC.

b) Questionário de Engajamento Paterno (QEP)

O Questionário de Engajamento Paterno foi elaborado pela equipe ProsPère⁵ e validado no Canadá com uma amostra de 850 pais que constituíam famílias biparentais com pelo menos um filho entre 0 e 6 anos de idade (Paquette, et al., 2000). O engajamento paterno é investigado através de 56 itens divididos em sete dimensões: suporte emocional comporta 12 itens (32, 35, 37, 40, 42, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 55); abertura ao mundo composta por nove itens (8, 11, 23, 25, 27, 31, 33, 45, 56); cuidados básicos formados por nove itens (2, 5, 7, 10, 12, 14, 28, 39, 44); jogos físicos constituídos por sete itens (3, 6, 13, 15, 16, 20, 22); evocações compostas por seis itens (17, 29, 36, 38, 51, 54); disciplina formada por quatro itens (18, 19, 24, 43) e tarefas de casa comportam nove itens (1, 4, 9, 21, 26, 30, 34, 41, 49). Os alphas de Cronbach da amostra validada variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal realizada com 33 pais, após duas semanas de intervalo, variou de 0,50 a 0,77. Para avaliar com que frequência o pai realiza determinadas atividades com seus filhos, utilizam-se duas escalas: para os itens de 1 a 24, usa-se uma escala absoluta com opções de resposta que vão de *nunca* a *todos os dias*. Para as atividades mais ocasionais ou dificilmente quantificáveis abarcadas entre os itens 25 a 56, a escala relativa foi privilegiada com opções de resposta que variam de *nunca* a *sempre*.

⁵ A equipe ProsPère, sediada no Canadá, é formada por pesquisadores de diversas áreas que, há mais de 10 anos, dedicam-se ao estudo da paternidade. Mais informações sobre a equipe ProsPère estão disponíveis no site <http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>

O QEP ainda não foi validado no Brasil. Portanto, para ser utilizado no presente trabalho, o instrumento passou pelos procedimentos de tradução, retradução (*backtranslation*) e análise de juízes, os quais serão explicados no tópico seguinte. Entretanto, o alpha de Cronbach obtido no presente estudo foi de 0,89⁶, evidenciando a confiabilidade do instrumento.

c) Escalas de Táticas de Resolução de Conflito Conjugal - CTS2

O *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2) faz parte de um conjunto de instrumentos de identificação de violência na família que vem sendo elaborado pelo *Family Research Laboratory*, nos Estados Unidos. O CTS2 foi concebido especificamente para identificar o uso da violência entre indivíduos que tenham relação de namoro, casamento ou afins. É um instrumento estruturado e multidimensional, composto por 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu companheiro. Estes formam cinco escalas que representam as respectivas dimensões. Três delas são abordadas por itens abarcando táticas de resolução de conflitos através de *negociação* (seis itens), *agressão psicológica* (oito itens) e *violência física* (doze itens). As outras duas informam sobre *injúrias* (seis itens), consideradas as possíveis consequências da violência na saúde individual do respondente e de seu companheiro(a) e a existência de *coerção sexual* (sete itens) (Moraes, Hasselmann, & Reichenheim, 2002). Os alphas de Cronbach do estudo original variaram entre 0,79 e 0,95.

Trata-se de um questionário do tipo *likert* de oito pontos que investiga a frequência com que determinada tática de resolução de conflito foi utilizada ao longo do último ano. As opções de resposta vão de 1 (uma vez durante o último ano) a 6 (mais de 20 vezes ao longo do último ano). O respondente também pode escolher a resposta 0 (isso nunca aconteceu) ou 7 (não no último ano, mas isso já aconteceu antes).

O CTS2 já passou por adaptação transcultural para o português em um estudo com 774 mulheres (Moraes, Hasselmann, & Reichenheim, 2002).

A seguir serão explicados os conceitos que envolvem cada uma das dimensões abarcadas pelo instrumento:

⁶ Embora o alpha de Cronbach utilizado seja o da amostra validada, optou-se, neste trabalho, por calcular o alpha da amostra do presente estudo. Ressalta-se que o valor do alpha de Cronbach acima de 0,70 é considerado um bom coeficiente de confiabilidade entre as repostas de um instrumento (Freitas & Rodrigues, 2005).

1. *Coerção sexual grave*: (Itens sobre o(a) respondente: 19, 47, 57 e 75; Itens sobre o(a) companheiro(a): 20, 48, 58 e 76). Diz respeito a atos praticados contra a liberdade sexual e experiências de sexo forçado. Ela tende a ser caracterizada em um *continuum* de distintos comportamentos, atitudes e práticas com variadas consequências, se traduzindo em restrições ao exercício da vontade individual (Cordeiro, Heilborn, Cabral, & Moraes, 2009). No CTS2, os itens que compõem a escala de coerção sexual grave fazem referência ao uso de força física ou de ameaças (verbais ou com emprego de arma, por exemplo), na tentativa de convencimento do(a) parceiro(a) em face à recusa do contato/intercurso sexual.

2. *Coerção sexual menor*: (Itens sobre o(a) respondente: 15, 51 e 63; Itens sobre o(a) companheiro(a): 16, 52 e 64). Refere-se às tentativas de convencimento do(a) parceiro(a), em face à recusa do contato/intercurso sexual, sem utilização de força física, ou insistência na prática do ato sexual desprotegido (sem uso do preservativo).

3. *Violência física grave*: (Itens sobre o(a) respondente: 21, 27, 33, 37, 43, 61 e 73; Itens sobre o(a) companheiro(a): 22, 28, 34, 38, 44, 62 e 74). Ocorre quando um dos membros do casal causa ou tenta causar dano ao outro, por meio de força física (através de surras, socos, chutes, estrangulamento ou sufocamento), de algum tipo de arma ou instrumento que possa causar lesões internas (como hemorragias ou fraturas) ou externas (cortes, queimaduras, feridas e hematomas, por exemplo).

4. *Violência física menor*: (Itens sobre o(a) respondente: 7, 9, 17, 45 e 53; Itens sobre o(a) companheiro(a): 8, 10, 18, 46 e 54). Caracteriza-se pela tentativa de causar dano “menos severo” ao companheiro, por meio de força física (por exemplo, ao empurrar, torcer o braço, puxar o cabelo, segurar com força), ou ao utilizar algum tipo de instrumento que possa machucar/causar lesões.

5. *Injúria grave*: (Itens sobre o(a) respondente: 2, 31, 41 e 55; Itens sobre o(a) companheiro(a): 24, 32, 42 e 56). Refere-se a danos ou traumatismos decorrentes de brigas entre os membros do casal, podendo haver ou não a necessidade de acompanhamento do cônjuge injuriado por parte de um serviço de saúde.

6. *Injúria menor*: (Itens sobre o(a) respondente: 11 e 71; Itens sobre o(a) companheiro(a): 12 e 72). Diz respeito aos danos “menores” causados em virtude de uma briga entre o casal, não havendo, em geral, a necessidade de acompanhamento do cônjuge injuriado por parte de um serviço de saúde.

7. *Negociação*: (Itens sobre o(a) respondente: 1, 3, 13, 39, 59 e 77; Itens sobre o(a) companheiro(a): 2, 4, 14, 40, 60 e 78). Refere-se à discussão para tentativa de resolução de um problema ou situação de discordância entre o casal, priorizando o diálogo para explicitação de motivos, a busca conjunta de soluções, a corresponsabilização, o respeito ao ponto de vista e aos sentimentos do companheiro, demonstrando empatia.

8. *Agressão psicológica grave*: (Itens sobre o(a) respondente: 25, 29 e 65; Itens sobre o(a) companheiro(a): 26, 30 e 66). Trata-se de ações praticadas por um dos cônjuges que objetivam causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento do outro cônjuge, através de humilhação, discriminação e crítica pelo desempenho sexual, por exemplo.

9. *Agressão psicológica menor*: (Itens sobre o(a) respondente: 5, 35, 49, 67 e 69; Itens sobre o(a) companheiro(a): 6, 36, 50, 68, e 70). Diz respeito às agressões psicológicas relacionadas às tentativas de ofender o cônjuge, através de insultos e xingamentos, podendo caracterizar-se por aumento do tom da voz, de ameaças de arremesso de objetos ou, ainda, de abandono de uma conversa/discussão, quando essa ainda não chegou ao fim.

d) Floreal

O Floreal é um questionário que foi elaborado especificamente para o projeto maior com o objetivo de investigar aspectos relacionados ao relacionamento conjugal, fontes de conflito entre o casal e na presença da criança e tipo de personalidade dos cônjuges. A estrutura do instrumento foi inspirada por cinco questionários validados no Canadá que abrangem quatro dimensões da relação conjugal e uma dimensão da personalidade.

No que se refere à relação conjugal, o instrumento avalia cinco dimensões através de uma escala *likert* de 6 pontos que vai de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). As dimensões são: *harmonia conjugal* composta por 8 itens; *reciprocidade negativa* formada por 9 itens; e *evitação* constituída por 8 itens. No que se refere ao relacionamento conjugal, o instrumento também avalia *reciprocidade*, através de duas questões de múltipla escolha, e *ciúme*, por meio de três questões. A seguir, explicar-se-ão as principais acepções de cada uma das dimensões investigadas pelo instrumento no que se refere ao relacionamento conjugal:

1. *Harmonia*: (Itens de 1 a 8). Trata de interações positivas entre os cônjuges como a exposição verbal de sentimentos, a realização

de concessões com o objetivo de resolver conflitos, a tendência a admitir erros e a percepção de felicidade e satisfação na relação.

2. *Reciprocidade negativa*: (Itens de 9 a 17). Refere-se à ocorrência de discussões, acusações, brigas e agressões. Envolve também sentimentos de injustiça e desigualdade na relação.

3. *Evitação*: (Itens de 18 a 25). Diz respeito a um comportamento de retração com o objetivo de evitar desavenças e conversas que exijam a exposição de sentimentos e fraquezas pessoais. Os problemas conjugais são deixados de lado e se resolvem com o passar do tempo.

4. *Reciprocidade*: (Itens 26 e 27). Trata da percepção de equidade ou iniquidade dos membros do casal sobre a relação conjugal com o objetivo de avaliar se essa é considerada justa, favorável ou desfavorável para cada um dos cônjuges. Investiga também a perspectiva futura do relacionamento.

5. *Ciúme*: (Itens de 28 a 32). Refere-se à inquirição sobre o grau de ciúme de cada cônjuge em relação ao outro e a investigação se esse é mais alto, quando é de cunho emocional ou sexual.

Para investigar fontes de conflito entre o casal e na presença da criança, o instrumento aborda 45 itens através de uma escala likert que vai de 1 (*nunca*) a 5 (*muito*). Os itens investigam desentendimentos, discussões ou brigas relacionados a questões familiares, religiosas, financeiras e também referentes à educação dos filhos, hábitos pessoais, sexuais, agressões físicas e verbais, entre outras. Essa parte do instrumento foi inspirada no questionário americano *O'Leary-Porter Scale (Overt Hostility)* o qual investiga a frequência de diferentes tipos de conflitos interparentais na presença das crianças.

O instrumento também investiga traços de personalidade na relação com o cônjuge e com outras pessoas. Os tipos de personalidade investigados são as seguintes:

1. *Personalidade do tipo dominante*: (Itens 78 a 82): investiga atitudes de liderança e tomada de iniciativa.

2. *Personalidade do tipo colaborativa*: (Itens 83 a 89): avalia aspectos do comportamento como a valorização de atos e contribuições alheias, de trabalho em equipe, de cooperação e características de mediação de opiniões com o intuito de se obter acordos.

3. *Personalidade do tipo individualista*: (Itens 90 a 94): indaga sobre aspectos referentes à lealdade, ambição e competitividade.

O alpha de Cronbach do Floreal utilizado nessa pesquisa foi

0,88⁷, o que indica um bom coeficiente de confiabilidade na correlação entre as respostas (Hora, Monteiro, & Arica, 2010).

4.5 Procedimentos para a coleta de dados

A coleta de dados foi organizada de acordo com as etapas demonstradas na Figura 1:

Etapas	Procedimento
1	Preparação dos instrumentos e treinamento de aplicação dos mesmos.
2	Contato com Instituições de Educação Infantil para apresentação do projeto e estabelecimento de parceria para a realização do mesmo (Autorização Institucional – (Apêndice A).
3	Envio das <i>Cartas-Convite</i> às famílias das crianças entre 4 e 6 anos (Apêndice B).
4	Recolhimento das cartas-convites e contato telefônico com os pais para verificar se esses se enquadravam nos critérios da pesquisa e agendamento de visita domiciliar.
5	Visita domiciliar: conversa inicial para fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; aplicação dos instrumentos: o pai respondeu ao QEP, CTS2 e Floreal, e a mãe respondeu ao Questionário Sociodemográfico, CTS2 e Floreal.
6	Despedida da família e realização do relato de experiência em Diário de Campo com as observações sobre a configuração familiar, organização doméstica, postura dos pais ao responderem aos instrumentos e sentimentos do pesquisador.

Figura 1. Etapas do procedimento de coleta de dados

Todas essas etapas resumidas acima serão devidamente explicadas a seguir. Anteriormente à coleta de dados propriamente dita, alguns procedimentos foram realizados para preparar e organizar a operacionalização da pesquisa.

⁷ Tendo em vista de o instrumento não ter sido ainda submetido à validação, procedeu-se à análise dos alphas de Cronbach da amostra desta pesquisa.

4.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados

Após a tradução, leitura e apreciação do projeto maior já citado anteriormente, procederam-se aos processos de tradução e retradução (*backtranslation*) dos instrumentos QEP e Floreal para a realização da pesquisa no Brasil e para que esses permanecessem similares aos originais, visando a futuras comparações dos resultados.

O QEP, por ser um questionário já validado no Canadá, foi submetido à análise de dois juízes e passou pelo processo de avaliação semântica. Os juízes são especialistas na área que realizaram uma apreciação da pertinência dos conceitos e dimensões apreendidos pelo instrumento original na cultura-alvo da nova versão (equivalência conceitual). Os juízes também avaliaram a adequação de cada item do instrumento original, em termos de sua capacidade para representar tais conceitos na população em que o instrumento seria utilizado (equivalência de itens). Após essa etapa, partiu-se para a avaliação da equivalência semântica entre a versão traduzida e a original. Para esse processo, o instrumento foi aplicado em um grupo de pessoas que avaliou se a tradução condizia com o contexto brasileiro, ou seja, com a forma como se fala na cultura na qual ele seria aplicado, conforme indicado por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002).

O Floreal, no entanto, elaborado especificamente para esse estudo em língua francesa, foi traduzido e adaptado para o português pelo grupo de pesquisa envolvido no presente trabalho. Essa tradução foi enviada ao grupo canadense e avaliada por seus especialistas que falam ambos os idiomas.

Para a padronização da coleta de dados, os pesquisadores⁸ elaboraram um manual de procedimentos que incluía explicações sobre como realizar a obtenção dos participantes (telefonema para contato inicial, agendamento da visita domiciliar), bem como um roteiro de aplicação dos instrumentos (preparação dos materiais para a visita, explicações sobre a pesquisa, assinatura do TCLE (Apêndice C), ordem de aplicação das escalas e questionários e ritual de agradecimento). Para tanto, os pesquisadores treinaram a aplicação dos instrumentos em sala de espelhos. Após esse treinamento, percebeu-se a necessidade de fazer correções nos instrumentos como a de acrescentar cabeçalho padronizado em todos eles e de colocar uma grade de respostas em todas

⁸ O grupo de pesquisadores foi constituído por cinco mestrandas e dois bolsistas de iniciação científica do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da UFSC.

as folhas, a fim de agilizar a marcação das respostas dos participantes. Ainda no momento do treinamento foi observada a necessidade de oferecer um caderno para acompanhamento do participante, idêntico ao do aplicador, visando a facilitar a compreensão das assertivas e perguntas, bem como otimizar o tempo da entrevista.

Após o treinamento, decidiu-se realizar um projeto-piloto, objetivando avaliar a adequação dos instrumentos à realidade do campo de pesquisa, além de servir como treinamento aos entrevistadores, no sentido de padronizar o processo de entrevista e de aplicação dos instrumentos. Participaram três famílias (três pais e três mães) e mais duas mães de crianças com a idade pretendida para o estudo. Dessa forma, o procedimento foi aplicado a oito pessoas: três pais e cinco mães. A partir do piloto foram identificados erros de português e de digitação nos instrumentos que puderem ser alterados. Além disso, notou-se, também, que algumas questões precisavam ser modificadas pela dificuldade de compreensão por parte dos entrevistados e observou-se a necessidade do acréscimo de palavras no masculino e no feminino (por exemplo, filho/filha; seu/sua; ele/ela; pai/mãe). O estudo-piloto também permitiu definir o tempo médio de aplicação das escalas e questionários para um período de 75 minutos, o que possibilitou a organização dos agendamentos das visitas.

4.5.2 Procedimentos para recrutamento e seleção da amostra

Para obtenção dos participantes, foram contatadas 15 Instituições de Educação Infantil (IEI) de Santa Catarina, sendo quatro situadas na região da Grande Florianópolis e 11 no Vale do Itajaí. O acesso às escolas da rede pública de ensino ocorreu via Secretarias de Educação, onde os pesquisadores apresentaram o projeto aos responsáveis e receberam a permissão para a realização da pesquisa em dois municípios.

A partir da aquisição do consentimento por parte dos secretários de educação, os pesquisadores fizeram contato com as diretoras de cada IEI e apresentaram novamente o projeto com o objetivo de explicar os procedimentos de execução do mesmo. Já nas escolas privadas, o projeto foi apresentado às diretoras e coordenadoras pedagógicas. Após o aceite do projeto pelos responsáveis das escolas públicas e privadas, essas assinavam a *Autorização Institucional* (Apêndice A) e se comprometiam a enviar para as famílias das crianças da faixa etária da pesquisa uma *Carta-Convite* (Apêndice B), convidando-as para participar da mesma.

Na região da Grande Florianópolis, quatro escolas da rede

pública concordaram em participar da pesquisa, sendo que em uma delas não houve retorno por parte das famílias. Foram enviadas 281 *cartas-convite* e retornaram 66 preenchidas. Dessas, 29 famílias cumpriram os critérios para participação no estudo e 37 foram excluídas por não preencherem os pré-requisitos de participação na pesquisa ou por desistência. Além dessas, três crianças foram acessadas através da indicação de pais de famílias que haviam participado da pesquisa; portanto, não foram convidadas via instituição de ensino. Essas crianças estudam em escolas particulares da Grande Florianópolis.

Para as escolas da região do Vale do Itajaí, foram enviadas 506 *cartas-convite*, sendo 264 para a rede privada de ensino e 242 para instituições públicas. Das onze IEs que aceitaram participar do projeto, três não receberam retorno das famílias, sendo duas da rede pública e a outra da privada. Das 8 escolas remanescentes, obteve-se o retorno de 62 cartas, sendo 49 de escolas particulares e apenas 13 de públicas. Dentre essas, 20 famílias participaram do projeto e as restantes foram excluídas por não preencherem os requisitos pré-estabelecidos, por inacessibilidade via telefone ou por desistência.

Assim, participaram efetivamente do estudo 11 IEs e, ao todo, foram enviadas 787 cartas, sendo que, dessas, 523 foram distribuídas na rede pública e 264 em escolas particulares. Dentre essas, retornaram 128 cartas preenchidas pelas famílias. De posse das cartas, as pesquisadoras realizaram uma espécie de triagem com o objetivo de verificar se as famílias que haviam se oferecido para participar do estudo se enquadravam nos critérios da pesquisa. Dessa forma, procedia-se a um contato telefônico para as famílias no qual os pesquisadores as lembravam de terem preenchido a *carta-convite*, confirmavam o interesse na participação do projeto, prestavam maiores esclarecimentos, checavam os critérios de inclusão da amostra e, por fim, agendavam uma visita domiciliar. Nesse contato telefônico, os pesquisadores também salientavam a importância de pai e mãe estarem no domicílio no dia da visita e deixavam seus telefones e e-mails, caso a família precisasse entrar em contato, antes do dia marcado, ou cancelar o encontro. Quando algum dos critérios não era preenchido pela família, explicava-se o motivo da impossibilidade de inclusão da mesma e era feito um agradecimento em nome do grupo de pesquisa.

4.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita

A coleta ocorreu preferencialmente nas residências das famílias em dia e horário previamente combinado via contato telefônico

realizado por um dos pesquisadores. Quando a família julgava haver algum impeditivo para que a visita ocorresse em seu domicílio, agendava-se outro local indicado pela mesma (trabalho dos pais, casa dos avós da criança focal, escola). Os pesquisadores também tomaram cuidado para que a disponibilidade de tempo dos pais, no dia da coleta, fosse garantida, sendo que a coleta teve duração aproximada de 50 minutos com cada um dos integrantes do casal, variando em função de interrupções e das características individuais.

Os pesquisadores, na maioria dos casos, realizaram a visita em duplas, de modo que fosse possível entrevistar o pai e a mãe ao mesmo tempo. Desse modo, ao chegar aos domicílios das famílias, os pesquisadores se apresentavam e realizavam uma conversa para ambientação, explicando o objetivo do projeto maior e esclarecendo dúvidas. Em seguida, um dos pesquisadores entregava uma cópia do TCLE para cada um dos pais e o lia em voz alta. Após a leitura desse termo, os pesquisadores confirmavam o interesse da família em participar do projeto e solicitavam que cada um dos pais o assinasse, colocando a data. Em seguida, o TCLE era colocado dentro de um envelope pardo juntamente com a carta-convite e lacrado na frente da família, e outra via desse documento era deixado para os pais. Nesse momento, os pesquisadores explicavam que na via do TCLE que ficaria com a família, ela teria acesso aos telefones e e-mails dos mesmos e poderia entrar em contato em caso de quaisquer dúvidas. Após isso, o envelope recebia uma etiqueta com um número que seria o código de identificação da família. A partir disso, os pesquisadores tiravam de dentro de um segundo envelope o caderno que continha todos os instrumentos que deveriam ser respondidos por cada um dos pais. Com isso, os pesquisadores ressaltavam que esse caderno não conteria os nomes dos respondentes, apenas o código de identificação da família, para que a identidade dela fosse preservada no momento da digitação dos dados. Dessa forma, os pesquisadores solicitavam que cada um dos pais fosse entrevistado em cômodos separados para que não houvesse interferência nas respostas um do outro. Quando essa condição não era possível pelo fato de a residência da família ter apenas um cômodo, um dos pesquisadores realizava a aplicação dos instrumentos na rua, isto é, no pátio da moradia.

Para aplicação dos instrumentos, cada pesquisador entregava para cada um dos pais um caderno de acompanhamento que continha todos os instrumentos de modo a facilitar a compreensão dos pais à medida que o pesquisador fosse realizando as perguntas. O pesquisador lia integralmente cada um dos instrumentos em voz alta e marcava a

resposta do participante. Para o presente estudo, o pai foi convidado a responder aos instrumentos QEP, CTS2 e Floreal e a mãe respondeu ao Questionário Sociodemográfico⁹, CTS2 e Floreal. Sempre que oportuno, o pesquisador repetia o nome da criança focal como forma de evitar que o participante respondesse pensando em outro(s) filho(s).

Apesar de os pesquisadores terem previsto que o tempo de aplicação dos instrumentos seria em torno de 75 minutos, esse variou expressivamente em virtude de características peculiares de cada participante. Houve famílias que a duração da visita ultrapassou o período de 3 horas. Isso aconteceu, principalmente, pela dificuldade de alguns pais e mães de compreenderem as questões, pelo fato de eles fornecerem muitas explicações a respeito de cada pergunta que era feita e por interrupções que eventualmente ocorriam (telefone tocar, chegada de uma visita, solicitações por parte dos filhos, etc.). A criança focal, em alguns casos, ficou junto do pai ou da mãe, durante todo o tempo de entrevista. Essa situação obrigou os pesquisadores a solicitar que os pais lessem em silêncio e dessem a resposta de questões que buscassem informações sobre práticas sexuais ou de violência como, por exemplo, as questões 19 e 61 do CTS2 que investigam, respectivamente, o uso de força para obrigar o cônjuge a realizar sexo oral ou anal e se um dos parceiros já queimou o outro de propósito.

Após o término da aplicação dos questionários, os pesquisadores se despediam e se colocavam à disposição para prestar informações sobre a pesquisa. Ao terminar a coleta de dados, os pesquisadores preenchiam o Diário de Campo, relatando informações que julgassem relevantes como suas impressões sobre o ambiente doméstico e sobre o relacionamento familiar. Uma planilha para organização dos dados da coleta foi construída para evitar erros no registro das informações. Tal planilha era continuamente atualizada pelo grupo de pesquisa para possibilitar a seus integrantes o acompanhamento das atividades.

4.6 Procedimentos para análise de dados

Os resultados obtidos na pesquisa foram tabulados e submetidos a análises formais através do pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - versão 18.0. A análise dos dados

⁹ A decisão de que somente a mãe responderia ao Questionário Sociodemográfico foi definida no projeto maior que inclui, além desse, a aplicação de sete instrumentos.

foi quantitativa, realizada a partir de: estatística descritiva, que visa a caracterizar uma única variável através de informações e valores de suas modalidades, com a exposição, por exemplo, da distribuição de frequências, médias e desvio-padrão, de acordo com a natureza dos dados (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006); e estatística inferencial, a qual visa a examinar o grau de relação entre variáveis envolvidas no estudo, através da análise de correlação (Fleith & Junior, 2005).

Os dados receberam tratamento estatístico não paramétrico em virtude das respostas não obedecerem à distribuição normal. Abaixo estão listados os objetivos específicos da pesquisa e as respectivas análises realizadas:

Objetivos	Análise realizada para responder ao objetivo
1. Descrever as características sociodemográficas da amostra.	a) Análise descritiva dos participantes (frequências, médias e desvios-padrão). b) Correlação de Spearman para avaliar se há correlações significativas entre as variáveis sociodemográficas dos pais.
2. Identificar as dimensões predominantes no engajamento paterno.	a) Análise descritiva com a exposição da Média e Desvio-Padrão do engajamento paterno geral e por dimensões.
3. Caracterizar o relacionamento conjugal e as táticas de resolução de conflito entre casais.	a) Análise descritiva (frequências, médias e desvios-padrão) das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas por pais e mães. b) Teste de Mann Whitney para comparação das médias por dimensão das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas por pais e mães. c) Correlação de Spearman para averiguar o grau de relação entre as dimensões do CTS2 e as táticas de resolução de conflito exercidas pelo pai. d) Análise descritiva (frequências, médias e desvios-padrão) das dimensões do Floreal sobre o relacionamento conjugal dos pais e mães. e) Teste de Mann Whitney para comparação das médias por dimensão do Floreal materno e paterno. f) Correlação de Spearman para avaliar o grau de relação entre as dimensões do Floreal paterno e materno e sobre o relacionamento conjugal descrito pelo pai. g) Correlação de Spearman para verificar se há relação entre as dimensões do Floreal paterno e do CTS2 paterno e materno.

<p>4. Identificar a incidência de conflitos parentais na presença dos filhos.</p>	<p>a) Análise descritiva dos participantes (frequências, médias e desvios-padrão) das fontes de conflitos entre o casal e na presença da criança.</p> <p>b) Correlação de Spearman para avaliar o grau de relação entre as dimensões do Floreal paterno e as fontes de conflito descritas pelo pai.</p>
<p>5. Verificar se há relação das variáveis sociodemográficas com engajamento paterno e conflito conjugal</p>	<p>a) Análise descritiva em função do sexo da criança focal (com exposição das médias e desvio-padrão alcançadas em cada uma das dimensões para meninos e meninas).</p> <p>b) Teste de Mann Whitney para comparação das médias por dimensão do engajamento paterno, em função do sexo da criança.</p> <p>c) Correlação de Spearman para avaliar o grau de relacionamento entre o envolvimento paterno (total e por dimensões) e as variáveis sociodemográficas numéricas como idade do pai, renda, anos de escolaridade e jornada de trabalho.</p> <p>d) Teste de Mann Whitney para comparação das médias por dimensão do engajamento paterno, em função das variáveis sociodemográficas numéricas.</p> <p>e) Correlação de Spearman para verificar se há relação entre as dimensões do CTS2 paternas e maternas e variáveis sociodemográficas.</p>
<p>6. Investigar a relação entre engajamento paterno e conflito conjugal do pai com crianças de 4 a 6 anos</p>	<p>a) Correlações de Spearman para averiguar o grau de relacionamento entre o QEP paterno com as dimensões do CTS2 e Floreal paterno e materno.</p>

Figura 2. Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa

4.7 Considerações éticas

O projeto de pesquisa mais amplo, no qual o presente estudo se insere, foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH -UFSC) e aprovado sob certificado número 520/2009, atendendo às Resoluções nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251 de 5 de agosto de 1997, do Ministério da Saúde.

Os princípios éticos da pesquisa concernem à proteção dos

direitos, ao bem-estar e à dignidade dos participantes. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005 dispõe sobre a realização de pesquisas e psicologia com seres humanos e destaca a importância da observação desses mesmos aspectos.

Por essa razão, os procedimentos éticos foram considerados, e os participantes foram informados, antes do início da coleta de dados, no momento da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice C), sobre a garantia de anonimato, a participação voluntária e sobre a possibilidade de optarem pela desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que uma delas, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores, ficou de posse do participante para garantir a liberdade de participação. O mesmo processo ocorreu com as instituições participantes.

Todos os TCLEs assinados pelos participantes foram lacrados em envelopes na frente dos mesmos e arquivados em uma caixa. Os instrumentos respondidos pelos pais e mães foram armazenados em envelopes numerados com código de cada família, digitados e guardados em uma segunda caixa. Todos os documentos derivados da coleta foram arquivados no Laboratório de Pesquisa em Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), no Departamento de Psicologia da UFSC. A Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, coordenadora do Projeto no Brasil, é a responsável por assegurar a confidencialidade dos dados.

Cabe ressaltar que os pesquisadores passaram por um treinamento com o objetivo de serem capacitados a evitar a emergência de riscos ou desconfortos aos participantes, durante a coleta de dados. Além disso, caso fosse identificada a necessidade de acompanhamento psicológico, os participantes seriam encaminhados para atendimento psicológico no Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC (SAPSI), fato que não ocorreu.

Após o término da pesquisa, será realizado um projeto de extensão junto às Instituições de Educação Infantil que concordaram em participar do projeto, o qual será organizado em forma de oficinas. Essas oficinas deverão ser ministradas pelos pesquisadores, com o objetivo de apresentar os resultados obtidos no estudo, de forma a contribuir para a promoção do desenvolvimento infantil e para a formulação de estratégias preventivas no que se refere ao comportamento violento.

A seguir proceder-se-à descrição dos resultados.

5 RESULTADOS

5.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

Os dados sociodemográficos das famílias entrevistadas serão apresentados na Tabela 1, juntamente com as informações sobre o pai, visto que esse é o foco de investigação do presente estudo.

Tabela 1. Resumo das principais características sociodemográficas do pai e da família

Variáveis	Média (Desvio-padrão) ou porcentagem (%)
Idade Paterna	37,2 (DP= 9,39)
Local de residência	
1. Grande Florianópolis	60%
2. Vale do Itajaí	40%
Escolaridade paterna em anos	11,2 (DP= 3,14)
Escolaridade em faixas:	
1. Ensino fundamental incompleto	06%
2. Ensino fundamental completo	06%
3. Ensino médio incompleto	22%
4. Ensino médio completo	34%
5. Ensino superior incompleto	14%
6. Ensino superior completo	18%
Renda do pai	2.092,40 reais (DP= 1.360,61)
Renda da família	3.306,34 (DP= 1.850,24)
Renda da família em faixas:	
1. R\$ 1001,00 a 1600,00	12,2%
2. R\$ 1601,00 a 2000,00	14,3%
3. R\$ 2001,00 a 3000,00	28,6%
4. R\$ 3001,00 a 4000,00	16,3%
5. Acima de R\$ 4000,00	26,5%
Jornada de trabalho paterna	
1. Até 40 horas semanais	54%
2. Mais de 40 horas semanais	38%
3. Não trabalham fora de casa	08%
Composição familiar	
1. Família nuclear com pai e mãe biológicos da criança focal	78%
2. Famílias recasadas com pai e mãe biológicos da criança focal	12%
3. Famílias recasadas com mãe biológica da criança focal	08%
4. Famílias recasadas com pai biológico da criança focal	02%

Tempo de união do casal em anos	10,3 (DP= 5,35)
Número de filhos	
1. Apenas 1 filho	32%
2. Mais de 1 filho	68%
Sexo da criança focal	
1. Masculino	58%
2. Feminino	42%
Faixa de idade das crianças	
1. 4 anos a 4 anos e 11 meses	44%
2. 5 anos a 5 anos e 11 meses	48%
3. 6 anos a 6 anos e 11 meses	08%

A média de idade dos pais (homens) foi 37,2 (DP= 9,39), sendo que o mais novo tinha 26 anos e o mais velho 63.

Com relação ao local de residência, 60% da amostra morava nos municípios de São José e Florianópolis e 40% nas cidades de Itajaí e Balneário Camboriú.

No que se refere à escolaridade, verificou-se que 66% dois pais completaram, pelo menos, o Ensino Médio, sendo que, desses, 18% concluíram Ensino Superior.

A renda média relatada do pai foi 2.092,40 reais (DP= 1.360,61), sendo a mínima 510,00 reais e a máxima, 8.000,00 reais. A média referida de rendimentos mensais da família foi 3.306,34 reais (DP= 1.850,24). De acordo com os dados informados pelas famílias, constatou-se que 44,9% delas obtinham uma faixa salarial mensal entre 2.001,00 reais e 4.000,00 reais e 26,5% recebiam um valor acima de 4.000,00 reais como receita mensal.

De acordo com as respostas obtidas, 92% dos pais trabalhavam fora de casa com uma carga horária de até 40 horas semanais e, desses, 38% relataram dedicar mais de 40 horas semanais à atividade laboral. Quatro pais (08%) referiram não trabalhar fora de casa.

O tempo médio de união mencionado pelos pais foi de 10,3 anos (DP= 5,53). Com relação à composição familiar, a maioria dos pais (78%) pertencia à família nuclear com pai e mãe biológicos da criança focal. Dezesseis pais (32%) afirmaram ter apenas um filho e 34 pais entrevistados relataram ter mais de um filho.

Sobre a criança focal, a amostra foi formada por 29 meninos (58%) e 21 meninas (42%). Do total de crianças, 24 tinham idade entre 5 anos e 5 anos e 11 meses, 22 tinham idade entre 4 anos e 4 anos e 11 meses, e quatro delas tinham entre 6 anos e 6 anos e 11 meses.

Com relação aos cuidadores da criança quando ela não está na

escola, 14 famílias afirmaram que pai e mãe, acompanhados ou não por outras pessoas, são os principais responsáveis pelos cuidados neste período. O pai foi identificado como único cuidador em dois casos; foi relatado que o pai é um dos cuidadores, com a ajuda de outras pessoas, em outros 16 casos, destacando-se que, em 14 destes casos, a mãe também foi identificada como cuidadora. A mãe foi referida como única responsável pelos cuidados ao filho no período em que ele não está na escola em 12 casos. A mãe foi identificada como cuidadora, tendo a ajuda de outras pessoas em 22 casos, sendo que em 14 deles, o pai também estava presente. Em 12 casos, nem o pai e nem a mãe foram identificados como cuidadores, quando a criança não estava na escola.

A mãe mencionou ser a responsável por levar a criança à escola em 12 casos. Em nove, o pai era o responsável e, em 13 famílias, os pais asseguraram levar juntos o filho para a escola. Vinte e oito crianças (62%) frequentavam a escola em período integral. Dezesesseis (35%) frequentavam apenas à tarde, e uma (2%) frequentava apenas pela manhã. Constatou-se que a grande maioria das crianças (92%) não possui babá.

A seguir, a Tabela 2 apresenta correlações das variáveis sociodemográficas do pai no que concerne escolaridade, idade e rendimento do mesmo, além de renda total da família no mês passado e número de cômodos na casa.

Tabela 2. Correlações de Spearman entre as variáveis sociodemográficas do pai

Variáveis Sociodemográficas	Escolaridade do pai	Idade do pai	Rendimento do pai	Renda total no mês passado	Nº de pessoas na casa
Idade do pai	-0,11	-			
Rendimento do pai	0,56**	0,00	-		
Renda total no mês passado	0,58**	0,14	0,82**	-	
Nº de pessoas na casa	-0,22	0,43*	-0,18	-0,14	-
Nº de cômodos na casa	0,35*	0,31*	0,51**	0,62**	0,08

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

A Tabela 2 indica que quanto maior a escolaridade do pai,

maior é o seu rendimento, maior a renda total da família no mês anterior à coleta de dados e maior o número de cômodos na casa. Além disso, quanto maior a idade do pai, mais pessoas moram na casa e maior o número de cômodos na casa. Quanto maior o rendimento do pai, maior é a renda total da família no mês passado e maior o número de cômodos da casa. Constatou-se, também, que quanto maior a renda total familiar no mês anterior à coleta, maior o número de cômodos.

5.2 Caracterização do engajamento paterno e correlações com dados sociodemográficos

O engajamento paterno foi calculado através das médias de engajamento geral e de cada uma das dimensões que abrangem o instrumento. A Tabela 3 mostra os escores obtidos pelos pais:

Tabela 3. Médias obtidas em cada uma das dimensões do engajamento paterno e QEP geral

Dimensões	Suporte Emocional	Disciplina	Jogos Físicos	Evocações	Cuidados Básicos	Abertura ao Mundo	Tarefas de Casa	QEP geral
Média	4,48 (DP= 0,44)	4,17 (DP= 0,55)	3,92 (DP= 0,55)	3,78 (DP= 0,82)	3,55 (DP= 0,89)	3,39 (DP= 0,66)	3,10 (DP= 0,74)	4,07 (DP= 0,49)

De acordo com Tabela 3, a dimensão mais utilizada pela figura paterna foi *suporte emocional*. Isso indica que os pais entrevistados referiram exercer cuidados com o filho que incluem cuidá-lo, quando está doente ou ao brincar na rua, tranquilizá-lo quando tem medo, consolá-lo, elogiá-lo, dizer que o ama, além de garantir que a casa seja segura para ele. A segunda dimensão que os pais admitiram exercer foi a *disciplina*, a qual envolve atitudes como corrigir os comportamentos do filho à mesa, repreendê-lo quando ele perturba ou desobedece e puni-lo, quando ele faz algo errado. A terceira dimensão que os pais afirmaram mais usar foi *jogos físicos*, a qual inclui brincar de lulinha, brincadeira essa que foi negada por quase metade dos pais (44%), além de outras atividades de interação como fazer cócegas, pegar no colo, fazer carícias e praticar gestos de amor, etc. A quarta dimensão referida pelos pais foi

evocações, seguida de *cuidados básicos* e *abertura ao mundo*. A dimensão menos utilizada foi *tarefas de casa*. A média geral de engajamento paterno foi 4,07, considerando uma escala likert de 1 a 5 pontos que põe em média a frequência em que os pais realizam determinadas tarefas com seus filhos, sendo 1 nunca e 5 todos os dias ou sempre.

A análise descritiva indicou uma tendência de o engajamento paterno ser diferente em função do sexo da criança (filho ou filha), como mostra a Tabela 4 a seguir.

Tabela 4. Médias do QEP em relação ao sexo da criança focal e diferença entre as médias

Sexo da Criança Focal	QEP Geral	Suporte Emocional	Disciplina	Jogos Físicos	Evocações	Cuidados Básicos	Abertura ao Mundo	Tarefas de Casa
Masculino	4,15	4,56	4,30	4,03	3,80	3,78	3,43	3,05
Feminino	3,95	4,37	4,00	3,76	3,76	3,24	3,33	3,16
Z	1,14	1,55	2,12	1,78	0,43	1,78	0,27	0,10
Significância	0,25	0,12	0,03*	0,07	0,66	0,07	0,79	0,92

** p<0,01 e * p<0,05

O pai parece se envolver mais com os filhos do que com as filhas. Porém, constatou-se que esta diferença não foi significativa em relação ao engajamento geral. No que se refere às análises por dimensões do engajamento, o pai também parece estar mais envolvido com filhos do sexo masculino em todas elas, exceto na dimensão *tarefas de casa*, onde a média do engajamento é maior com as filhas, o que indica que pais de meninas realizam mais tarefas de casa do que pais de meninos.

Entretanto, na comparação das médias por dimensão do engajamento paterno em função do sexo da criança, através do Teste de Mann-Whitney, usado para comparação de médias entre dois grupos independentes, a única diferença significativa encontrada foi na dimensão *disciplina*, ou seja, os pais disciplinam mais os filhos do sexo masculino ($Z=2,12$; $p<0,05$). A menor diferença entre as médias foi verificada na dimensão *tarefas de casa*.

Ao analisar as possibilidades de associações entre o engajamento paterno e variáveis sociodemográficas através do Coeficiente de

Correlação de Spearman, constatou-se que o engajamento, geral e por dimensões, não está relacionado aos dados sociodemográficos (idade do pai, anos de escolaridade, rendimento do pai e renda total da família no mês anterior à coleta de dados). Entretanto, quando o Teste de Correlação de Spearman foi realizado levando em consideração o sexo da criança focal, observaram-se correlações estatisticamente significativas, conforme demonstra a Tabela 5.

Tabela 5. Correlações entre as dimensões do engajamento paterno de pais de crianças do sexo masculino e as variáveis sociodemográficas do pai

QEP/Variáveis Sociodemográficas	Escolaridade do pai	Idade do pai	Rendimento do pai	Renda total familiar no mês passado
Suporte Emocional	-0,15	0,18	-0,16	-0,12
Disciplina	0,02	-0,17	-0,16	-0,14
Jogos Físicos	0,30	0,00	0,03	0,20
Evocações	-0,24	0,11	-0,32	-0,31
Cuidados Básicos	-0,14	-0,14	-0,35	-0,33
Abertura ao Mundo	-0,08	-0,02	-0,38*	-0,33
Tarefas de Casa	-0,19	-0,08	-0,39*	-0,36
QEP Geral	-0,17	-0,08	-0,48**	-0,37*

** $p < 0,01$ e * $p < 0,05$

Em se tratando de pais de meninos, houve correlação negativa e estatisticamente significativa entre o rendimento do pai e as dimensões de *abertura ao mundo* ($p < 0,05$), *tarefas de casa* ($p < 0,05$), o escore de engajamento geral ($p < 0,01$) e também entre a renda total da família no mês anterior à coleta e o engajamento paterno geral ($p < 0,01$). Portanto, os resultados apontam que quanto maior o rendimento do pai, menos ele se dedica à abertura ao mundo, menos ele faz as tarefas domésticas e menos engajado ele é com o filho. Além disso, quanto maior a renda total da família, menos engajado é o pai com sua criança. Em se tratando de pais de crianças do sexo feminino, o Teste de Correlação de Spearman não indicou correlações estatisticamente significativas.

Foi verificada a significância entre a jornada de trabalho do pai (até 30 horas e mais de 30 horas) com o engajamento paterno. O

teste Mann-Whitney revelou que o engajamento paterno geral é maior quando a jornada de trabalho do pai é de até 30 horas ($Z= 2,78$; $p < 0,01$). Assim sendo, quanto menor a jornada de trabalho do pai, mais ele realiza suporte emocional ($Z= 2,61$; $p < 0,01$), abertura ao mundo ($Z= 2,58$; $p < 0,05$) e evocações ($Z= 2,73$; $p < 0,01$). O engajamento do pai não apresenta diferenças de acordo com a jornada de trabalho da mãe e nas situações em que as mães eram donas de casa (nove mães relataram não trabalhar fora de casa), fato que indica que o engajamento paterno independe de a mãe possuir jornada de trabalho fora de casa.

5.3 Caracterização dos tipos de resolução de conflito entre pai e mãe na relação conjugal

A Tabela 6 mostra que, no que se refere às táticas de resolução de conflito conjugal, todos os pais (homens) relataram ter se utilizado de estratégia de *negociação*, em média, de dez a vinte vezes durante o último ano. Com relação à *agressão psicológica menor*, 82% dos pais referiram ter usado essa forma de violência de duas a cinco vezes, em média, no período de um ano. Além disso, um em cada cinco pais respondeu já ter realizado *agressão psicológica grave*. E 32% dos pais afirmaram que já realizaram *violência física menor* e 4% desses entrevistados disseram ter exercido *violência física grave*. Dez pais admitiram ter submetido suas parceiras à *coerção sexual menor*, e um deles afirmou ter cometido *coerção sexual grave*. No que se trata de injúrias, 10% dos homens referiram ter realizado *injúria menor* e, desses, um pai relatou ter exercido *injúria grave*.

No que diz respeito às formas de resolução de conflitos, observadas pelas mães sobre seus parceiros, 88% delas afirmaram que seus companheiros utilizaram *negociação* de 10 a 20 vezes no último ano, em média. Com relação à dimensão da *agressão psicológica*, as mães corroboraram as informações fornecidas por seus companheiros, sendo que 41 mães relataram ter sido vítimas de *agressão psicológica menor*, em média, de 2 a 5 vezes no último ano, e dez, da sua forma *grave*. Treze mães referiram já ter sido submetidas à *coerção sexual menor* e, dessas, três relataram também já ter sofrido *coerção sexual grave*. Oito mães afirmaram já ter sido vítimas de *violência física menor* e cinco de *injúria menor* e, dessas, duas relataram ter sofrido *violência física grave* e *injúria grave*.

Tabela 6. Médias e frequências das táticas de resolução de conflito

conjugal exercidas pelo pai e respostas da mãe a respeito dele

<i>Dimensões do CTS2</i>	Pai Respondente			Mãe refere sobre o parceiro		
	Quantidade	Média	Frequência	Quantidade	Média	Frequência
<i>Negociação</i>	50	(9,82) DP 5,87	De 10 a 20 vezes ¹	49	(9,09) DP 6,35	De 10 a 20 vezes ¹
<i>Agressão Psicológica Menor</i>	41	(2,68) DP 3,93	De 2 a 5 vezes ¹	41	(2,66) DP 3,52	De 2 a 5 vezes ¹
<i>Violência Física Menor</i>	16	(0,22) DP 0,52		8	(0,12) DP 0,39	
<i>Agressão Psicológica Grave</i>	10	(0,14) DP 0,35		10	(0,57) DP 1,80	
<i>Coerção Sexual Menor</i>	10	(0,88) DP 3,00		13	(0,48) DP 1,09	
<i>Injúria Menor</i>	5	(0,06) DP 0,19		5	(0,80) DP 0,27	
<i>Violência Física Grave</i>	2	(0,02) DP 0,14		2	(0,01) DP 0,06	
<i>Coerção Sexual Grave</i>	1	(0,01) DP 0,07		3	(0,07) DP 0,32	
<i>Injúria Grave</i>	1	(0,01) DP 0,07		2	(0,01) DP 0,08	

¹ Corresponde à média do número de vezes que determinada dimensão ocorreu no último ano.

A Tabela 7 demonstra que a *negociação* também foi referida como a estratégia mais usada para resolução de conflitos por todas as mães com uma frequência de 10 a 20 vezes no último ano, em média. Quarenta e quatro mães admitiram ter cometido *agressão psicológica menor* de 2 a 5 vezes durante o último ano e, dessas, 12 afirmaram já ter

realizado *agressão psicológica grave*. Quinze mães referiram já ter exercido *violência física menor* e uma em cada dez mães afirmou já ter submetido seu companheiro à *violência física grave*, sendo que uma dessas também relatou já ter praticado *injúria menor*. Seis mães relataram ter realizado *coerção sexual menor* contra seus companheiros e outra afirmou ter cometido *coerção sexual grave*.

Tabela 7. Médias e frequências das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas pela mãe e respostas do pai a respeito dela

Dimensões do CTS2	Mãe Respondente			Pai refere sobre a parceira		
	Quantidade	Média	Frequência	Quantidade	Média	Frequência
<i>Negociação</i>	50	(10,58) DP 6,16	De 10 a 20 vezes ¹	50	(9,73) DP 5,88	De 10 a 20 vezes ¹
<i>Agressão Psicológica Menor</i>	44	(3,45) DP 4,33	De 2 a 5 vezes ¹	42	(2,66) DP 3,82	De 2 a 5 vezes ¹
<i>Violência Física Menor</i>	15	(0,34) DP 1,01		14	(0,24) DP 0,78	
<i>Agressão Psicológica Grave</i>	12	(0,58) DP 1,65		11	(0,30) DP 1,37	
<i>Coerção Sexual Menor</i>	6	(0,36) DP 1,38		5	(0,06) DP 0,23	
<i>Violência Física Grave</i>	5	(0,03) DP 0,12		3	(0,01) DP 0,08	
<i>Injúria Menor</i>	1	(0,02) DP 0,14		4	(0,15) DP 0,64	
<i>Coerção Sexual Grave</i>	1	(0,00) DP 0,03		1	(0,04) DP 0,28	
<i>Injúria Grave</i>	0			0		

¹Corresponde à média do número de vezes que determinada dimensão ocorreu no último ano.

Ao analisar as respostas dos pais sobre suas parceiras, a dimensão da *negociação* foi observada por 100% deles. Entretanto, no que trata de atitudes de violência observadas pelos pais sobre suas parceiras, 84% deles afirmaram já ter sido vítimas de *agressão psicológica menor* de 2 a 5 vezes no período do último ano e 22% referiram já ter sofrido *agressão psicológica grave*. No que diz respeito à ocorrência de *violência física* na relação conjugal, a sua forma *grave* foi relatada por 6% dos pais e a *menor*, por 28% dos entrevistados. Cinco pais disseram que sofreram *coerção sexual menor* por parte de suas parceiras, e outro afirmou ter sofrido *coerção sexual grave*. Quatro pais afirmaram que suas companheiras cometeram *injúria menor* enquanto nenhum pai relatou *injúria grave*.

As Tabelas 6 e 7 indicam que tanto os pais quanto as mães relataram utilizar, principalmente, três dimensões como táticas de resolução de conflito conjugal. Dessa forma, as dimensões mais referidas foram, respectivamente, *negociação*, *agressão psicológica menor* e *violência física menor*. Além disso, na comparação das médias por dimensão do CTS2 paterno com o materno, através do Teste de Mann-Whitney, a única diferença significativa encontrada foi na dimensão *coerção sexual menor* do pai, ou seja, os pais e as mães não foram coerentes nas respostas sobre atitudes como insistir ou obrigar a parceira a fazer sexo sem usar força física ($Z = -2,24$; $p < 0,05$). A menor diferença entre as médias foi verificada na dimensão *coerção sexual grave*.

Tabela 8. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e as táticas de resolução de conflito exercidas pelo pai

Dimensões do CTS2 exercidas pelo pai:	Variáveis Correlacionadas	r de Spearman
Coerção Sexual Grave	Violência Física Grave Paterna	.71**
Violência Física Grave	Coerção Sexual Grave Materna observada pelo pai	.68**
Violência Física Menor	Violência Física Menor Materna observada pelo pai	.74**
Negociação	Negociação Materna observada pelo pai	.80**
Agressão Psicológica Menor	Agressão Psicológica Menor Materna observada pelo pai	.71**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Ao correlacionar as respostas fornecidas pelos pais (homens)

sobre cada dimensão do CTS2 com as demais dimensões do instrumento, é possível verificar que quanto mais o pai diz exercer *violência física grave*, mais ele tende a também referir exercer *coerção sexual grave*. Da mesma forma, quanto mais o pai relata observar sua companheira realizar coerção sexual grave, mais ele parece cometer violência física grave. Com relação à *violência física menor* e *agressão psicológica menor*, os dados apontam que o pai afirma praticar tais dimensões, quando ele observa sua parceira realizando atitudes similares ou iguais. No que diz respeito a estratégias de *negociação*, a tabela indica que o pai utiliza *negociação* à medida que ele percebe sua companheira usando esse tipo de tática para resolução de conflitos.

Além disso, a Tabela 9 mostra que ao verificar as correlações entre as dimensões do CTS2 e as variáveis sociodemográficas, percebe-se que quanto maior a escolaridade paterna e as rendas materna, paterna e familiar, menos a mãe refere exercer táticas de *negociação* para a resolução de conflitos conjugais. Da mesma forma, quanto maior a renda materna, menos o pai refere observar sua companheira utilizar estratégias de *negociação*.

Ao se comparar as médias do CTS2 entre pais de meninos e meninas através do teste de Mann-Whitney, não houve diferença estatisticamente significativa relacionada ao sexo da criança.

Tabela 9. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e variáveis sociodemográficas

<i>Dimensões do CTS2</i>	<i>Variáveis Correlacionadas</i>	<i>r de Spearman</i>
Negociação exercida pela Mãe		
	Escolaridade Paterna ¹	.35*
	Renda Familiar no mês anterior ¹	.34*
	Renda Paterna ¹	.30*
	Renda Materna ¹	.39**
Negociação Materna observada pelo Pai		
	Renda Materna ¹	.41**

¹ Correlação negativa. *p<0,05; **p<0,01. Não houve correlação com as outras dimensões.

5.3 Caracterização do relacionamento conjugal, frequência de conflitos e tipos de personalidade dos cônjuges

O relacionamento conjugal foi avaliado a partir da aplicação do instrumento Floreal, o qual investiga quatro dimensões na relação entre

o casal, que são *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa*, *evitação* e *reciprocidade*. Para as três primeiras dimensões, os pais respondiam a um questionário que abrangia uma escala likert de 6 pontos, sendo 1 *discordo totalmente* e 6, *concordo totalmente*. A dimensão *reciprocidade* foi respondida através de duas questões de múltipla escolha (questões 26 e 27). A dimensão *ciúme* incluiu escalas e questões de múltipla escolha (itens 28 a 32).

Tabela 10. Médias e desvios-padrão de pai e mãe nas dimensões do Floreal

	Relacionamento Conjugal			Conflitos		Personalidade		
	<i>Harmonia Conjugal</i>	<i>Reciprocidade Negativa</i>	<i>Evitação</i>	<i>Fontes de conflito entre o casal</i>	<i>Conflito na presença da criança</i>	<i>Dominante</i>	<i>Colaborador</i>	<i>Individualista</i>
Pai	5,05 (D.P=0,55)	2,59 (D.P=0,77)	2,83 (D.P=0,71)	1,62 (D.P=0,35)	1,39 (D.P=0,36)	3,80 (D.P=0,68)	4,00 (D.P=0,56)	2,59 (D.P=0,66)
Mãe	5,07 (D.P=0,57)	2,95 (D.P=0,92)	2,88 (D.P=0,82)	1,74 (D.P=0,43)	1,42 (D.P=0,34)	3,90 (D.P=0,62)	3,95 (D.P=0,58)	2,24 (D.P=0,64)

A *harmonia conjugal* foi a dimensão que obteve médias mais altas, tanto para os pais quanto para as mães. Dessa forma, a maioria dos casais entrevistados respondeu que concorda que costuma falar de sentimentos um ao outro, fazer concessões, gentilezas e agrados. Em relação à *reciprocidade negativa* e *evitação*, as mães indicaram exercê-las mais do que os pais. Entretanto, as médias dessas duas dimensões, tanto dos pais quanto das mães, abrangem valores entre 2 e 3, fato que

indica que, em média, ambos os cônjuges discordam em exercer atitudes que se caracterizam por *reciprocidade negativa* e *evitação* no relacionamento.

Com relação às duas questões que avaliavam a reciprocidade entre o casal, 84% dos homens responderam que consideram ter uma relação justa com suas companheiras, na qual ambos ganham igualmente por estar juntos. No entanto, 12% dos pais relataram perceber que a relação conjugal é muito mais favorável para eles do que para suas esposas. Em contrapartida, 4% dos entrevistados referiram que suas companheiras aproveitam mais da relação do que eles.

A maioria das mães entrevistadas (82%) também considerou ter uma relação conjugal justa. Entretanto, 16% das mães consideraram que seus companheiros aproveitam mais da relação do que elas, e apenas uma mãe referiu aproveitar mais do relacionamento do que seu parceiro.

No que se refere ao futuro da relação conjugal, 56% dos pais e 60% das mães relataram acreditar que a situação ficará do mesmo jeito e 44% dos pais e 40% das mães afirmaram crer que a relação irá melhorar, e eles terão mais do que esperam de seu cônjuge.

As questões sobre *ciúmes* evidenciaram que as mães se autodefinem como pouco ciumentas (30%), raramente ciumentas (28%) e ciumentas (12%). Quatro mães afirmaram ser muito ciumentas e duas, extremamente ciumentas. Elas também referiram que nunca (40%) ou raramente (28%) pensam que seus companheiros estão interessados sexualmente por outras pessoas. E 52% delas afirmaram que incomodaria mais imaginar que seus companheiros estivessem apegados emocionalmente a outras pessoas. Entretanto, nessa situação, a maioria delas mencionou que se sentiria muito enciumadas (22%).

Os pais responderam às mesmas questões sobre *ciúmes*, e 42% deles afirmaram serem pouco ciumentos, 20% raramente ciumentos e 16% ciumentos. Três pais referiram ser muito ciumentos e dois, extremamente ciumentos. Com relação a pensarem que suas companheiras pudessem estar interessadas sexualmente em outras pessoas, a maioria deles respondeu que nunca (76%) ou raramente (14%) tem esses tipos de pensamentos. Ao contrário das mães, 60% dos pais julgaram que se incomodariam mais de imaginar que suas companheiras tivessem relações sexuais apaixonadas com outras pessoas, e, ao refletirem sobre essa situação, a maioria deles afirmou que ficaria extremamente ciumento (34%).

O instrumento Floreal também avalia as principais fontes de conflito entre os casais e a ocorrência dos mesmos na presença dos

filhos, utilizando uma escala likert de 5 pontos, na qual 1 corresponde a *nunca* e 5 a *muito*. Os pais e mães entrevistados responderam, em média, que nunca ou raramente têm conflitos por questões familiares, religiosas ou as que envolvem amigos, dinheiro, educação dos filhos, sexualidade, entre outros.

No que trata da personalidade de cada um dos cônjuges, o instrumento avaliou três tipos, que são *dominante*, *colaboradora* e *individualista*. A comparação entre médias demonstrou que tanto os pais quanto as mães referiram ter uma personalidade mais colaboradora.

Os resultados nas comparações entre pai e mãe nas dimensões do Floreal, realizadas através dos testes estatísticos de Mann-Whitney e Wilcoxon, apontam que existe uma diferença estatisticamente significativa em duas dimensões: *reciprocidade negativa* e *personalidade individualista*. Na primeira, observou-se que as mães possuem média maior que os pais, indicando que estas referem mais características de reciprocidade negativa que os pais ($p < 0,05$; $Z = -0,31$). Já na dimensão *personalidade individualista*, os pais apresentaram uma média maior que as mães ($p < 0,01$; $Z = -2,77$) e demonstram mais aspectos de personalidade individual como competitividade e ambição do que as mães.

Ao correlacionar as dimensões do Floreal paterno com as dimensões de pai e mãe do mesmo instrumento, conforme demonstrado na Tabela 11, é possível verificar que quanto mais o pai refere ter *harmonia conjugal*, menos ele relata *fontes de conflito* na relação com sua companheira e mais ele menciona ter *personalidade do tipo colaboradora*. Por conseguinte, quanto mais a mãe percebe ter *harmonia conjugal*, menos o pai diz ter comportamentos de *reciprocidade negativa* e *conflitos na presença da criança focal*. Entretanto, quando a mãe refere fontes de conflito entre ela e seu parceiro, mais o pai refere ter comportamentos de *reciprocidade negativa* e *fontes de conflito na relação conjugal* e *na frente da criança focal*. Essa modalidade de *conflito na presença da criança*, quando descrita pelo pai, também está relacionada a atitudes dele de *reciprocidade negativa* e a *fontes de conflito entre o casal*. Essa mesma modalidade, quando descrita pela mãe, está associada à maior referência de *conflitos na presença da criança* por parte do pai.

No que se refere a comportamentos evitativos, os resultados mostrados na Tabela 11 indicam que quanto mais a mãe refere exercê-lo, mais o pai menciona também realizar tais atitudes, bem como afirma ter traços de *personalidade colaboradora*. Esse tipo de personalidade paterna que inclui a valorização de atos e contribuições alheias também

é associado a características de *personalidade dominantes* do pai como liderança, por exemplo. Entretanto, quando a mãe refere ter uma *personalidade* mais *colaboradora*, mais o pai afirma ter *fontes de conflito* com a esposa. Da mesma forma, quanto mais a mãe diz ter características *individualistas*, mais o pai se descreve da mesma maneira. Além disso, quanto mais o pai menciona ser ambicioso e competitivo, mais ele também cita ter atitudes de liderança. Por fim, quanto mais o pai e a mãe referem traços de personalidade dominantes, menos ele diz realizar comportamentos evitativos.

Tabela 11. Correlações de Spearman entre as dimensões do Floreal exercidas pelo pai

<i>Dimensões exercidas pelo pai</i>	<i>Variáveis Correlacionadas</i>	<i>r de Spearman</i>
Harmonia Conjugal	Fontes de conflito entre o casal referidas pelo pai ¹	.32*
	Personalidade colaboradora Paterna	.34*
Reciprocidade Negativa	Harmonia conjugal referida pela mãe ¹	.34*
	Fontes de conflito entre o casal referidas pela mãe	.45**
	Conflito na presença da criança referido pelo pai	.34*
Evitação	Evitação Materna	.30*
	Personalidade Dominante Materna ¹	.30*
	Personalidade Dominante Paterna ¹	.33*
Fontes de conflito entre o casal	Fontes de conflito entre o casal referidas pela mãe	.36*
	Personalidade Colaboradora Materna	.34*
	Conflito na presença da criança referido pelo pai	.77**
Conflito na presença da criança	Harmonia Conjugal referida pela mãe ¹	.32*
	Fontes de conflito entre o casal referidas pela mãe	.46**
	Conflito na presença da criança referido pela mãe	.37**
	Personalidade Colaboradora Paterna	.28*
Personalidade Dominante	Personalidade Colaboradora Paterna	.34*
	Personalidade Individualista Paterna	.28*
Personalidade Colaboradora	Evitação Materna	.37**
Personalidade individualista	Personalidade Individualista Materna	.29*

¹ Correlação negativa. *p<0,05; **p<0,01.

Tabela 12. Correlações de Spearman entre as dimensões do Floreal paterno e do CTS2 paterno e materno

<i>Dimensões do Floreal Paterno</i>	<i>Variáveis Correlacionadas (CTS2 paterno e materno)</i>	<i>r de Spearman</i>
Harmonia Conjugal	Coerção Sexual Menor exercida pelo pai ¹	.29*
Reciprocidade Negativa	Negociação Materna observada pelo pai	.40**
	Agressão Psicológica Menor exercida pelo pai ¹	.37*
	Agressão Psicológica Grave exercida pela mãe ¹	.29*
	Agressão Psicológica Menor Paterna observada pela mãe ¹	.30*
Evitação	Coerção Sexual Menor exercida pelo pai	.29*
	Negociação exercida pelo pai	.42**
Fontes de conflito entre o casal	Agressão Psicológica Grave exercida pela mãe	.29*
Conflito na presença da criança	Agressão Psicológica Grave exercida pela mãe	.32*
Personalidade dominante paterna	Violência Física Grave Materna observada pelo pai	.31*
	Agressão Psicológica Grave Paterna observada pela mãe	.28*
Personalidade colaboradora paterna	Agressão Psicológica Menor exercida pelo pai	.31*
	Agressão Psicológica Menor Materna observada pelo pai	.34*
Personalidade individualista paterna	Coerção Sexual Menor exercida pela mãe ¹	.29*
	Coerção Sexual Menor Paterna observada pela mãe ¹	.30*
	Violência Física Menor Materna observada pelo pai	.35*
	Agressão Psicológica Grave Paterna observada pela mãe	.34*
	Agressão Psicológica Menor Paterna observada pela mãe	.34*

¹Correlação negativa. *p<0,05; **p<0,01.

Ao correlacionar as dimensões do Floreal paterno com as dimensões do CTS2 materno e paterno, é possível verificar que o pai

refere ter mais harmonia conjugal, quando ele afirma cometer menos *coerção sexual menor*. Entretanto, quando o pai refere exercer esse tipo de coerção, ele parece utilizar mais a estratégia de *evitação* frente a conflitos conjugais.

Os dados da tabela também indicam que quanto menos o pai refere exercer *agressão psicológica menor*, bem como quanto menos sua parceira observa tais atitudes nele ou ela refere realizar *agressão psicológica grave*, mais o pai usa de *reciprocidade negativa* no relacionamento com a esposa. Ademais, quanto mais o pai percebe sua companheira desempenhando estratégias de *negociação*, mais ele tende a responder com *reciprocidade negativa*. Entretanto, no que se refere às táticas de *negociação* utilizadas pelo pai, este, ao referir empreendê-las, parecer usar também comportamento evitativo.

Os dados também apontam que quanto mais a mãe relata exercer agressão psicológica grave, mais o pai tende a referir uma alta frequência de conflitos entre o casal e na presença da criança focal.

Ao se tratar dos tipos de personalidade paterna, os resultados sugerem que o pai afirma ter uma *personalidade dominante* à medida que ele observa sua companheira realizar *violência física grave* e em que essa diz perceber nele atos que envolvem *agressão psicológica grave*. O pai que afirma ter uma personalidade mais *colaboradora* parece ser aquele que diz exercer e refere observar sua esposa realizar *agressão psicológica menor*. Por fim, o pai que se enquadra no tipo de personalidade *individualista* tende a ser aquele cuja parceira refere que ele exerce *agressão psicológica grave* e *menor* e também o que diz observar sua companheira cometer *violência física menor*. Além disso, o pai tende a apresentar características de personalidade menos *individualistas* quanto mais sua companheira cometer ou percebê-lo praticando *coerção sexual menor*.

A Tabela 13 mostra que, ao verificar as dimensões dos instrumentos Floreal e CTS2 correlacionados com o QEP geral e suas dimensões, é possível observar que quanto mais a mãe apresenta comportamentos de *reciprocidade negativa* e *personalidade individualista*, menos o pai investe na criança. O uso da *reciprocidade negativa* por parte da mãe também pode ser associada a uma diminuição do engajamento paterno na *disciplina* e em *jogos físicos*. Além disso, as características de personalidade mais *individualistas* da mãe também parecem prejudicar a prática paterna de ações que envolvem *evocações*, *cuidados básicos* e *abertura ao mundo*. Assim sendo, pais casados com mães que se definem como mais competitivas e ambiciosas, tendem a

pensar menos no filho quando esse não está presente, além de não se envolver muito em certos cuidados como alimentar a criança, dar banho, vesti-la, levantar a noite para atentá-la, entre outros. Esses pais também podem apresentar mais dificuldades para desempenhar atividades como assistir a um programa infantil com o filho, escutar música, levá-lo para passear na casa de outras pessoas ou no parque, praticar esportes com a criança, entre outras.

Tabela 13. Correlações de Spearman do QEP Paterno com dimensões do CTS2 e Floreal

	<i>Variáveis correlacionadas (CTS2 e Floreal paterno e materno)</i>	<i>r de Spearman</i>
QEP Geral		
	Reciprocidade Negativa Materna ¹	.29*
	Personalidade Individualista Materna ¹	.44**
Disciplina		
	Reciprocidade Negativa Materna ¹	.43**
	Evitação Materna ¹	.44**
	Fontes de conflito entre o casal referidas pela mãe ¹	.35*
	Conflito na presença da criança referido pela mãe ¹	.28*
Jogos Físicos		
	Reciprocidade Negativa Materna ¹	.31*
Evocações		
	Violência Física Grave Paterna observada pela mãe	.30*
	Personalidade Individualista Materna ¹	.34*
Cuidados Básicos		
	Injúria Menor Materna observada pelo pai ¹	.33*
	Agressão Psicológica Menor Paterna ¹	.31*
	Conflito na presença da criança referido pela mãe ¹	.31*
	Personalidade Dominante Materna ¹	.34*
	Personalidade Individualista Materna ¹	.34*
Abertura ao Mundo		
	Coerção Sexual Menor Paterna	.29*
	Violência Física Grave Paterna observada pela mãe	.28*
	Evitação Materna ¹	.29*
	Personalidade Individualista Materna ¹	.33*

¹ Correlação negativa; *p< 0,05; **p< 0,01. Não houve correlação significativa com as dimensões *Suporte Emocional* e *Tarefas de Casa*.

Ainda no que trata de tipos de personalidade, a mãe que se define como mais *dominante*, ou seja, com traços pessoais que evidenciam aspectos de liderança, também pode fazer com que o pai invista menos em *cuidados básicos*. Essa dimensão também parece ser prejudicada quanto mais o pai comete *agressão psicológica menor* e quanto mais ele refere observar sua parceira exercendo *injúria menor*.

O *conflito na presença da criança* referido pela mãe parece atrapalhar, principalmente, a imposição da *disciplina* e o empreendimento de *cuidados básicos* por parte do pai. Da mesma forma, quanto mais a mãe refere fontes de conflito entre ela e seu companheiro, menos o pai exerce a *disciplina*. Essa dimensão paterna também pode ser comprometida quanto mais a mãe demonstrar comportamentos de *evitação* no relacionamento conjugal. A postura *evitativa* da mãe pode ainda prejudicar atitudes do pai com relação à *abertura ao mundo*.

Com relação a atitudes envolvendo violência, os resultados sugerem que quanto mais a mãe observa o pai praticar *violência física grave*, mais ele tende a exercer *evocações* e *abertura ao mundo* nos cuidados com o filho. Ademais, a prática dessa última dimensão pode ocorrer quanto mais o pai cometer *coerção sexual menor*.

6 DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal investigar a relação entre engajamento paterno e táticas de resolução de conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos. A hipótese original era de que o engajamento paterno com o filho seria maior quanto menos houvesse conflito conjugal entre os pais. Entretanto, como se trata de uma pesquisa com metodologia que envolve análise de dados descritiva e inferencial, os resultados obtidos abarcam uma série de correlações que serão discutidas a seguir. A discussão será organizada de forma que responda aos objetivos geral e específicos do estudo.

Os resultados mostram que, de acordo com a percepção materna, o conflito entre pai e mãe e na presença da criança parece prejudicar, principalmente, duas dimensões do engajamento paterno que são *disciplina* e *cuidados básicos*. Sendo assim, quanto mais intenso for o conflito conjugal, quer este ocorra na frente da criança ou não, menos o pai estabelecerá limites para seu filho como, por exemplo, corrigi-lo à mesa, repreender a ele quando perturbar ou no caso de desobedecê-lo, além de puni-lo se ele fizer algo errado. O pai, cuja esposa refere alto nível de conflito na frente do filho, tende a investir menos em cuidados de base como alimentação, higiene, saúde, vestimenta e supervisão de rotinas.

Destaca-se que esses resultados originaram-se do comportamento paterno observado pelas mães, a respeito do relacionamento conjugal. Com isso, cabe salientar que os dados mostram que o engajamento paterno geral parece ficar comprometido quanto mais a mãe demonstrar comportamentos de *reciprocidade negativa* e *personalidade individualista*. Assim, a mãe que sente fazer mais concessões na relação, que tem a impressão de que os favores conjugais não são recíprocos e que refere muitas divergências e brigas pode promover um afastamento do pai com relação a todas as formas de engajamento. Do mesmo modo, a mãe cujos traços de personalidade se caracterizam por ser mais ambiciosa e competitiva também pode não permitir o envolvimento paterno de forma geral. Portanto, os resultados indicam que o engajamento paterno depende, sobretudo, das atitudes maternas.

Essa dependência paterna em relação aos comportamentos da mãe pode ser explicada pela predominância do modelo tradicional sobre a divisão dos papéis de gênero e de socialização da paternidade. As mulheres foram socializadas para assumirem a responsabilidade primeira sobre os filhos (Wagner, 2005). Além disso, a função paterna é

menos definida e codificada do que o papel materno, pois os homens foram menos preparados para assumir a responsabilidade de cuidar de uma criança (Turcotte & Gaudet, 2009). Os estudos revisados revelam que o pai tem mais tendência a participar nos cuidados com a criança e envolver-se em atividades de lazer com ela à medida que ele sente que tem competência e as habilidades necessárias para fazê-lo e, muitas vezes, essa percepção é consentida pela mãe (Beitel & Parke, 1998; McBride & Rane, 1998; McBride, Brown, Bost, Shin, & Vaughn, 2005). Assim, na esfera familiar, as mulheres têm o estatuto de especialista e guia que pais tendem a se referir para o cuidado da criança (Parke, 2002; Turcotte & Gaudet, 2009).

Com relação a isso, Turcotte & Gaudet (2009) discutem que as mães parecem ter receio de que os pais tomem o lugar delas e possam desempenhar um papel de vigilantes (*gatekeepers*), por isso elas regulamentam o envolvimento dos pais com seus filhos. Algumas mulheres podem sentir-se desconfortáveis com a ideia de compartilhar o poder que têm tradicionalmente na esfera familiar, abrindo mão de seus poderes em relação à criança. Essa questão parece paradoxal, pois demonstra um comportamento ambivalente das mães que, ao mesmo tempo em que requerem uma participação mais ativa dos homens na esfera doméstica, nos cuidados e educação dos filhos, parecem sentir que essa colaboração paterna perturba a dinâmica do poder delas dentro da família. Tais temores maternos podem fazer com que as mães ajam no sentido de desencorajar os pais a realizarem esforços para ter um papel mais ativo na educação dos filhos, causando, assim, um afastamento paterno. Assim, a maior participação paterna nos cuidados com a criança está ligada a características da mãe e ao quanto ela permite e abre espaço para isso (Feldman, et al., 1983).

Além do exposto, de acordo com a teoria bioecológica do desenvolvimento humano, famílias matriarcais, nas quais o pai é presente, mas tem um papel subordinado e a mãe detém o poder de decisão, tendem a criar crianças que apresentam dificuldades em tomar decisões e iniciativas. Do contrário, responsabilidade e liderança tendem a ser maximizadas em famílias de estruturas diferenciadas, nas quais ambos os pais são ativos, mas exercem papéis diferentes em relação aos filhos. Especificamente, crianças tendem a ser mais responsáveis em famílias em que o pai é o principal disciplinador e companhia para o menino e, a mãe, para a menina. Portanto, dois adultos do sexo oposto parecem ser mais efetivos na socialização das crianças (Bronfenbrenner, 2005).

Cabe ressaltar que a média de engajamento paterno geral da amostra estudada foi considerada alta. Com relação a isso, há de se ponderar que os participantes da pesquisa eram provenientes de uma amostra não clínica, ou seja, famílias que concordaram em participar do estudo. Dessa forma, pode-se inferir que os pais e mães que aceitaram responder aos instrumentos já demonstraram interesse no desenvolvimento de seus filhos e envolvimento com os mesmos, visto que o foco do projeto maior é a transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares. Isso foi confirmado pelas falas de algumas diretoras dos Institutos de Educação Infantil parceiros do projeto, as quais verbalizaram que as famílias que responderam às *cartas-convite* foram aquelas que, na concepção das educadoras, menos precisavam por não apresentarem demandas.

Essas observações feitas pelas diretoras evidenciam as interconexões do mesossistema formado pelos microsistemas familiares e escolares que compuseram a amostra. De acordo com a perspectiva bioecológica, considera-se a criança focal como um *vínculo primário* com a escola e, seus pais, *vínculos suplementares*. Desse modo, a criança forma com a escola uma *díade de ligação* a qual pode ser percebida no presente estudo através do que se chama de *comunicação interambiente* e *conhecimento interambiente*. A *comunicação interambiente* se refere às mensagens transmitidas de um ambiente para o outro com a intenção de dar informações específicas e isso ocorreu, por exemplo, com o envio e retorno das *cartas-convite* para participação neste estudo. O *conhecimento interambiente* diz respeito à informação ou experiência que existe num ambiente a respeito do outro (Bronfenbrenner, 1996). Esse processo aconteceu quando as diretoras passaram informações aos pesquisadores sobre as famílias que aceitaram participar do estudo.

Destaca-se, também, que a aplicação do instrumento QEP demonstrou que há uma tendência de o pai se engajar mais com os filhos do que com as filhas, embora a única diferença significativa encontrada seja na dimensão *disciplina*. Isso ratifica o que foi preconizado por Bronfenbrenner (2005), sendo que no período pré-escolar o pai exerce uma importante influência direta sobre a criança, especialmente, quando essa é do sexo masculino. Além disso, em se tratando de pais de meninos, as correlações do QEP com variáveis sociodemográficas apontam que quanto maior o rendimento do pai, menos ele se dedica à *abertura ao mundo*, menos ele faz as *tarefas domésticas* e menos engajado ele é com o filho. Por fim, salienta-se, ainda, que

o engajamento paterno geral é maior quando a jornada de trabalho do pai é de até 30 horas e independe do fato de a mãe trabalhar fora de casa.

Esses resultados corroboram vários estudos que identificaram que o pai se envolve mais com meninos, pois se sente melhor preparado para jogar ou discutir com crianças do mesmo sexo (Starrels, 1994; NICHD, 2000; Turcotte & Gaudet, 2009). Os achados do presente estudo também confirmam conclusões de outras pesquisas que indicam que, quando o pai tem uma profissão de alto escalão e exerce cargo de comando e renda elevada, é menos envolvido em diversas atividades com crianças (Levy-Schiff & Israelashvili, 1988; Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001). Além disso, pesquisadores também concluíram que quanto mais o pai investe tempo e energia em seu trabalho, menos ele se mostra ativamente envolvido na vida de seus filhos (Bronfenbrenner, 1986; NICHD, 2000; Turcotte & Gaudet, 2009).

Um dos objetivos específicos do estudo era identificar as dimensões predominantes no engajamento paterno, sendo que a hipótese baseada na revisão de literatura previa que essas seriam, respectivamente, *disciplina*, *abertura ao mundo* e *jogos físicos*. Contudo, os resultados da amostra investigada mostraram que o pai se preocupa em oferecer ao filho, especialmente, *suporte emocional*, seguido de *disciplina* e *jogos físicos*. Esses resultados se opõem ao estudo de validação do instrumento QEP realizado com famílias biparentais canadenses, o qual revelou que o pai está mais envolvido com a *disciplina* do que com *suporte emocional* (Paquette, et al., 2000). Entretanto, esses resultados podem ser considerados positivos, à medida que é consenso entre pesquisadores que o pai que é afetivo e capaz de impor regras e limites claros para a criança permite que essa desenvolva confiança em si mesma, torne-se responsável e cooperativa com adultos e pares na idade pré-escolar (Baumrind, 1971) e desenvolva habilidades sociais e acadêmicas em idade escolar (Hastings & Rubin, 1999; Paquette, et al., 2009).

Cabe salientar que *suporte emocional* abrange cuidar, tranquilizar e consolar a criança, oferecer os primeiros-socorros, dizer à criança que a ama, incentivar e intervir, quando ela apresenta alguma dificuldade ou desconforto. O fato de essa dimensão ter sido mais relevante no envolvimento paterno reflete as mudanças que tem ocorrido nas formas como as famílias têm se organizado em nossa sociedade. A entrada das mulheres no mercado de trabalho tem feito com que elas demandem de seus maridos mais participação na vida familiar. Assim,

surge o conceito de pai emergente que compartilha de forma mais igualitária as tarefas de cuidados com os filhos (Lewis & Dessen, 1999). Portanto, parece que o pai está, gradativamente, se apossando de condutas que eram vistas como do universo materno (Perucchi & Beirão, 2007; Wagner, et al., 2005).

A dimensão *abertura ao mundo* foi elencada em sexta posição. Esse resultado surpreende, visto que essa é uma função considerada essencialmente paterna na América do Norte, principalmente no que se refere ao trato com meninos (Paquette, 2004b). A hipótese para o resultado pouco expressivo dessa dimensão é que alguns dos itens que a constituem no instrumento QEP são poucos representativos de atitudes paternas realizadas pela amostra estudada. A dimensão *jogos físicos*, a qual inclui comportamentos que resultam em diferentes tipos de contato físico com a criança, foi classificada na terceira posição no *ranking* de dimensões, conforme era esperado. Entretanto, a questão que se referia a jogos de lulinha foi negada por quase metade dos pais. Hipotetiza-se que isso ocorreu porque, na cultura brasileira, esse tipo de brincadeira pode ser mal visto, por incitar a violência. Infere-se, portanto, que o instrumento pode não ter oportunizado uma avaliação mais aprofundada das dimensões *abertura ao mundo* e *jogos físicos*.

A média da dimensão *evocações* sugere que o pai regularmente pensa ou lembra-se do filho quando este não está presente. Esse dado indica que o pai estabeleceu com sua criança uma *díade primária*, pois essa se refere a pensamentos, fortes sentimentos emocionais e influencia comportamentos de dois indivíduos, mesmo quando esses não estão juntos. Para Bronfenbrenner (1996), essas díades desempenham uma forte influência na motivação para a aprendizagem e na orientação do curso do desenvolvimento, tanto na presença quanto na ausência da outra pessoa.

A dimensão *tarefas de casa* foi a menos relatada pelos pais, ou seja, o pai se envolve menos em atividades como preparar as refeições, lavar louça ou roupa, limpar a casa, fazer compras, entre outras. Esse resultado corrobora os achados de Braz et al. (2005) que apontam as mães ainda como as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos e pelo desempenho das atividades domésticas, mesmo quando trabalham fora. Outro estudo, com famílias cujas mães eram as principais provedoras do sustento econômico, mostrou que os pais não assumiam a responsabilidade pela esfera doméstica (Fleck & Wagner, 2003). É possível também que o pai pense que as tarefas exercidas por ele sejam suficientes, conforme exposto na pesquisa de Tonelli et al.

(2006) que, em relação às atividades domésticas, os pais consideraram que a participação deles era o padrão ideal, sendo que para as esposas o ideal seria superior ao real apresentado.

Outro objetivo desta pesquisa era caracterizar o relacionamento conjugal e as táticas de resolução de conflito entre os casais. Nesse sentido, os resultados dos instrumentos Floreal e CTS2 mostraram que a maioria de pais e mães considera ter uma relação conjugal *harmônica*, permeada principalmente pela *negociação*. Assim, os casais entrevistados concordaram que expressam sentimentos em relação um ao outro, mesmo quando esses são negativos, usam de todo o tempo necessário para resolverem desavenças, fazem concessões e reconhecem manifestações recíprocas de agrados, gentilezas e de atitudes que visam a oferecer satisfação e felicidade ao cônjuge. Do mesmo modo, em situações de conflito, os casais referiram importar-se com o parceiro, inclusive quando estão em desacordo, explicar o motivo das discordâncias, mostrar que respeitam os pontos de vista e sentimentos do cônjuge e engajar-se na busca pela solução dos problemas para resolver as diferenças.

Por essas razões, pode-se afirmar que, em média, os casais participantes vivem em *harmonia conjugal* caracterizada por um sentimento de empatia, a qual faz com que cada um dos cônjuges sintasse acolhido, validado em seus sentimentos e respeitado, permitindo, assim, uma maior satisfação no casamento (Oliveira, Falcone, & Ribas, 2009). Silvares e Souza (2008) discutem que um casal pode ser considerado harmônico se esse se avalia como feliz e ajustado, além de apresentar um alto nível de concordância nos vários aspectos que concernem sua vida em comum. Ademais, a expressão do afeto nas discussões e na ocorrência de incompatibilidade de ideias, com manifestação de sentimentos de cuidado e respeito mútuo, parece ser uma forma mais positiva de lidar com os conflitos. Braz et al. (2005), ao investigarem as relações conjugais de famílias de classe média, também concluíram que casais atribuem satisfação ao casamento quando esse é alicerçado por compromisso, intimidade, similaridade, trocas afetivas e negociação.

Os dados, também, indicam que quanto mais o pai refere relacionamento harmônico, menos ele refere fontes de conflito entre ele e a mãe. Portanto, os casais do presente estudo demonstram utilizar estratégias mais construtivas para resolução de seus conflitos, as quais envolvem manifestação de apoio e afeição, pedidos de desculpas e explicações aos filhos sobre os problemas dos pais (Boas, et al., 2010).

O uso de táticas salutares para resolução de problemas é entendido como mais positivo para que os filhos tenham confiança na estabilidade da família (Goeke-Morey, Cummings, Harold, & Shelton, 2003). Além disso, a coesão familiar, a satisfação interparesntal e o fato de os pais se expressarem aparecem como fator de proteção para a segurança emocional das crianças (Davies, et al., 2002).

A *harmonia* conjugal pode ser também associada ao fato de pais e mães definirem suas personalidades como mais *colaborativas*, o que contribui para o bom relacionamento entre ambos. A personalidade colaboradora pressupõe uma disposição para promover coalizões, cooperação e valorização das opiniões alheias (Zuroff, Fournier, Patall, & Leybman, 2010). Os resultados mostram, inclusive, que quanto mais o pai refere ter uma personalidade do tipo *colaboradora*, mais ele também menciona ter *harmonia* na relação com a esposa. Por conseguinte, a maioria dos pais e mães entrevistados respondeu que consideram ter uma relação conjugal justa, na qual ambos ganham igualmente por estar juntos.

Esses resultados permitem pensar que os casais participantes da pesquisa tenham uma *díade de atividade conjunta* (Bronfenbrenner, 1996), ou seja, que percebam que estão fazendo alguma coisa juntos, sobre a qual cada um realiza algo um pouco diferente, mas que complementa a atividade do outro. Para tanto, é necessário que essa díade tenha reciprocidade, equilíbrio de poder e uma relação afetiva. A reciprocidade se caracteriza por um concomitante *feedback* mútuo que faz com que os casais se engajem em padrões de interação progressivamente mais complexos. O equilíbrio de poder ocorre quando um dos membros da díade é mais influente do que o outro, e essa situação se alterna. Por fim, no curso das interações diádicas, os participantes tendem a expressar mais os sentimentos um em relação ao outro. Quando esses sentimentos são positivos e recíprocos, é possível que o ritmo e a probabilidade de ocorrência de processos desenvolvimentais sejam aumentados.

O tipo de conflito conjugal mais expressivo para ambos os cônjuges foi a *agressão psicológica menor*. Isso indica que, apesar de os pais e mães referirem tentar resolver diferenças ou desavenças através de diálogos na maior parte do tempo, eventualmente, eles têm atitudes que envolvem fazer algo para ofender o cônjuge: insultam ou xingam, gritam ou berram, viram as costas e vão embora no meio de uma discussão ou ameaçam acertar ou jogar algo no companheiro. Esse resultado novamente corrobora o estudo de Braz et al. (2005) que identificaram que, em situações de conflito, a maioria dos casais reage

de forma negativa, ou seja, gritando, reclamando, demonstrando raiva e deixando de falar com o parceiro por determinado tempo. Assim, os resultados indicam que, quanto às estratégias de resolução de conflito, quando o diálogo não é possível, há predomínio de agressões verbais e/ou isolamento em detrimento de agressões físicas.

A pesquisa também se propôs a identificar a incidência de conflitos interparentais na presença dos filhos, e os pais responderam que nunca ou raramente têm conflitos na frente das crianças. Entretanto, quanto mais o pai refere *conflito na presença da criança*, mais ele também menciona ter atitudes de *reciprocidade negativa e fontes de conflito* com a parceira. Esses resultados confirmam o que autores que iniciaram as pesquisas sobre relações conjugais afirmavam há mais de 30 anos, a reciprocidade entre casais tende a ser mais forte para comportamentos desagradáveis do que para os prazerosos (Wills, Weiss, & Patterson, 1974). Sendo assim, quando um dos cônjuges reage de forma negativa às atitudes do parceiro, isso implica no mesmo tipo de resposta por parte desse último. Dessa forma, relações permeadas por atos negativos terão mais conflitos e, conseqüentemente, esses serão mais expostos aos filhos.

O estudo também visava a verificar se havia relação entre variáveis sociodemográficas (sexo da criança, renda e escolaridade dos pais) com o conflito conjugal. A esse respeito, foi possível verificar que quanto maior a escolaridade do pai e quanto mais alta for a renda mensal paterna, materna e familiar, menos a mãe exercerá táticas de *negociação* com o esposo. Assim, pode-se supor que as mães com boa renda pessoal e familiar, casadas com homens com bom nível educacional e econômico, não têm muita necessidade de negociar estrategicamente com o intuito de obter acordos, justamente por viverem uma relação de consonância com o cônjuge.

No que se refere às estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal, essas podem ser diretas ou indiretas, ativas ou camufladas, visando a buscar a resolução do dilema ou a fugir do mesmo. O tipo de tática escolhida por cada cônjuge em situação de conflito é resultante do papel e do *status* de cada membro do casal, bem como da distribuição do poder desses na dinâmica familiar. Desse modo, há todo um conjunto de estratégias que se constituem de maneiras informais de se controlar o cotidiano conjugal, funcionando como uma linguagem que os casais aprendem ao longo do tempo em que permanecem juntos (Garcia & Tassara, 2001).

Além do exposto, apesar de as mães terem obtido escores

médios maiores do que os pais nas dimensões *reciprocidade negativa* e *evitação*, ambos os cônjuges parecem discordar que utilizam estratégias não recíprocas para resolver seus conflitos ou que fazem rodeios, deixando que o tempo resolva seus problemas conjugais. Dessa forma, a ocorrência da *negociação* pode fluir naturalmente, sem que os casais percebam que usam dessa dimensão como uma tática de resolução de conflitos. Assim, de acordo com os resultados, a maioria dos casais entrevistados demonstrou ter relacionamentos saudáveis, isto é, perpassado por concordância na maior parte das questões e na solução de problemas, por padrões de comunicação eficazes e por preocupação com a manutenção da relação (Wright, Simmons, & Campbell, 2007).

A partir de uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano sobre os resultados obtidos, percebe-se a inter-relação de vários fatores. Cada casal entrevistado forma uma *díade*, e a relação de cada pai com a criança focal compõe outra *díade* e essas, juntamente com outras, configuram o microssistema familiar. O fato de os casais apresentarem uma média alta de harmonia no relacionamento e os pais entrevistados também evidenciarem média elevada de engajamento paterno permite inferir que as díades estabelecidas entre eles assumem *funções observacionais, de atividades conjuntas e primárias*. Esses dados confirmam a revisão de literatura que traz a aceção de que a qualidade da díade conjugal, que implica uma relação harmônica, é considerada um importante fator preditor do envolvimento paterno (Feldman, et al., 1983; Snarey, 1993).

Além disso, há consenso entre os pesquisadores de que o engajamento do pai para com o filho beneficia a criança no que se refere ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e comportamentais (Cabrera, et al., 2000; Pougnet, Serbin, Stack & Schwartzman, 2011). Considera-se, também, que os pais que resolvem suas desavenças conjugais de forma mais construtiva garantem a estabilidade da família, fato que reduz a ansiedade e aumenta a segurança emocional da criança (Goldberg & Easterbrooks, 1984; Davies, et al., 2004) . Assim, os resultados obtidos pelo presente estudo devem encorajar a formulação de políticas públicas que promovam o bem-estar familiar, incluindo o pai em diversas formas de contato com seus filhos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de família tradicional constituída por pai, mãe e filhos é ainda o que predomina no Brasil (IBGE, 2010). Entretanto, essa configuração familiar tem passado por transformações na forma de funcionar de seus subsistemas conjugal e parental, principalmente no que se refere à divisão dos papéis materno e paterno. As mudanças sociais ocorridas nas últimas quatro décadas têm exigido que ambos os pais trabalhem e contribuam para a renda da família. Conseqüentemente, a mãe passa a precisar mais da colaboração do pai nas tarefas de criação dos filhos, e o homem parece estar cada vez mais assumindo essas atribuições.

Considera-se que as duas principais constatações do presente estudo são que o pai demonstra um alto nível de engajamento paterno e, ao mesmo tempo, refere ter uma relação conjugal harmônica com a mãe. No entanto, é preciso ter cautela com os resultados apresentados por esta pesquisa, pois o delineamento do estudo foi correlacional e, por isso, não se podem inferir relações causais. Além disso, a maioria das correlações foi fraca e a amostra, relativamente pequena. Assim, pode-se falar em tendências, mas não há como afirmar uma relação direta entre as duas variáveis.

No que se refere ao engajamento paterno, o presente estudo mostra que apesar de o pai estar engajado nos cuidados com os filhos, o grau desse envolvimento, entretanto, varia de acordo com dimensões específicas. Dentre essas, o pai mostra-se mais comprometido em proporcionar a sua prole suporte emocional e disciplina, mas ainda se empenha menos nos afazeres domésticos. Esses resultados podem ser considerados positivos à medida que suporte emocional e disciplina oferecidos pelo pai podem ser associados a um melhor comportamento pró-social da criança. Ressalta-se a importância de ampliar esse tipo de estudo na realidade brasileira, principalmente com pesquisas quantitativas sobre a temática que são escassas no país.

Com relação ao relacionamento conjugal, observou-se que os casais que constituíram a amostra do presente estudo, em média, caracterizam-se por manter uma relação harmoniosa. Entretanto, a maioria dos artigos científicos sobre casais trata de conflito entre os cônjuges e suas repercussões no comportamento dos filhos (Carneiro, 1980; Garcia & Tassara, 2003; Benetti, 2006; Silveiras & Souza, 2008; R. Feldman, Masalha, & Derdikman-Eiron, 2010). Outros abordam questões referentes à satisfação e qualidade conjugal (Amato, Johnson,

Booth, & Rogers, 2003; Wagner, et al., 2005; Mosmann, et al., 2006). Com isso, destaca-se a dificuldade de encontrar publicações, nacionais e estrangeiras, que comentem sobre os aspectos que definem harmonia conjugal e a falta de consenso entre os autores para determinar as características que envolvem esse conceito. Ademais, aponta-se a necessidade de investigar melhor as táticas de negociação exercidas entre casais.

Vale constar que este estudo se insere em um projeto maior, o qual é constituído por um grupo de pesquisadores no Brasil e, outro, no Canadá. Pesquisas concomitantes do grupo brasileiro, utilizando a mesma amostra do presente trabalho indicam que a mãe parece se engajar mais com o filho do que o pai em termos gerais e, também, nas dimensões específicas de cuidado (Bossardi, 2011). Os resultados também mostram que quanto maior for o engajamento paterno geral, principalmente com a criança do sexo masculino, mais essa será aceita por pares do sexo oposto e, quanto mais o pai se dedicar às atividades de cuidados básicos e tarefas de casa com o menino, menos esse apresentará, respectivamente, agressão relacional e comportamento externalizante (Gomes, 2011).

Assim, os resultados correlatos dos três estudos parecem ter relevância na medida em que se somam à literatura científica sobre paternidade, no sentido de discutir questões que estão implicadas no engajamento paterno como as atitudes maternas e o relacionamento conjugal, as quais influenciam no desenvolvimento infantil saudável. Entretanto, não se pode afirmar que uma criança terá um desenvolvimento pleno ou que não apresentará problemas de comportamento apenas por ter um pai engajado e por seus pais viverem um relacionamento harmônico. É preciso pensar de forma sistêmica, dinâmica e ecológica no sentido de entender que se deve levar em consideração o conjunto das características maternas e paternas no componente parental, o temperamento da criança e as distintas influências oferecidas pelos subsistemas familiares, sociais e ambientais ao longo do tempo que agem recursivamente para criar as diversas realidades que se encontram nas famílias.

Uma das principais limitações do estudo foi que o instrumento QEP não é validado no Brasil, fato que ocasionou a tentativa de uma pré-validação através da avaliação de juízes e procedimentos de tradução e retradução. Ressalta-se que a maioria dos instrumentos que avaliam relações parentais no país foi elaborada para serem aplicados na mãe. Dessa forma, fica explícita a necessidade de validar o QEP e de elaborar outros instrumentos que sejam adaptados ou que melhor

investiguem atitudes do pai, de acordo com a realidade e cultura brasileiras. Além disso, salienta-se a necessidade de novas pesquisas e da construção ou adaptação de instrumentos de medida que contemplem múltiplas figuras parentais como famílias monoparentais, pais divorciados e homoafetivos.

Este trabalho se propôs a investigar dimensões mais comportamentais do engajamento paterno, ou seja, atitudes que o pai realiza na interação com a criança ou com o intuito de beneficiá-la de alguma forma. Contudo, seria interessante dar continuidade à pesquisa através da complementação de uma abordagem qualitativa com o objetivo de estudar as representações que o pai faz das suas funções ou da sua contribuição para o desenvolvimento de seu filho. Com isso, seria possível acessar as diversas realidades que são enfrentadas por cada família e discutir as similaridades, diferenças e peculiaridades.

Por essa razão, sugere-se que futuros estudos investiguem a história pessoal de cada pai, incluindo, se possível, as trajetórias individual, conjugal, coparental, profissional, social, cultural e política que influenciam no estabelecimento do engajamento paterno. Faz-se necessário buscar informações sobre aspectos transgeracionais do pai (família de origem e os laços que ele mantém com seus pais), sua entrada para a escola e no mercado de trabalho, sua relação com a mãe de seus filhos e, naturalmente, as suas interações com os mesmos, além de questões históricas e ambientais que marcaram sua vida ao longo dos anos.

Da mesma forma, recomenda-se a inclusão de método qualitativo para investigar as táticas de resolução de conflito entre casais, na presença e com os filhos. Além disso, indica-se a realização de estudos desse tipo com amostra referida, ou seja, com famílias de crianças que tenham história clínica de comportamento agressivo entre pares com o objetivo de comparar os padrões de relação conjugal e parental com famílias de amostra não clínica. Acredita-se que as conclusões de pesquisas dessa natureza oferecem recursos que contribuem para o trabalho de profissionais que atuam na área da família.

REFERÊNCIAS

- Ablow, J. C., Measelle, J. R., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2009). Linking marital conflict and children's adjustment: the role of young children's perceptions. *Journal of Family Psychology, 23*(4), 485-499.
- Almeida, T. de, Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. de. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia, 13*(1), 83-90.
- Amato, P. R., Johnson, D. R., Booth, A., & Rogers, S. J. (2003). Continuity and change in marital quality between 1980 and 2000. *Journal of Marriage and Family, 65*, 1-22.
- Andreani, G. (2006). Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*(1), 1-103.
- Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: the role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology, 12*(3), 268-289.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of marital change across the transition to parenthood: pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and the Family, 52*, 5-19.
- Belsky, J., Spanier, G. B., & Rovine, M. (1983). Stability and change in marriage across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family, 45*(3), 567-577.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito Conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(2), 261-268.
- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental": une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 91-102.

Boas, A. C. V. B. V., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 92-102.

Bolli, A. C. V. B. (2002). O envolvimento paterno com o bebê na gestação e aos 12 meses de idade. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Borisenko, J. (2007). Fatherhood as a personality development factor in men. *Spanish Journal of Psychology*, 10(1), 82-90.

Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staud, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.

Bornstein, M. H., Tamis-LeMonda, C. S., Parcuál, L., Haynes, O. M., Painter, K. M., Galperín, C. Z., & M. G. Pècheux (1996). Ideas about parenting in Argentina, France and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, 19(2), 347-367.

Bossardi, C. N. (2011). Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.

Brennan, A., Ayers, S., Ahmed, H., & Marshall-Lucette, S. (2007). A critical review of the couvade syndrome: the pregnant male. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 25(3), 173-189.

Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.

Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development.

In M. Gauvain & M. Cole (Eds.), *Readings on the development of children* (2 ed., pp. 37-43). New York: Freeman.

Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: a future perspective. In P. Moen, G. H. Elder & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environments across the life span: Emerging methods and concepts*. (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.

Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.

Bronfenbrenner, U., & Ceci, J. S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychol Rev*, 101(4), 568-586.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136.

Caillé, P. (1994). *Um e um são três: o casal de auto-revela*. (J. de Souza e M. Werneck, Trans.). São Paulo: Summus.

Carneiro, T. F. (1980). Psicoterapia de casal: a relação conjugal e suas repercussões no comportamento dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 32(4), 51-61.

- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995a). *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trans. 2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995b). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar : Uma estrutura para a terapia familiar*. (2 ed., pp. 7-29). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, L. d. F., Bueno, J. M. H., & Kebleris, F. (2008). Estudos psicométricos preliminares do inventário de ciúme romântico - ICR. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 335-346.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., Williams, L. C. d. A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 225-233.
- Cordeiro, F., Heilborn, M. L., Cabral, C. S., & Moraes, C. L. (2009). Entre negociação e conflito: gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(4), 1051-1062.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202.
- Cunningham, B. T. (2003). *A comparison of relationship dimensions with behavior dimensions for first time expectant fathers*. Dissertação de Mestrado não publicada. Marshall University, Huntington, WV.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Davies, P. D., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2002). Child emotional security and interparental conflict. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 67(3), 270.

- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1998). Exploring children's emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. *Child Development, 69*, 124-139.
- Davies, P. T., Cummings, E. M., & Winter, M. A. (2004). Pathways between profiles of family functioning, child security in the interparental subsystem, and child psychological problems. *Development and Psychopathology, 16*, 525-550.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an 8-year prospective study. *J Pers Soc Psychol, 96*(3), 601-619.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Markman, H. J., & Johnson, C. A. (2009). Differential use of premarital education in first and second marriages. *J Fam Psychol, 23*(2), 268-273.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71-98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Early Child Care Research Network. (2000). Factors associated with father's caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology 14*, 200-219.
- El-Sheikh, M., Keller, P. S., & Erath, S. A. (2007). Marital conflict and risk for child maladjustment over time: skin conductance level reactivity as a vulnerability factor. *Journal of Abnormal Child Psychology, 35*, 715-727.
- Epstein, N. B., Baucom, D. H., & LaTaillade, J. J. (2006). Marital problems. In J. E. Fischer & W. T. O'Donohue (Orgs.), *Practitioner's guide to evidence-based psychotherapy* (pp. 396-407). New York: Springer.
- Feldman, R., Masalha, S., & Derdikman-Eiron, R. (2010). Conflict resolution in the parent-child, marital, and peer contexts and children's aggression in the peer group: A process-oriented cultural perspective. *Developmental Psychology, 46*(2), 310-325.

Feldman, S. S., Nash, S. C., & Aschenbrenner, B. G. (1983). Antecedents of fathering. *Child Development*, 54(6), 1628-1636.

Felizardo, C., Amaro, S., Evangelista, S., Matos, S., & Duarte, T. (2010). *O envolvimento e o papel do pai na gravidez e parto*. Recuperado em 02, agosto, 2010, de <http://www.ideiasvirtuais.info/vulnerabilidades%20na%20gravidez.pdf#page=186>.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-395.

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.

Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudo de Psicologia*, 22(2), 133-141.

Ferreira, A. B. H. (2001). Conflito, *Novo dicionário Aurélio eletrônico Século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira.

Fincham, F. D. (2003). Marital Conflict: correlates, Structure and Context. *Current Directions in Psychological Sciences*, 12(1), 23-27.

Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(num. esp.), 31-38.

Fleith, D. S., & Costa Jr., A. L. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia: o que é relevante considerar? In M. A. Dessen & A. L. Costa Jr (Eds), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-49). Porto Alegre: Artes Médicas.

Freitas, A. L. P., & Rodrigues, S. G. (2005). *A avaliação da confiabilidade de questionário: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach*. Recuperado em 10, maio, 2010, de http://www.simpep.feb.unesp.br/anais_simpep_auxphp?e=12.

- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. d. O. (2001). Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(3), 635-642.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. d. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the perspective of U.S. and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 327-338.
- Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). Role of marital quality in toddler development. *Developmental Psychology*, 20(3), 504-514.
- Gomes, L. B. (2011). Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gottman, J. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: a longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*(61), 6-15.
- Gottman, J. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*(49), 169-197.
- Gottman, J., & Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (2001). *Interparental conflict and child development: theory, research and application*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Hastings, P. D., & Rubin, K. H. (1999). Predicting mother's beliefs about preschool-aged children's social behavior: evidence for maternal attitudes moderating child effects. *Child Development*, 70(3), 722-741.
- Hewlett, B. S. (2000). Culture, history and sex: Anthropological

contributions to conceptualizing father involvement. In E. Peters & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies*. (pp. 59-73). Binghamton: The Haworth Press.

Hora, H. R. M., Monteiro, G. T., & Arica, J. (2010). Confiabilidade em questionários para qualidade: um estudo com o coeficiente alfa de Cronbach. *Produto & Produção*, 11(2), 85-103.

Horwitz, B. N., Spotts, E. L., Reiss, D., Ganiban, J. M., Lichtenstein, P., & Neiderhiser, J. M. (2011). The role of aggressive personality and family relationships in explaining family conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 174-183.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Recuperado em 04, julho, 2010, de <http://www.ibge.gov.br/>.

Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: an introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the Family*(57), 1091-1108.

Kingham, M., & Gordon, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment*, 10, 207-215.

Kromelow, S., Harding, C., & Touris, M. (1990). The role of father in the development of stranger sociability during the second year. *American Journal of Orthopsychiatry.*, 60, 521-530.

Labrell, F. (1996). Paternal play with toddlers: recreation and creation. *European Journal of Psychology of Education*, 11 (1), p. 43-54.

Lamb, M. (2000). The history of research on father involvement: an overview. In H. E. Peters, G. W. Peterson, S. K. Steinmetz & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies*. The USA: Haworth Press, Inc.

Lamb, M., Pleck, J. H., Chanov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*(25), 883-894.

- Lamb, M., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. S. Rossi & L. R. Sherroa (Eds.), *Parenting across the lifespan: biosocial dimensions*. New York: Aldine de Gruyter.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.
- Levendosky, A. A., Huth-Bocks, A. C., Shapiro, D. L., & Semel, M. A. (2003). The impact of domestic violence on the maternal-child relationship and preschool-age children's functioning. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 275-287.
- Levy-Schiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: some further exploration. *Developmental Psychology*, 24, 434-440.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 15(1), 9-16.
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology in children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 194-201.
- Lindsey, E. W., Caldera, Y. M., & Tankersley, L. (2009). Marital conflict and the quality of young children's peer play behavior: the mediating and moderating role of parent-child emotional reciprocity and attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23(2), 130-145.
- Madhyastha, T. M., Hamaker, E. L., & Gottman, J. M. (2011). Investigating spousal influence using moment-to-moment affect data from marital conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 292-300.
- Magill-Evans, J., Harrison, M. J., Rempel, G., & Slater, L. (2006). Interventions with father of young children: systematic literature review. *Journal of Advanced Nursing*, 55(2), 248-264.
- Marcos, H. (1995). Mother-child and father-child communication in the second year: a functional approach. *Early Development and Parenting*, 4(2), 49-61.

- Martin, S. E., & Clements, M. L. (2002). Young children's responding to interparental conflict: associations with marital aggression and child adjustment. *Journal of Child and Family Studies, 11*(2), 231-244.
- Martini, T. A. D. D., Piccinini, C. A., & Gonçalves, T. R. (2010). Indicadores de síndrome de covade em pais primíparos durante a gestação. *Aletheia, 31*, 121-136.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., & Vaughn, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping, and father involvement. *Family Relations, 54*, 360-372.
- McBride, B. A., & Rane, T. R. (1998). Parenting alliance as a predictor of father involvement: an exploratory study. *Family Relations, 47*, 229-236.
- McGoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In A. Médicas (Ed.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 184-205). Porto Alegre.
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. The United States of America: Harvard College.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Montigny, F., Lacharité, C., & Amyot, E. (2006). The transition to fatherhood: the role of formal and informal support structures during the post-partum period. *Texto Contexto Enfermagem, 15*(4), 601-609.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade Conjugal: mapeando Conceitos. *Paidéia, 16*(35), 315-325.
- Motta, C. C. L., & Crepaldi, M. A. (2005). O pai no parto e apoio emocional: a perspectiva da parturiente. *Paidéia, 15*(30), 105-118.
- Müller, F. G. (2007). *Competências profissionais do mediador de conflitos familiares*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis.

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In C. d. Psicólogo (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 51-66). São Paulo.

Oliveira, M. G. S. de, Falcone, E. M. de O., & Ribas Jr, R. de C. (2009). A avaliação das relações entre a empatia e a satisfação conjugal: um estudo preliminar. *Interação em Psicologia* 13(2), 13(2), 287-298.

Osório, L. C. (2004). A família como sistema. In J. Mello Filho & M. Burd (Eds.), *Doença e Família* (pp. 29-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbarói*, 33(ago-dez), 135-152.

Papp, P. (1995). Prisioneiros do papel sexual. In Summus (Ed.), *O casal em crise* (pp. 147-154). São Paulo.

Paquette, D. (2004a). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47, 237-238.

Paquette, D. (2004b). Theorizing the Father-Child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219.

Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: defining and associating variables. *Infant and Child Development*, 9, 213-230.

Paquette, D., Eugène, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M.-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99-122). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.

Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. Bornstein (Ed.),

Handbook of parenting: being and becoming a parent. (Vol. 3, pp. 27-74). Mahwah (NJ): Erlbaum.

Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69.

Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.

Pouget, E., Serbin, L. A., Stack, D. M., & Schwartzman, A. E. (2011). Fathers' influence on children's cognitive and behavioural functioning: a longitudinal study of canadian families. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 43(3), 173-182.

Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 41-50.

Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Revisando a Inserção Ecológica: uma Proposta de Sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160-169.

Recchia, H. E., Vickar, M., & Ross, H. S. (2010). Power and conflict resolution in sibling, parent-child, and spousal negotiations. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 605-615.

Rowe, M. L., Coker, D., & Pan, B. A. (2004). A comparison of father's and mother's talk to toddlers in low-income families. *Social Development*, 13(2), 278-291.

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.

Sangrestano, L. M., Heavy, C. L., & Christensen, A. (2006). Individual differences versus social structural approaches to explaining demand-withdraw and social influence behaviors. In K. Dindia & D. J. Canary (Eds.), *Sex differences and similarities in communication* (pp. 361-377). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Sedlak, A. J., & Broadhurst, D. D. (1996). The third national incidence study of child abuse and neglect. *U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families. Washington, DC.*

Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia, 24*(4), 561-573.

Silvares, E. F. M., & Souza, C. L. (2008). Discórdia conjugal: distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental-cognitiva. *Psicologia: Teoria e Prática, 10*(1), 200-213.

Snarey, J. (1993). *How fathers care dor the next generation: a four decade study*. Boston: Harvard University Press.

Starrels, M. E. (1994). Gender differences in parent-child relations. *Journal of Family Issues, 15*(1), 148-165.

Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales. *Journal of Marriage and the Family, 75*-88.

Tomasello, M., Conti-Ramsden, G., & Ewert, B. (1990). Young children's conversations with their mothers and fathers: differences in breakdown and repair. *Journal of Child Language, 17*(1), 115-130.

Toneli, M. J., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2006). Paternidade e cuidados: diferentes olhares teórico-metodológicos em Psicologia. Relatório de pesquisa não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Toxel, W. M., & Mathews, K. A. (2004). What are the costs of marital conflict and dissolution to children's physical health? *Clinical Child and Family Psychology Review, 7*(1), 29-57.

Tronto, J. C. (1997). Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? . In A. M. Jaggar & S. R. Bordo (Eds.), *Gênero, corpo e conhecimento* (pp. 186-203). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à

l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 39-70). Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval.

Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.

Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1973). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix.

Wendt, N. (2006). Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Wills, T. A., Weiss, R. L., & Patterson, G. R. (1974). A behavioral analysis of the determinants of marital satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(6), 802-811.

Wright, D. W., A. Simmons, L., & Campbell, K. (2007). Does a marriage ideal exist? Using Q-Sort methodology to compare young adults' and professional educators' views on healthy marriages. *Contemporary Family Therapy*, 29, 223-236.

Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63, 136-154.

Zimet, D. M., & Jacob, T. (2001). Influences of marital conflict on child adjustment: review of theory and research. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 4(4), 319-335.

Zuroff, D. C., Fournier, M. A., Patall, E. A., & Leybman, M. J. (2010). Steps toward an evolutionary personality psychology: individual differences in the social rank domain. *Canadian Psychology*, 51(1), 58-

116

66.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa _____ por _____ meio _____ da instituição: _____, bem como a participação consentida dos profissionais aqui vinculados nas entrevistas.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

 Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição:

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Carta convite

Prezados pai e mãe:

Gostaria de convidá-los a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade sobre a transmissão intergeracional: o relacionamento da criança com seus familiares e suas repercussões na interação criança-criança.

Sua participação acontecerá por meio de respostas a questionários que abordam o tema da pesquisa. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de pais e mães e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso você aceite participar, por favor, preencha as informações abaixo e devolva esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com você.

A ser preenchida pelo participante:

Nome do participante pai/padrasto _____

Nome da participante mãe/madrasta _____

Número de filhos _____

Nome e idade do(s) filho(s) _____

Endereço _____

Telefone _____

E-mail _____

Instituição de Educação Infantil da criança de 4 a 6 anos _____

Psicóloga Simone Dill Azeredo Bolze - CRP 12/07491

Fone: (48) 88067689

E-mail: simoneazeredo@yahoo.com.br

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em cidades de Santa Catarina, intitulada: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você serão respondidos. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na pesquisa.

Quaisquer informações adicionais ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto aos pesquisadores pelo telefone (48) 8806-7689 ou pelo e-mail: simoneazeredo@yahoo.com.br.

Eu, Sr(a) _____, considero-me informada sobre a pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”, e aceito participar da mesma, consentindo que os questionários sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.

_____, _____ de _____ de 2010.

(Cidade)

(Dia)

(Mês)

Assinatura do Entrevistado

Psicóloga Simone Dill Azeredo Bolze

APÊNDICE D

Explicação da substituição: Por possuir uma escala likert diferenciada dentro dos itens (até 5 pontos nos 24 primeiros itens e até 6 pontos do item 25 ao 56), os resultados do QEP foram calculados utilizando-se a regra de três para fazer uma equivalência entre as duas escalas. Em função da diferença de pontos da escala, para se comparar as dimensões entre os mesmos sujeitos (pai-pai), acreditou-se que o valor gerado não seria correto, já que algumas dimensões iriam pesar mais, em função da opção de resposta “6”, do que outras com os itens que não tiveram a opção “6”. Assim, para equilibrar as dimensões, utilizou-se o cálculo com regra de três e dessa forma os pontos da escala equivaleriam a: 1=0,833; 2=1,666; 3=2,499; 4=3,333; 5=4,166; e 6=5. Assim, todos os itens ficaram dentro de uma escala de 1 a 5; desta forma, o grupo de pesquisa avaliou que os resultados foram mais fidedignos e a análise mais correta de acordo com o objetivo da pesquisa.

APÊNDICE E

Tabelas dos resultados dos instrumentos aplicados nas mães:

Tabela 14. Médias obtidas no QEP geral e em cada uma das dimensões do engajamento paterno e materno

	Pai	Mãe
<i>QEP Geral</i>	M= 4,07(D.P.= 0,49)	M= 4,63 (D.P.= 0,27)
<i>QEP Suporte Emocional</i>	M= 4,48 (D.P.= 0,44)	M= 4,79 (D.P.= 0,32)
<i>QEP Abertura ao Mundo</i>	M= 3,39 (D.P.= 0,66)	M= 3,72 (D.P.= 0,51)
<i>QEP Cuidados Básicos</i>	M= 3,55 (D.P.= 0,89)	M= 4,66 (D.P.= 0,35)
<i>QEP Jogos Físicos</i>	M= 3,92 (D.P.= 0,55)	M= 3,76 (D.P.=0,45)
<i>QEP Evocações</i>	M= 3,78 (D.P.= 0,82)	M= 4,34 (D.P.=0,56)
<i>QEP Disciplina</i>	M= 4,17 (D.P.= 0,55)	M= 4,43 (D.P.= 0,44)
<i>QEP Tarefas de Casa</i>	M= 3,10 (D.P.= 0,74)	M= 4,04 (D.P.= 0,47)

Tabela 15. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e a violência exercida pela mãe

Dimensões do CTS2 exercidas pelo mãe:	Variáveis Correlacionadas	r. de Spearman
Injúria Menor Materna	Injúria Grave Materna observada pelo pai	.71**
	Violência Física Grave Materna observada pelo pai	.71**
Agressão Psicológica Menor Materna	Violência Física Menor Materna	.66**
Violência Física Grave Materna	Injúria Grave Materna observada pelo pai	.65**

*p< 0,05; **p< 0,01.

Tabela 16. Correlações de Spearman entre as dimensões do Floreal materno e do CTS2 paterno e materno

<i>Dimensões do Floreal Materno:</i>	<i>Variáveis Correlacionadas</i>	<i>r de Spearman</i>
Harmonia Conjugal	Agressão Psicológica Menor Materna observada pelo pai	.29*
Evitação	Negociação Materna observada pelo pai	.28*
Conflito na presença da criança	Violência Física Grave Materna observada pelo pai	.40**
Personalidade dominante materna	Injúria Grave Materna observada pelo pai ¹	.30*
	Violência Física Grave Materna observada pelo pai ¹	.30*
	Violência Física Menor Materna observada pelo pai ¹	.29*
	Coerção Sexual Grave Materna observada pelo pai ¹	.29*
	Coerção Sexual Menor Materna ¹	.35*

¹ Correlação negativa; *p< 0,05; **p< 0,01.

ANEXO A

CÓDIGO: _____ DATA _____
 PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Por favor, responda as seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

DADOS DA FAMÍLIA

- Informações demográficas

1. Cidade de residência

- Balneário Camboriú..... 1
 Florianópolis..... 2
 Itajaí..... 3
 São José..... 4

2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados. Incluir o respondente)

- Total:** _____ **pessoas**

3. Quem vive na casa (anotar idade)

- Respondente 1 _____ Anos
 Companheiro(a) 2 _____ Anos
 Filhos de 0 a 3 anos..... 3 Quantos? _____
 Filhos de 4 a 6 anos..... 4 Quantos? _____
 Filhos de 7 a 16 anos..... 5 Quantos? _____
 Filhos com mais de 16 anos..... 6 Quantos? _____

Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos)7 Quantos?

Outros parentes adultos 8 Quantos? _____

Amigos adultos 9 Quantos? _____

Total de pessoas declaradas na P.3: _____

- Quantos filhos frequentam a escola? _____ (contando a criança-alvo)

- Em que período a criança-alvo frequenta a escola? Manhã ();

Tarde () Integral ()

4. Composição familiar:

- Família nuclear pais biológicos de todos os filhos.....1
- Família nuclear pais adotivos da criança alvo.....2
- Família recasada com pais biológicos da criança alvo.....3
- Família recasada com madrastra da criança alvo.....4
- Família recasada com padrasto da criança alvo.....5
- Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto.....6
- Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrastra.....7
- Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos.....8
- Família estendida com madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....9
- Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....10
- Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos.....11
- Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....12
- Família estendida com pai adotivo e madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....13

5. Escolaridade

A) Qual a sua escolaridade e qual a escolaridade de seu companheiro?
Quantos anos concluídos? _____

	Respondente	Companheiro(a)
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	2	2
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	3	3
Ensino fundamental completo	4	4
Ensino médio incompleto	5	5
Ensino médio completo	6	6
Ensino superior incompleto	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe	10	10

RENDA FAMILIAR

	Respondente	Companheiro (a)
6. Profissão		
7. Atividade atual		
8. Jornada de trabalho		

9. Você tem empregada/babá: () sim () não

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: _____

11. Quem leva a criança para a escola: _____

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua () sim () não.

Quem? _____ Qual? _____

13. Renda familiar mensal

Por favor, vamos ver quanto você, seu/sua companheiro(a) e outras pessoas da casa ganham por mês. Vamos pensar no mês passado...

(Inclua salários, gorjetas, bicos, pensão, rendas de aluguel e outro capital, ajudas financeiras sistemáticas, etc. Registre sempre com,00. Se o respondente não souber, anote NÃO SABE).

	Salário	Outros Rendimentos	TOTAL (R\$)
Respondente			
Companheiro(a)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			

Renda familiar total do mês passado

14. Existe(m) algum(ns) mês(es) do ano no(s) qual(is) a renda total é muito maior ou menor do que a do mês passado?

Sim.....1

Não2

Não sei3

No mês em que é maior, qual é essa variação?

No mês em que é menor, qual é essa variação?

Se houver, faça a soma da renda dos diferentes meses, calcule a média e classifique conforme opções a seguir:

- Menos de R\$100,00 1
- R\$101,00 a R\$200,00 2
- R\$201,00 a R\$300,00 3
- R\$301,00 a R\$400,00 4
- R\$401,00 a R\$500,00 5
- R\$501,00 a R\$600,00 6
- R\$601,00 a R\$800,00 7
- R\$801,00 a R\$1.000,00.....8
- R\$1.001,00 a R\$1.300,00 9
- R\$1.301,00 a R\$1.600,0010
- R\$1.601,00 a R\$2.000,0011
- R\$2.001,00 a R\$3.000,0012
- R\$3.001,00 a R\$4.000,0013
- Acima de R\$4.000,00.....14

15. Número de cômodos da residência:

Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda):_____

16. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria ()

Casa de Madeira ()

Casa Mista ()

Observações:_____

ANEXO B

CÓDIGO: _____ DATA _____

PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QEP

Temos aqui a lista das atividades ou tarefas que os pais podem executar. Pode ser que seu (sua) companheiro (a) se ocupe mais que você de certos aspectos da vida da sua família, e não de outros aspectos. Responda com que frequência você mesmo (a) faz cada uma das atividades.

Nunca	Uma vez por mês	2 ou 3 vezes por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana	Todos os dias	Não se aplica
1	2	3	4	5	6	0

1. Preparar as refeições	
2. Dar de comer ou beber a seu/sua filho (a)	
3. Brincar de lutinha com seu/sua filho (a)	
4. Lavar a louça	
5. Dar banho em seu/sua filho (a)	
6. Fazer cócegas em seu/sua filho (a)	
7. Vestir seu/sua filho (a)	
8. Assistir com ele/ela um programa infantil na televisão	
9. Lavar roupa	
10. Colocar seu/sua filho (a) na cama à noite	
11. Escutar musica com seu/sua filho (a)	
12. Supervisionar a rotina matinal (café da manha, vestimenta,	

etc...)	
13. Brincar com seu/sua filho (a) nas costas (cavalinho)	
14. Cuidar dos cabelos de seu/sua filho (a) (lavar, pentear)	
15. Fazer seu/sua filho (a) rir	
16. Pegá-lo (a) no colo quando ele/ela pede	
17. Contar a seus colegas de trabalho ou amigos, coisas engraçadas que seu/sua filho (a) tenha feito ou dito	
18. Corrigir comportamentos de seu/sua filho (a) na mesa	
19. Repreender seu/sua filho (a) quando ele perturba ou incomoda	
20. Elogiar quando ele/ela se comporta bem ou tem um ato educado	
21. Limpar a casa (vassoura, aspirador, tirar o pó)	
22. Acariciar, afagar o seu/sua filho (a)	
23. Fazer seu/sua filho (a) participar das atividades dos adultos (cozinha, limpeza)	
24. Repreender seu/sua filho (a) quando ele desobedece	

Por favor, utilizar a tabela seguinte para o restante do questionário.

Nunca	De vez em quando	Regularmente	Quase sempre	Sempre	Não se aplica
1	2	3	4	5	0

25. Acompanhar seu/sua filho (a) na casa de amigos, parentes ou vizinhos	
26. Levar o lixo para fora	
27. Ir ao parque com seu/sua filho (a)	
28. Lavar as orelhas de seu/sua filho (a)	
29. Falar de seu/sua filho (a) aos seus amigos, vizinhos e colegas de trabalho, etc	
30. Se ocupar do conserto do carro	
31. Passear com seu/sua filho (a)	
32. Garantir que a casa seja segura para seu/sua filho (a) (proteção nas escadas, tomadas, quinas de móveis)	
33. Ensinar esportes a seu/sua filho (a) (nadar, patinar, andar de bicicleta, jogar bola, etc.)	
34. Ajeitar a casa (decoração, consertos, etc.)	
35. Cuidar de seu/sua filho (a) quando ele está doente	
36. Falar de alegrias ou de problemas com seu/sua filho (a)	
37. Tranquilizar seu/sua filho (a) quando ele tem medo	
38. Pensar em seu/sua filho (a) quando ele não está com você	
39. Levar ao médico ou a outros profissionais da saúde quando seu/sua filho (a) tem necessidade	
40. Olhar seu/sua filho (a) quando ele brinca no jardim ou na rua	
41. Fazer compras (móveis, roupas, objetos diversos para a casa, etc.)	

42. Dar os primeiros socorros quando o seu/sua filho (a) se machuca	
43. Punir o seu/sua filho (a) quando ele/ela fez algo errado (machucar alguém, etc.)	
44. Levantar à noite para atender seu/sua filho (a)	
45. Propor brincadeiras educativas para seu/sua filho (a)	
46. Tentar saber de seu/sua filho (a) se algo está errado com ele/ela	
47. Parabenizar seu/sua filho (a) quando ele/ela consegue fazer algo	
48. Consolar seu/sua filho (a) quando ele/ela chora	
49. Programar a compra de coisas necessárias para seu/sua filho (a) (roupas, sapatos, remédios, etc.)	
50. Acalmar seu/sua filho (a)	
51. Olhar fotos de seu/sua filho (a)	
52. Dizer a seu/sua filho (a) que o/a ama	
53. Incentivar seu/sua filho (a) quando ele/ela consegue fazer algo difícil	
54. Lembrar-se de seu/sua filho (a) quando ele/ela era mais novo (a)	
55. Intervir rapidamente quando seu/sua filho (a) dá sinais de dificuldade ou desconforto	
56. Mostrar novos brinquedos para seu/sua filho (a)	

ANEXO C

CÓDIGO: _____ DATA _____ PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

(CTS2)

Mesmo que um casal se entenda muito bem, pode acontecer que os cônjuges tenham desavenças, que eles se contrariem, que tenham expectativas diferentes ou que tenham discussões ou brigas simplesmente porque estão de mau humor, cansados ou por outra razão. Eles se valem de diversos meios para tentar resolver seus conflitos. Você encontrará abaixo uma lista dos meios que podem ter sido utilizados quando você e seu cônjuge estavam em desacordo. Circule o número de vezes em que você se utilizou desses meios e quantas vezes seu parceiro os utilizou ao longo do último ano. Se você e seu parceiro não utilizaram esses meios ao longo do último ano, mas já os utilizaram antes, circule o número 7.

1 = 1 vez durante o último ano	5 = 11 à 20 vezes durante o último ano
2 = 2 vezes durante o último ano	6 = + de 20 vezes durante o último ano
3 = 3 à 5 vezes durante o último ano	7 = não, no último ano, mas isso já aconteceu antes
4 = 6 à 10 vezes durante o último ano	0 = isso nunca aconteceu

1. Você mostrou que se importava com ele(ela) mesmo que vocês estivessem discordando?	1	2	3	4	5	6	7	0
2. Seu(sua) companheiro(a) mostrou que se importava com você mesmo que vocês estivessem discordando?	1	2	3	4	5	6	7	0

3.	Você explicou para seu(sua) companheiro(a) o que você não concordava com ele(ela)?	1	2	3	4	5	6	7	0
4.	Seu(sua) companheiro(a) explicou para você o que ele(a) não concordava com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
5.	Você insultou ou xingou seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
6.	Seu(sua) companheiro(a) insultou ou xingou você?	1	2	3	4	5	6	7	0
7.	Você jogou alguma coisa no(a) seu(sua) companheiro(a) que poderia tê-lo(a) machucado?	1	2	3	4	5	6	7	0
8.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
9.	Você torceu o braço de seu(sua) companheiro(a) ou puxou o cabelo dele(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
10.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
11.	Você teve uma torção, contusão, « mancha roxa » ou pequeno corte por causa de uma briga com seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0

12.	Seu(sua) companheiro(a) teve uma torção, contusão, « mancha roxa » ou pequeno corte por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
13.	Você mostrou que respeitava os pontos de vista e os sentimentos dele(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
14.	Seu(sua) companheiro(a) mostrou que respeitava os seus pontos de vista e os seus sentimentos?	1	2	3	4	5	6	7	0
15.	Você obrigou seu(sua) companheira a fazer sexo sem usar camisinha?	1	2	3	4	5	6	7	0
16.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
17.	Você deu um empurrão em seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
18.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
19.	Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele(a) ou usar uma arma, para obrigar seu(sua) companheiro(a) a fazer sexo oral ou anal com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
20.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0

21.	Você usou uma faca ou arma contra seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
22.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
23.	Você desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
24.	Seu(sua) companheiro(a) desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
25.	Você chamou seu(sua) companheiro(a) de gordo(a), feio(a) ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	0
26.	Seu(sua) companheiro(a) chamou você de gordo(a), feio(a) ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	0
27.	Você deu um murro ou acertou seu(sua) companheiro(a) com alguma coisa que pudesse machucar?	1	2	3	4	5	6	7	0
28.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
29.	Você destruiu alguma coisa que pertencia a seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
30.	Seu(sua)	1	2	3	4	5	6	7	0

	companheiro(a) fez isso com você?								
31.	Você foi a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
32.	Seu(sua) companheiro(a) foi a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
33.	Você sufocou ou estrangulou seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
34.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
35.	Você gritou ou berrou com seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
36.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
37.	Você jogou seu(sua) companheiro(a) contra a parede com força?	1	2	3	4	5	6	7	0
38.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
39.	Você disse para ele(a) que achava que vocês poderiam resolver o problema?	1	2	3	4	5	6	7	0
40.	Seu(sua) companheiro(a) disse para que achava que vocês poderiam resolver o problema?	1	2	3	4	5	6	7	0

41.	Você deveria ter ido a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com seu(sua) companheiro(a), mas não foi?	1	2	3	4	5	6	7	0
42.	Seu(sua) companheiro(a) deveria ter ido a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com você, mas não foi?	1	2	3	4	5	6	7	0
43.	Você deu uma surra em seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
44.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
45.	Você segurou seu(sua) companheiro(a) com força?	1	2	3	4	5	6	7	0
46.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
47.	Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele(a) ou usar uma arma para obrigar seu(sua) companheiro(a) a fazer sexo com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
48.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
49.	Você virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?	1	2	3	4	5	6	7	0

50.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
51.	Você insistiu em fazer sexo quando seu(sua) companheiro(a) não queria, sem usar força física?	1	2	3	4	5	6	7	0
52.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
53.	Você deu um tabefe ou bofetada em seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
54.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
55.	Você quebrou um osso por causa de uma briga com seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
56.	Seu(sua) companheiro(a) quebrou um osso por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
57.	Você fez ameaças para obrigar seu(sua) companheiro(a) a fazer sexo oral ou anal com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
58.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
59.	Você sugeriu que procurassem juntos uma solução para resolver as diferenças ou desavenças?	1	2	3	4	5	6	7	0
60.	Seu(sua) companheiro(a) fez	1	2	3	4	5	6	7	0

isso com você?

61.	Você queimou ou derramou líquido quente em seu(sua) companheiro(a) de propósito?	1	2	3	4	5	6	7	0
62.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
63.	Você insistiu para que seu(sua) companheira fizesse sexo oral ou anal com você sem usar a força física?	1	2	3	4	5	6	7	0
64.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
65.	Você acusou seu(sua) companheiro(a) de ser « ruim de cama »?	1	2	3	4	5	6	7	0
66.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
67.	Você fez alguma coisa para ofender seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
68.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
69.	Você ameaçou acertar ou jogar alguma coisa em seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
70.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
71.	Você sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga	1	2	3	4	5	6	7	0

com seu(sua)
companheiro(a)?

72.	Seu(sua) companheiro(a) sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
73.	Você chutou seu(sua) companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
74.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
75.	Você fez ameaças para obrigar seu(sua) companheiro(a) a fazer sexo com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
76.	Seu(sua) companheiro(a) fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	0
77.	Você concordou com a solução que foi sugerida por ele(a)?	1	2	3	4	5	6	7	0
78.	Seu(sua) companheiro(a) concordou com a solução que foi sugerida por você?	1	2	3	4	5	6	7	0

ANEXO D
FLOREAL

CÓDIGO: _____ **DATA** _____ **PARENTESCO COM A CRIANÇA** _____

Diretivas: Este questionário te solicita a dizer até que ponto você está de acordo ou em desacordo com as afirmações que tratam da sua vida de casal.

Ex: Nós gostamos das mesmas pessoas.

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente

Por exemplo, ao escolher a opção cinco (5) você indicaria que vocês gostam das mesmas pessoas na maior parte do tempo.

Ao responder este questionário, pense na sua relação com seu companheiro(a), principalmente no decorrer dos últimos 12 meses. Escolha espontaneamente a resposta que melhor descreve os seus sentimentos. Não consulte seu companheiro(a) enquanto você estiver respondendo este questionário; é a sua percepção e opinião que será importante para esta pesquisa.

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo	Concordo Totalmente

1. Nós falamos dos nossos sentimentos em relação um ao outro mesmo se estes são às vezes negativos.	
2. Nossos conflitos terminam com concessões de ambas as partes.	
3. Quando meu (minha) companheiro(a) é gentil comigo, tenho vontade de ser gentil com ele/ela.	
4. Quando meu (minha) companheiro(a) admite seus erros, tenho tendência a admitir os meus.	
5. Quando acontece um conflito entre nós, usamos todo tempo necessário para resolvê-lo.	
6. Acho que quando faço meu (minha) companheiro(a) feliz, nós dois nos beneficiamos disso.	
7. Meu (minha) companheiro(a) fica feliz quando eu me sinto satisfeito(a).	
8. Quando eu agrado meu (minha) companheiro(a), ele(a) procura me agradecer também.	
9. Eu me pergunto porque sou eu que devo fazer concessões e não ele(a).	
10. Eu faço muitos favores ao meu companheiro(a), mas tenho a impressão que isto não é recíproco.	
11. Eu aproveito todas as ocasiões para mostrar ao meu companheiro(a) que sou eu que tenho razão.	
12. Entre nós, uma pequena divergência de opiniões se transforma frequentemente em uma grande discussão.	
13. Quando eu admito meus erros, eu insisto para que meu (minha) companheiro(a) admita os dele(a).	
14. Meu (minha) companheiro(a) não faz sacrifícios por mim, mesmo que eu faça por ele(a).	
15. Eu não faço o que meu (minha) companheiro(a) quer porque ele(ela) também não faz o que eu quero.	
16. Quando eu me queixo de meu (minha) companheiro(a), ele(a)	

sempre acha alguma coisa para me acusar.	
17. Quando há uma briga entre nós, às vezes nós gritamos e nos batemos.	
18. Quando há um desentendimento ligado a nossa vida de casal, tenho tendência a ficar neutro(a) e a não me envolver emocionalmente.	
19. Há desacordos entre nós que são deixados de lado sem que sejam completamente resolvidos.	
20. Nunca brigamos quando estamos juntos.	
21. Nós não temos necessidade de negociar, nossa vida de casal é como eu desejo.	
22. Quando surge um conflito entre nós, eu fico muito bravo(a) para poder discutir com meu (minha) companheiro(a).	
23. Nós preferimos não revelar muito, um ao outro, nossas fraquezas pessoais quando nós discutimos.	
24. No nosso relacionamento é o tempo que resolve as nossas desavenças.	
25. Nós fazemos rodeios ao invés de dizer as coisas como elas são de fato.	

26. Levando em conta todas as vantagens e inconvenientes que você percebe na sua relação de casal e considerando tudo que você recebe e dá ao seu/sua companheiro (a), você diria que (marque com um círculo somente uma resposta **A, B ou C**).

A- A relação de vocês é muito mais favorável para você do que para seu companheiro (a). “Eu aproveito mais dela do que ele (a)”.

B- A relação de vocês é justa: “Nós dois ganhamos igualmente de estarmos juntos”.

C- A relação de vocês é bem mais favorável para seu companheiro (a) do que para você: “Ele(a) a aproveita mais do que você”.

27. No futuro, você acredita que esta situação vai mudar? (marque com um círculo somente uma resposta **A**, **B** ou **C**).

A - Não, ela ficará do mesmo jeito.

B- Sim, ela vai melhorar, eu terei mais do que eu espero do meu companheiro (a).

C- Não, ela ficará pior, eu terei menos do que eu espero do meu companheiro (a).

28. Em geral, até que ponto você é ciumento(a) na relação com teu companheiro(a) atual?

1	2	3	4	5	6
Nada ciumento	Raramente ciumento	Um pouco ciumento(a)	Ciumento(a)	Muito ciumento(a)	Extremamente ciumento(a)

29. Até que ponto você pensa que o seu companheiro (a) está interessado sexualmente por outras pessoas?

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Muito

30. Pense em uma relação de casal séria, que seja passada ou atual, ou pense na relação de casal que você gostaria de viver. Imagine que você descubra que a pessoa com a qual você está comprometido(a) está interessada em outra pessoa. O que te incomodaria mais (marque apenas uma resposta):

A. Imaginar que seu/sua companheiro (a) se apegue emocionalmente a esta outra pessoa?

B. Imaginar que o seu/sua companheiro(a) tem relações sexuais apaixonadas com a outra pessoa?

31. Quando você imagina que seu companheiro (a) está se apegando emocionalmente a esta outra pessoa (**escolha A**). Até que ponto você sente ciúmes?

1	2	3	4	5	6
Nada ciumento	Raramente ciumento	Um pouco ciumento(a)	Ciumento(a)	Muito ciumento(a)	Extremamen te ciumento(a)

32. Quando você imagina que seu companheiro (a) está desfrutando de relações sexuais apaixonadas com esta outra pessoa (**escolha B**). Até que ponto você sente ciúme?

1	2	3	4	5	6
Nada ciumento	Raramente ciumento	Um pouco ciumento(a)	Ciumento(a)	Muito ciumento(a)	Extremame nte ciumento(a)

Fontes de conflito na presença da criança

Eis aqui uma lista dos principais motivos de conflito que são mais ou menos frequentemente encontrados nos casais que tem filhos. Com que frequência esses conflitos ocorrem entre vocês (casal)? Os conflitos que vocês têm ocorrem na presença do seu filho (criança-focal)?

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Muito

33. As questões familiares: a família do meu companheiro(a) toma mais espaço do que a nossa própria família nas nossas vidas.	
34. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
35. Os conflitos sobre questões religiosas: a religião toma muito espaço na vida da nossa família.	
36. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
37. Os conflitos sobre a relação com os amigos: os amigos são mais importantes do que os membros da nossa própria família.	
38. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
39. Questões de dinheiro: os conflitos acontecem por causa da contribuição financeira do meu/ minha companheiro (a).	
40. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
41. A educação de nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem pelo fato de que meu companheiro (a) não se engaja muito seriamente no seu papel de pai (ou de mãe).	
42. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
43. A educação de nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem porque meu companheiro(a) é muito grosso ou indelicado com nosso(s) filho(s)/ filha (s).	

44. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
45. A educação de nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem porque meu companheiro(a) dá mais importância ao seu papel de pai/mãe do que para mim ou para nossa vida de casal.	
46. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
47. A educação de nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem porque meu companheiro(a) não me deixa cuidar do(s) nossos(s) filho(s)/ filha (s) como eu gostaria.	
48. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
49. A educação de nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem porque eu não estou de acordo com os valores do meu companheiro(a) sobre a educação do nosso(s) filho(s) / filha(s).	
50. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
51. Os problemas na escola ou na creche ou com a babá que cuida dos nossos filho(s)/ filha(s) nos levam a ter conflitos na nossa relação de casal.	
52. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
53. Sobre o futuro do (s) nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem porque o meu companheiro (a) vê o futuro dos nosso(s) filho(s)/ filha (s) diferentemente de mim.	
54. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
55. As questões sexuais: os conflitos acontecem porque eu gostaria que meu companheiro(a) desse mais atenção às minhas necessidades sexuais.	
56. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
57. Sobre a falta de prazer de estarmos juntos: os conflitos	

acontecem porque eu gostaria de ter mais prazer de viver com meu(minha) companheiro(a).	
58. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
59. A falta de fidelidade sexual do meu companheiro(a) é uma fonte de conflito na nossa relação de casal.	
60. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
61. Nesta época de orçamentos apertados, é difícil limitar as discussões financeiras a lugares e momentos específicos. Qual é a frequência destas discussões entre vocês (casal)?	
62. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
63. Pode acontecer que o(s) filho(s) de vocês vá(vão) até um de vocês para pedir permissão ou dinheiro para fazer alguma coisa depois que um de vocês tenha recusado. É freqüente que o(s) seus(s) filhos(s) se aproximem do seu(sua) companheiro(a) desta maneira para conseguir o que ele(s) quer/querem?	
64. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
65. É freqüente que você e seu(sua) companheiro(a) tenham discussões sobre os problemas de disciplina do(s) seu(s) filho(s)?	
66. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
67. É freqüente que o seu companheiro(a) e você tenham discussões sobre o lugar da mulher na família?	
68. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	
69. O seu(sua) companheiro(a) se queixa freqüentemente de seus hábitos pessoais? (consumação de álcool, higiene, hábitos irritantes)	
70. Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu/sua filho (a)?	

71. Em qualquer casamento normal há discussões. Com que frequência você diria que ocorrem discussões entre você e seu (sua) esposo(a) na frente do seu filho/filha? (porcentagem)	
72. Com que frequência a hostilidade é expressa fisicamente na relação de vocês?	
73. Com que frequência vocês tem estes comportamentos na presença do(s) seu(s)/sua (s) filho(s)/ filha (s)?	
74. Com que frequência a hostilidade é expressa verbalmente na relação de vocês?	
75. Com que frequência vocês tem estes comportamentos na presença do(s) seu(s) filho(s)?	
76. Com que frequência o afeto é expresso na relação de vocês?	
77. Com que frequência vocês tem estes comportamentos na presença do(s) seu/sua(s) filho/filha(s)?	
78. Eu me sinto à vontade no papel de líder.	
79. Eu tomo frequentemente as iniciativas e faço sugestões	
80. Eu defendo frequentemente minhas idéias, meus pontos de vista e meus objetivos.	
81. Até certo ponto, eu estou pronto a tomar uma decisão pelo o grupo a fim de que as coisas aconteçam.	
82. Eu estou pronto a insistir bastante para fazer valer minhas contribuições.	
83. Eu reconheço e elogio as contribuições válidas dos outros.	
84. Eu tento ouvir as sugestões dos outros.	
85. Eu tento estar atento(a) ao ponto de vista dos outros.	
86. Eu valorizo o trabalho de equipe.	
87. Em caso de desacordo, eu considero a possibilidade de um acordo entre as minhas sugestões e as dos outros.	
88. Eu prefiro cooperar.	
89. Eu consulto bastante as outras pessoas antes de tomar uma	

decisão.	
90. Às vezes, eu creio que nós devemos pôr de lado a lealdade por alguém para nos colocarmos na frente dos outros.	
91. Às vezes, eu acho necessário esconder as minhas intenções para o meu avanço na sociedade.	
92. Eu farei tudo o que for necessário para estar na frente dos outros.	
93. Uma pessoa ambiciosa não é muito leal para com os outros.	
94. Eu sou competitivo quando as chances estão à meu favor.	